



**ALMIR PANTOJA RODRIGUES**

**CRÔNICAS PORTUGUESAS EM JORNAIS PARAENSES NA SEGUNDA METADE  
DO SÉCULO XIX (1860-1870)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Letras da Universidade Federal  
do Pará, como requisito para a obtenção do  
grau de Mestre em Letras – Estudos Literários.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Germana Sales.

**BELÉM – PA**

**2008**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

---

Rodrigues, Almir Pantoja

Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX (1860-1870) / Almir Pantoja Rodrigues; orientadora, Germana Sales. ---- 2008.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2008.

1. Literatura. 2. Jornal e literatura. 3. Crônicas. I. Título.

CDD-20.ed.800

---

“O folhetinista é originado da França [...] De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos, por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.” (Machado de Assis)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família: Joelma (esposa) e Jean Felipe, João Felipe e Amanda Caroline (meus filhos) que muitas vezes suportaram minha ausência, a distância, mas que sempre souberam reconhecer a importância deste sonho para as nossas vidas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu sabedoria espiritual para conduzir este trabalho.

Aos meus pais Almir e Davina e irmãos Alcemir, Alciana, Graça, Aline, e Ana, pessoas que eu amo incondicionalmente e sempre me apoiaram nesta caminhada.

A minha orientadora, Professora Dra. Germana Sales, a quem carinhosamente refiro-me como meu anjo intelectual, agradeço pelas tão sábias orientações que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos meus Professores do Mestrado – Dra. Eunice Santos, Dra. Germana Sales, Dr. José Guilherme Fernandes, Dr. Luís Heleno Montoril, Dra. Marli Furtado, Dr. Sílvio Holanda e Dra. Valéria Augusti – pelas discussões acadêmicas que foram de grande valia no aprofundamento dos meus conhecimentos acadêmicos na área dos Estudos literários.

Ao meu amigo Marcelo Lobato, Mestre em Química, ser humano dotado de sentimentos nobres, que muito me inspirou e incentivou na realização deste sonho.

Ao meu amigo Paulo Maués, Mestre em Estudos Literários, pelas sábias e iluminadas orientações que foram, para mim, de grande importância para eu ingressar nesta caminhada.

A todos os meus familiares, amigos e conterrâneos da minha Terra Natal (Igarapé-Miri) que sempre me incentivaram e/ou contribuíram nesta jornada direta ou indiretamente. Referencio alguns nomes dentre uma infinidade de pessoas queridas: Maria de Assunção, Adamor Barbosa, Áurea Rodrigues, Bárbara Pantoja, Benedita Cardoso, Conceição Bastos, Joana Rita Aguiar, Jorge Santos, José Maria, Lídia Cláudia, Luís Sacramento, Ocineide Sousa, Oneide Sousa, Oscar Sousa, Rosângela, Rosinaldo Oliveira e Vicente Neto.

Ao Governo do Estado por ter viabilizado 30 (trinta meses) de bolsa de estudo em meu favor e por investir na formação continuada de Professores da Rede Estadual de Ensino por meio do projeto Bolsa Mestrado Doutorado.

## RESUMO

A coluna folhetim foi um espaço privilegiado para a divulgação de variedades nos jornais franceses do século XIX. Dentre essas variedades estavam textos curtos classificados como crônicas que, conquistavam os leitores pelas temáticas abordadas. Esse formato, após alcançar grande sucesso na Europa, não demorou a chegar ao Brasil, sendo divulgado no Rio de Janeiro, inicialmente no *Jornal do Comércio*. Essa prática se expandiu por todo o país, adquirindo os mesmos efeitos de circulação ocorridos na região européia, e no Pará alcançou maior divulgação a partir de 1850. Assim sendo, este trabalho pretende analisar a publicação de textos de autoria portuguesa que circularam como crônicas em jornais de Belém, na segunda metade do século XIX, especificamente, nas décadas de 1860, e 1870, objetivando verificar a circulação desse material e, por conseguinte, observar a relevância dos textos para a sociedade do período.

**Palavras-chave:** Crônicas portuguesas; jornais de Belém; século XIX.

## RÉSUMÉ

La colonne feuilleton a été un espace propice pour la diffusion de variétés dans les journaux français du XIXe siècle. Parmi ces variétés il y avait des textes courts, les chroniques, qui ont été largement acceptés par les lecteurs, en raison des thèmes abordés. Ce format, après avoir atteint un grand succès en Europe, n'a pas tardé à arriver au Brésil, d'abord à Rio de Janeiro, à travers les pages du Jornal do Comércio. Sans retard, ainsi comme dans l'Europe, cette pratique s'est développée dans tout le pays, et dans l'état du Pará, a obtenu une plus grande divulgation de 1850. En ce sens, ce travail de recherche vise la mise au jour publication de chroniques d'auteurs portugais, qui ont été publiés dans les journaux de Belém, à la deuxième moitié du XIXe siècle, en particulier dans les décennies de 1860 et 1870. Il vise aussi vérifier la circulation de ces matières et, par conséquent, observer l'importance de ces textes pour la société de cette période.

**MOTS CLÉS:** chroniques portugais ; journaux de Belém ; XIX siècle.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
 <b>CAPÍTULO I – HISTÓRIA DA CRÔNICA</b>	
1.1 Origem da <i>Crônica</i> .....	13
1.2 A <i>Crônica</i> no Brasil .....	15
1.3 Os Primeiros Cronistas .....	17
1.4 O vocábulo <i>Folhetim ou Feuilelton</i> .....	19
1.5 As Pesquisas sobre o Gênero <i>Folhetim</i> no Brasil .....	23
 <b>CAPÍTULO II – A IMPRENSA PARAENSE</b>	
2.1 A Consolidação da Imprensa no Pará .....	29
2.2 A Imprensa Paraense na segunda metade do século XIX .....	34
2.3 Crônicas Portuguesas .....	37
 <b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DE DADOS</b>	
3.1 Tabela 01 - textos literários no Jornal <i>Diário de Belém</i> (análise da Tabela I) .....	52
3.2 Tabela 02 - textos literários no Jornal <i>O Liberal do Pará</i> (análise da tabela II) .....	66
3.3 Tabela 03 – textos literários no <i>Jornal do Pará</i> (análise da tabela III) .....	69
3.4 Tabela 04 - textos literários no Jornal <i>Gazeta Oficial</i> (análise da tabela IV) .....	78
3.5 Tabela 05 - textos literários no Jornal <i>A Província do Pará</i> (análise da tabela V).....	80
 <b>Conclusão</b> .....	 87
<b>Bibliografia</b> .....	89
<b>Anexos</b> .....	91

## INTRODUÇÃO

O projeto *Crônicas Portuguesas em Jornais Paraenses na Segunda Metade do Século XIX (1860-1870)*,<sup>1</sup> surgiu a partir do mapeamento de textos publicados em jornais nas décadas de 1860 e 1870, do século XIX, trabalho desenvolvido primeiramente por Brenda de Cássia Farias Cavalcante, bolsista do PIBIC/ UFPA, e por nós ampliado.

Nesse projeto, que teve como um dos principais objetivos examinar as condições de escrita e leitura das décadas de 1860 e 1870, foi feito um levantamento de todos os textos literários encontrados nos jornais circulantes em Belém naquele período de vinte anos, como a *Gazeta Oficial*, o *Treze de maio*, *A Estrela do Norte*, *Jornal do Pará*, o *Colombo*, *Liberal do Pará* e *Diário de Belém*, *A Província do Pará*, *A Constituição* e a *Boa Nova*. De posse dessas informações, identificamos um número representativo de textos que foram publicados nas colunas *Folhetim*, *Variedades*, *Miscelânea* e *Litteratura*, como as crônicas de autoria portuguesa que fizeram parte das leituras na Província do Pará, na segunda metade do século XIX.

Este trabalho é, portanto, o resultado da pesquisa feita em alguns periódicos paraenses, e serve para mostrar que o veículo jornal foi responsável pela criação e popularização de certos gêneros literários, como, por exemplo, a crônica. Enfim, é um estudo que busca demonstrar a estreita relação entre jornal e literatura na imprensa paraense, assim como objetiva analisar a circulação de um material que contribuiu para o desenvolvimento da História da Leitura e História da Literatura no Brasil.

Para isso, estruturamos este trabalho em três capítulos. Inicialmente, mostramos que o vocábulo *folhetim* possui vários significados, conforme ressalta Antonio Candido (2006), para depois abordarmos a origem e a evolução da crônica a partir de um espaço considerado “sem

---

<sup>1</sup> Estudo integrado à linha de pesquisa História e Recepção da Literatura no Brasil e ao Projeto Lendo o Pará: publicação do romance-folhetim nos jornais de Belém do Pará na segunda metade do século XIX (1850-1880), coordenado pela Professora Doutora Germana Maria Araújo Sales, com apoio do CNPq.

importância”. Neste capítulo, referenciamos também as pesquisas existentes no Brasil em torno da temática folhetim.

No segundo capítulo, relatamos, com base na História do Pará, como surgiu e se desenvolveu a imprensa na Província no Grão-Pará, inaugurada por Felipe Patroni, para então mostrar quais foram os textos de autoria portuguesa que circularam em terras paraenses nas páginas dos jornais.

No terceiro e último capítulo, desenvolvemos a análise de dados das tabelas contendo as informações sobre textos com características literárias, além de apresentarmos informações sobre os jornais que serviram como fonte de pesquisa para o desenvolvimento desta Dissertação, que intenta verificar a circulação e divulgação desse material e, por conseguinte, observar a relevância desses textos para a sociedade do período.







## 1.1 ORIGEM DA *CRÔNICA*

A crônica é um gênero narrativo que circula entre nós há mais de um século. Aparentemente caracterizada pela simplicidade e efemeridade, revela sua complexidade no momento de defini-la e compreendê-la na qualidade de texto literário, em decorrência das discussões provocadas pelo fato de ser ela um texto originado num espaço de jornal, o *folhetim*. Antes de adentrarmos nas discussões sobre a origem, desenvolvimento, características e estatuto artístico, cabe uma explicação sobre a etimologia da palavra. Para isso, recorreremos às conceituações de Massaud Moisés sobre esse gênero.

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. Situada entre os anos e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhe as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Afonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo “crônica” cedeu a vez a “história”, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo. Não obstante, o vocábulo ainda continuou a ser utilizado, no sentido histórico, ao longo do século XVI, como por exemplo, nas *Chronicles of England, Scotland, and Ireland* (1577), de Raphael Holinshed, ou nas *chronicle plays*, peças de teatro calcadas em assunto verídico, como não poucas de Shakespeare.<sup>2</sup>

A explicação etimológica dada à crônica por esse estudioso da Literatura brasileira mostra que ela adquiriu vários significados no decorrer do tempo, antes de chegar à sua acepção moderna. Num primeiro momento, isso justifica as inúmeras controvérsias a respeito

---

<sup>2</sup> MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. Prosa II. São Paulo: Ed. Cultrix, 1967, p. 101.

desse tipo de texto que desde o século XIX tem seu espaço físico garantido nas páginas dos jornais brasileiros.

Vários estudiosos já se propuseram a desenvolver estudos sobre a possível origem da crônica e sua evolução no Brasil, como Davi Arrigucci Jr, no ensaio *Fragmentos sobre a crônica*, no qual explica o aparecimento desse gênero narrativo:

Quando aparece entre nós, na segunda metade do século XIX, a crônica já lida com uma matéria muito misturada: a matéria do folhetim, pedaço de página por onde a literatura penetrou fundo no jornal, tratando dos temas mais diversos, as com predominância dos aspectos da vida moderna. O cronista é primeiro folhetinista, como o Alencar de **Ao correr da pena**, colaborador do **Correio Mercantil** do Rio, em 1854 e 1855. Ali o escritor iniciante já sentia sob o signo de Proteu: a matéria mutável e meio monstruosa obrigava o folhetinista a percorrer todo tipo de acontecimentos, com uma volubilidade de *colibri a esvoaçar em ziguezague*.<sup>3</sup>

Além de Arrigucci, outros se dedicaram a pesquisar sobre a história da crônica, a exemplo de Marlyse Meyer<sup>4</sup> que se dedicou a contar uma história sobre o lugar de origem, o desenvolvimento e a formação desse gênero narrativo.

Para ela, a história da crônica brasileira tem suas origens num espaço dos jornais franceses chamado *le feuilleton*, um lugar preciso do jornal, o rodapé da primeira página, onde eram publicados textos que teciam comentários sobre os acontecimentos a semana e tinham a finalidade de informar o leitor. Esse modelo popularizado nas páginas dos jornais franceses foi trazido para o Brasil na segunda metade do século XIX e passou a circular nos periódicos brasileiros.

Massaud Moisés, como Meyer, também considera a crônica um gênero narrativo que tem suas origens nas páginas dos jornais franceses.

Assim entendida, a crônica teria sido inaugurada pelo francês Jean Louis Geoffroy, em 1800, no *Journal des Débats*, onde periodicamente estampava *feuilletons*. Seus imitadores entre nós, aparecidos depois de 1836, traduziam o termo “folhetim”, mas já para a derradeira quadra do século a palavra “crônica” principiou seu curso normal.<sup>5</sup>

<sup>3</sup> ARRIGUCCI JR., Davi. “**Fragmentos sobre a crônica.**” – Folha de São Paulo, 01/05/1987.

<sup>4</sup> MEYER, Marlyse. **Voláteis e Versáteis. De Variedades e folhetins. De Variedades e Folhetins se fez a crônica.** In: CANDIDO, Antonio. *A crônica e suas transformações no Brasil*. Campinas. SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.

<sup>5</sup> MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1982, p. 132.

O ponto de vista comum desses dois teóricos sobre a origem da crônica mostra a intrínseca relação entre a literatura brasileira e a literatura estrangeira por meio do *folhetim*.

## 1.2 A CRÔNICA NO BRASIL

Já mencionamos que a crônica brasileira tem suas origens nas páginas dos jornais franceses. Para mostrar como se deu a trajetória desse gênero no Brasil, nos faremos acompanhar das obras *A Crônica*, de Jorge de Sá e *A vida ao rés-do-chão*, de Antonio Candido.<sup>6</sup> Antes, porém, de relatarmos como se desenvolveu o gênero crônica, vale ressaltar que os estudos acima mencionados, assim como os demais textos aqui analisados, foram em grande medida responsáveis e serviram de ensaio e base para a fixação e desenvolvimento da crônica como gênero narrativo na sua acepção moderna, aqui entendidas como as produções escritas publicadas nas páginas dos jornais brasileiros dos anos oitocentos, e que abordavam variados assuntos, como moda, política, religião, cultura, fatos da vida cotidiana. A esse respeito, Jorge de Sá, como Meyer, afirma que a crônica atual teve sua origem a partir da circulação do folhetim, espaço do jornal onde eram publicados contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo que tivesse relação com o cotidiano do leitor, com o intuito de informar. Desses textos que apresentavam características informativas é que surge a crônica atual.

Jorge de Sá atribuiu a Paulo Barreto<sup>7</sup> o processo de modificação da crônica. Esse jornalista percebeu que a modernização do espaço urbano e a evolução da cidade, exigiam mudanças de comportamento daqueles que eram responsáveis por escrever nos jornais sobre os fatos do dia-a-dia do leitor. Essa constatação levou-o a sair da redação do jornal, onde aguardava as informações, e ir até o local em que os fatos ocorriam para melhor investigá-los

---

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

<sup>7</sup> João Paulo Emílio Cristovão dos Santos Coelho Barreto, jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro em 5 de agosto de 1881 e faleceu em na mesma cidade em 23 de junho de 1921.

e dar-lhes mais vida ao transformar a informação em textos. Para isso, foi necessário à imprensa chegar mais perto dos morros, dos lugares refinados, da fina flor da malandragem carioca, isto é, dos lugares onde os fatos aconteciam.

Assim, João do Rio<sup>8</sup> deu aos textos que eram publicados na coluna do jornal chamada de *folhetim* uma nova feição: construiu uma nova sintaxe, provocando mudanças referentes à linguagem e à própria estrutura dos textos em folhetim, e conseqüentemente conferiu outro estatuto à profissão de jornalista.

Jorge de Sá afirma que as modificações atribuídas a Paulo Barreto nos textos que antes eram publicados sob outro enfoque consagraram-no como cronista mundano por excelência, e deram à crônica uma linguagem mais “literária”, que, posteriormente, foi enriquecida por outros cronistas, a exemplo de Rubem Braga.

Sobre a crônica, Antonio Candido afirma que esse gênero narrativo não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns 150 anos mais ou menos. No Brasil o gênero tem uma boa história e até se poderia dizer que sob vários aspectos pode ser considerado brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia-a-dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção “Ao correr da pena”, título significativo em cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.<sup>9</sup>

A abordagem de Candido sobre a crônica reforça os estudos de Jorge de Sá, pois ambos

---

<sup>8</sup> Pseudônimo de Paulo Barreto.

<sup>9</sup> CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 15.



discutem o aparecimento desse gênero a partir de um espaço do jornal denominado *folhetim*.

Antonio Candido ressalta ainda que a crônica ajusta-se à sensibilidade de todo dia, por abordar assuntos de composição aparentemente solta, com ares de coisa sem necessidade e serve de caminho não só para a vida, mas para a literatura. No entanto, as reflexões teóricas sobre esse novo gênero caracterizado pela efemeridade, que surgiu para ser publicado nas páginas do jornal, não possuía uma dimensão universal e nem um lugar elevado se comparado, por exemplo, a outros gêneros já consagrados pela crítica literária, conforme observamos no fragmento a seguir:

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria atribuir o prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.<sup>10</sup>

No entanto, Candido afirma que a classificação dada à crônica a afasta dos textos considerados clássicos pelo fato de ela não possuir uma regra estabelecida de construção e estar mais perto do público, servindo não só de caminho para a vida, mas para a literatura.

### **1.3 OS PRIMEIROS CRONISTAS BRASILEIROS**

Já vimos que a história da crônica é longa, antiga e representada por grandes cronistas. E no Brasil, quem foram os pioneiros a cultivar esse gênero narrativo? Recorrendo novamente aos estudos de Jorge de Sá, observamos que ele atribui a Pero Vaz de Caminha o título de primeiro cronista brasileiro. O pioneirismo de Caminha, para o autor, está antes no fato de que o escrivão estabelece, na célebre Carta do Descobrimento, os primeiros parâmetros na arte de bem captar e descrever fatos do cotidiano, do que nas suas qualidades propriamente literárias e artísticas.

A Carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo do cronista, oferecendo-lhe a

---

<sup>10</sup> Ibidem, p.13.

matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a Carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível: sua importância histórica e sua presença constante até mesmo nos modernos poemas e narrativas parodísticos atesta que, pelo menos ela é um começo de estruturação, é o marco inicial de uma busca que, inevitavelmente, começaria na linguagem dos “descobridores” que chegavam à Terra de Vera Cruz, até que um natural dos trópicos fosse capaz de pensar a realidade da nova terra pelo ângulo brasileiro, recriando-a por meio de uma linguagem conforme os padrões lusitanos.<sup>11</sup>

Esse estudioso da crônica afirma ser indiscutível o fato de a Carta de Caminha ser a criação de um cronista no melhor sentido literário do texto, pois “ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva”<sup>12</sup>

A citação abaixo é um fragmento da Carta de Caminha, transcrita por Jorge de Sá que, de acordo com o autor, apresenta detalhes aparentemente insignificantes, mas fiéis às circunstâncias, em que todos os elementos se tornam decisivos para que o texto transforme a pluralidade de retalhos em unidade significativa. Esse ponto de vista do autor mostra que a carta apresenta características equivalentes aos textos caracterizados, posteriormente, como crônicas.

“(…) E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas. Aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova, uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, e cascavéis e campainhas. E mandou com eles para ficar lá um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a quem chamam Afonso Ribeiro, para andar lá com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho”<sup>13</sup>.

Estudos recentes, como os de Alcir Pécora,<sup>14</sup> apresentam o texto de Caminha como pertencente ao gênero carta, que desde pelo menos o século IV era elaborado segundo

<sup>11</sup> SÁ, Jorge. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985, p. 05.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 05.

<sup>13</sup> Fragmento da Carta de Caminha.

<sup>14</sup> Mestre e Doutor em Teoria Literária pela UNICAMP.

procedimentos retóricos rígidos, e havia sido objeto de inúmeras formulações teóricas a partir dos séculos XI e XII na Itália. A Carta, documento de posse das terras do Brasil, foi publicada apenas no século XIX e está dividida conforme as normas teóricas de organização do discurso.

Mas o aparecimento dos primeiros cronistas no sentido de publicar textos nas páginas dos jornais brasileiros ocorreu na segunda metade do século XIX com a imitação do folhetim francês, como já dissemos anteriormente. Massaud Moisés<sup>15</sup> informa que José de Alencar e Machado de Assis foram, entre outros, escritores a cultivar essa modalidade literária. Além de Massud Moisés, também Meyer e Candido referem-se a Alencar e Machado como cronistas brasileiros do século XIX.

O fato de em seus primeiros passos ter tido representantes renomados da literatura brasileira como Alencar e Machado permite inferir que a crônica não é um gênero tão comum como muitos supõem, mas sim um gênero marcado pela simplicidade de fatos cotidianos, abordados a partir de temas variados nas páginas dos periódicos do século XIX, nas colunas *Folhetim*, *Miscelâneas*, *Variiedades e Litteratura*, conforme já mencionamos anteriormente.

#### **1.4 O VOCÁBULO *FOLHETIM* OU *FEUILLETON***

Como neste trabalho estamos abordando a circulação de crônicas em jornais brasileiros do século XIX, que têm sua origem associada à coluna *folhetim* dos jornais franceses, faz-se necessário assinalar os significados atribuídos à palavra *folhetim*. Além de verificar as diferentes significações dadas ao termo, é importante também referenciar as pesquisas existentes sobre o assunto no Brasil para que possamos ter uma visão mais ampla de como esta temática é abordada por aqui.

De acordo com os estudos de Antonio Candido o *folhetim*, ou *feuilleton*, em francês,

---

<sup>15</sup> MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. Prosa II. São Paulo: Cultrix, 1967, p. 102.

esposa tantos significados quanto são os gêneros ali tratados, desde a crônica noticiosa até a narrativa ficcional. Mas, como já mencionamos, o objeto de pesquisa, deste estudo, é a crônica e, muito especialmente as de autores portugueses, publicadas em jornais paraenses na segunda metade dos anos oitocentos.

Massaud Moisés nos informa que o vocábulo folhetim, que em espanhol significa *folletin*, diminutivo de *folleto*, folheto; em francês *feuille*, folha, ocorreu pela primeira vez no final do século XVIII, em 1790. A novidade, criada na França pelo Abade Geoffroy no *Journal des Débats*, era inicialmente um artigo de crítica dramática que logo depois foi copiado por outros escritores franceses. No decorrer do tempo, outros assuntos passaram a ser tratados nele.<sup>16</sup>

Marlyse Meyer, assim como Massaud Moisés, procura conceituar o termo. Ela nos informa que no começo do século XIX o folhetim designava um espaço físico dos jornais franceses, especificamente o rodapé ou *rez-de-chaussé* (rés-do-chão), chamado até então de *varietés* (variedades), *mélanges* (miscelâneas), ou *feuilleton*, sendo este último o termo mais geral que englobava todo tipo de publicação, como receitas culinárias, dicas de beleza, piadas, charadas, comentários políticos ou crimes. Era aberto às novidades e considerado um espaço frívolo, sem valor.

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõe charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos, o esboço do caderno B, em suma. E numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços no gênero, curtas ou menos curtas – adota-se a moda inglesa de publicação em série se houver mais texto e menos colunas.<sup>17</sup>

Amparada nos estudos de Marlyse Meyer, Yasmin Jamil Nadaf, na sua obra *Rodapé das Miscelâneas*, reitera que o *folhetim* foi originado da imprensa francesa da primeira metade do século XIX e teve uma história de vida, paixão e morte na primeira metade do século XX.

<sup>16</sup> MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. Prosa II. São Paulo: Ed. Cultrix, 1967, p. 101.

<sup>17</sup> MAYER, Marlise. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.57-58.

Essa estudiosa afirma que ele

Nasceu da pura necessidade de gerar prazer e bem-estar aos leitores ou ouvintes de jornais, cansados de verem os enfadonhos reclames oficiais ocuparem as páginas dos periódicos. Isto, em decorrência da autoritária medida de Napoleão I de restabelecer a censura à imprensa e aos livros que se haviam acostumado a respirar livremente durante a Revolução Francesa.<sup>18</sup>

Nota-se que o Jornal passou a ser um meio de popularização da leitura, tornando-a mais acessível a uma parcela da população que, seja pela censura, seja por outras dificuldades, não tinha possibilidade de acesso a textos que muitas vezes eram destinados a um público seletivo, elitizado. Graças à circulação cotidiana nas páginas dos jornais, esses textos acabaram por entrar na vida e na rotina das pessoas “comuns”.

Nadaf<sup>19</sup> nos conta ainda que o espaço *feuilleton*, como era chamado, teve a seu serviço o rodapé da página do jornal, geralmente as primeiras, e se apresentava separado por um fio horizontal, conforme demonstra a ilustração de um importante jornal francês do século XIX.



Figura 1: Jornal francês *Le Siècle*  
Fonte: Microfilmes Biblioteca Nacional

<sup>18</sup> NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 17.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 17.

Nesse espaço eram publicados artigos de crítica, crônicas e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, comentários de acontecimentos mundanos, piadas, receitas de beleza e de cozinha, boletins de moda, entre outros assuntos de entretenimento. Nadaf informa que devido à miscelânea de assuntos tratados concomitantemente, o folhetim era, a esse tempo, sinônimo de *variedades*.

O *Feuilleton* começou a se tornar um espaço importante do jornal para os proprietários, autores e leitores, quando nele passou-se a publicar histórias de ficção em série, conforme observa Nadaf:

Com esse perfil, a nova modalidade jornalística chegou até a Revolução Burguesa, em 1830, quando o esperto proprietário do jornal francês *La Presse*, Émile de Girardin, de olhos voltados para a popularidade que o mesmo vinha conquistando junto ao público leitor de jornais, associou-se a um colega, Dutacq, do jornal *Le Siècle*, para lançar, nesse rodapé, a ficção em partes. Girardin, segundo Marlyse Meyer, foi pirateado logo de saída pelo sócio, que a partir de 5 de agosto de 1836 lançou no folhetim do seu jornal, em fatias seriadas, o primeiro clássico da picaresca espanhola *Lazarillo de Tormes*, autor anônimo.<sup>20</sup>

Estava lançado o romance-folhetim, sucesso garantido no século XIX, inicialmente nas páginas dos jornais franceses e depois em outros lugares onde a imprensa se fez presente.

É importante ressaltar a diferença entre *romance-folhetim* e *romance em folhetim*. O primeiro, criado pelo autor folhetinista com o objetivo de circular nas páginas dos jornais e havia preocupação com os cortes de capítulos e a sucessividade da narrativa, como ressalva Jean-Louis Bory, citado por Yamsin Jamil Nadaf.

O romance-folhetim é antes de tudo determinado pelas condições de sua existência: ele se destina ao mais vasto público possível, por meio da imprensa, que o publica por blocos. Eis a primeira regra do gênero: ele deve não somente admitir estes cortes, mas se alimentar deles, retirar os efeitos, uma estética – através dos elementos principais: o episódio e a série (...). É preciso que o episódio publicado seja não somente um todo – que satisfaça uma certa expectativa do leitor – mas que renove esta espera, crie o que nós chamamos hoje de “o suspense”. É sobretudo no corte, senhor, que o verdadeiro folhetinista se reconhece. É preciso que cada número caia bem, que se ligue ao seguinte por uma espécie de cordão umbilical, que ele chame a atenção, que desperte o desejo, a impaciência de se ler a continuação. O senhor falava da arte, há pouco; eis a arte. É a arte de fazer desejar, de se fazer esperar.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> NADAF, Yasmin Jamil. *Op. cit.* p. 17-18.

<sup>21</sup> BORY, Jean-Louis, apud NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas** – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002, p. 20.

Já o romance *em folhetim* não era escrito com a finalidade de ser publicado no jornal. A intenção inicial era fazê-lo circular em livros. Por isso, mesmo que esse tipo de romance percorresse as páginas dos jornais, seria notável certa diferença, principalmente quanto ao corte do capítulo e a sucessividade da narrativa. Era o romance caracterizado como literário.

O folhetim transformou-se num espaço popular do gênero literário, embora pouco aclamado pela crítica conforme afirma Antonio Candido (2006). No entanto, foi sustentado pela curiosidade popular.

### **1.5 As pesquisas sobre o gênero *folhetim* no Brasil**

A coluna folhetim dos jornais oitocentistas da Europa e do Brasil foi responsável pela publicação de textos com características literárias. Entre esses textos, estudos apontam, com frequência, a presença do gênero folhetim. Por isso, julgamos importante, no âmbito deste trabalho, abordar não somente o folhetim como espaço literário, mas também apresentar uma breve leitura panorâmica sobre os estudos desenvolvidos a respeito do gênero folhetim no Brasil.

Inicialmente, referenciemos José Ramos Tinhorão e Marlyse Meyer, pois cronologicamente esses dois estudiosos são os primeiros a dedicar-se, no Brasil, à pesquisa sobre o fenômeno intitulado folhetim, rico em aspectos culturais populares e importante na consolidação do romance brasileiro, e de grande importância para a historiografia literária.

Em 1994, José Ramos Tinhorão apresenta um dos primeiros estudos sobre o folhetim no Brasil, intitulado *Os romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)*. Trata-se de um trabalho que, em sua essência, revela o espírito do romance romântico que, segundo o autor, baseado em estudos apresentados por Brito Broca, tem a sua gênese provavelmente nos melodramas, vindos do esquema do teatro popular, conforme nos apresentam os fragmentos, a

seguir:

Os melodramas de fato, dirigindo-se a um público novo e sem tradição cultural, exploravam no palco não situações que levassem a pensar ou exigissem algum nível de informação paralela, mas as ações mirabolantes e situações patéticas, fazendo repousar o interesse de seus enredos em torno de um trio de personagens típicos: a vítima (que sofria as injustiças particulares ou sociais e excitava a piedade), o vilão (que encarnava a maldade humana ou a prepotência do poder e inspirava horror, medo ou revolta) e o herói ou vingador (o representante do Bem que, contando às vezes com a Providência, interferia em favor das vítimas e provocava admiração).<sup>22</sup>

Foi, de fato com o uso desses três elementos [...] que as longas novelas em capítulos publicadas em rodapés de jornal [...] levaram a então recente criação do romance romântico a descer ao povo, para transformar-se na primeira expressão ficcional demassa da esra moderna.<sup>23</sup>

Além de explicar o espírito do romance romântico, Tinhorão aborda, entre outros pontos, dois aspectos importantes nas pesquisas sobre o folhetim: o desenvolvimento do romance romântico no Brasil e a popularidade desses folhetins.

Também relevante para a história folhetinesca é o estudo de Marlyse Meyer, intitulado *Folhetim, uma história* (1996). Uma das pioneiras nessa temática, ela mergulha no mundo da “baixa-cultura”, tendo como *corpus* de estudo textos literários que circularam em rodapés de jornais do Brasil. Nesse estudo, observamos que a pesquisadora apresenta uma descrição detalhada, precisa e objetiva sobre a ascensão do folhetim, relatando a sua origem na França, com o pioneiro Émile Girardin, e o seu desenvolvimento no Brasil.

Marlyse Meyer aborda o folhetim não só do ponto de vista historiográfico, mas também percorre as narrativas publicadas na imprensa, revelando o mundo das personagens, analisando a participação dos leitores em relação ao prolongamento e sucesso das histórias nos jornais. Outro aspecto relevante que encontramos na obra da autora foi a tarefa de estabelecer a importância social e cultural da literatura em folhetim.

Em nota prévia à obra de Meyer, Antonio Candido ressalta o quanto o livro é importante para a investigação e a revisão da história literária brasileira:

<sup>22</sup> TINHORÃO, José Ramos. **Os Romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)**. São Paulo: Duas cidades, 1994, p. 8.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 9.



Aqui está um livro notável sob muitos pontos de vista: é a contribuição pessoal a um assunto mal estudado no Brasil; é a prova de rara capacidade de investigação; é revisão a fundo de noções mal apreendidas por todos nós que, no passado e no presente, estudamos a literatura brasileira. Sobretudo em relação as suas fontes européias.<sup>24</sup>

Mais uma contribuição no estudo de folhetins é a pesquisa de Tânia Rebelo Costa Serra<sup>25</sup>, *Antologia do romance – folhetim (1839 a 1870)*, publicada em 1997. Trata-se de um trabalho que, segundo a própria autora, além de oferecer um interesse didático, principalmente para a comunidade universitária, traz à tona um momento da história literária no Brasil ao analisar textos que nunca foram publicados no século XX.

A antologia divide-se em duas partes. Na primeira, apresenta os autores e textos que foram os precursores na técnica do folhetim, como de João Manuel Pereira da Silva<sup>26</sup> que publicou o romance histórico *O aniversário de Dom Miguel em 1828*. Na segunda, aqueles considerados os consolidadores do romance – folhetim no Brasil, a exemplo de Antônio Gonçalves, Teixeira e Sousa<sup>27</sup>, Joaquim Manuel de Macedo<sup>28</sup>, dentre outros.

Seguindo os mesmos passos de Marlise Mayer, Yasmin Nadaf (2002), desenvolve um estudo sobre a divulgação do folhetim na imprensa do Mato Grosso, intitulado “*Rodapé das Miscellâneas – o folhetim nos jornais do Mato Grosso (séculos XIX e XX)*”. A obra aborda a especificidade e o desenvolvimento histórico do folhetim, que apareceu no Rio de Janeiro quase contemporaneamente à sua criação na França, além de verificar a sua ocorrência no Estado do Mato-Grosso, fato importante para a consolidação do gênero no Brasil, como observa Mayer:

Há, portanto, como revela o estudo, uma especificidade do folhetim mato-grossense, e uma autonomia com relação às matrizes francesa e carioca. Eis, assim, uma

<sup>24</sup> MEYER, Marlise. **Folhetim, uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 13.

<sup>25</sup> SERRA, Tania Rebelo Costa Serra. **Antologia do romance-folhetim (1839-1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

<sup>26</sup> Nasceu em 1817 e morreu em 1898. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e é considerado um dos mais importantes precursores do romance-folhetim do começo do Romantismo brasileiro.

<sup>27</sup> Nasceu em 1812 e morreu em 1861. Tem sido considerado por diversos críticos como autor do primeiro romance da literatura brasileira intitulado *O filho do pescador* (1843), embora prevaleça *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo como o primeiro romance brasileiro.

<sup>28</sup> Nasceu em 1820 e morreu em 1882. Lançou-se na Literatura com o romance *A Moreninha* (1844).

excelente contribuição para o conhecimento da imprensa mato-grossense e, por extensão, da ainda tão lacunar história da imprensa no Brasil.<sup>29</sup>

Neste estudo, fica evidente um dos principais objetivos a que a autora se propõe: o de preencher as lacunas existentes em relação à literatura mato-grossense e ao mesmo tempo complementar a memória escrita da Região, resultando num trabalho amplo sobre o desenvolvimento do folhetim.

Do Rio Grande do Sul surge outra contribuição para a história da literatura e do folhetim no Brasil. Assim como Nadaf faz uma revisão sobre a literatura do Mato Grosso, Antônio Hohlfeldt descreve novas perspectivas de leitura existentes no Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX.

Hohlfeldt apresenta a trajetória e a tipologia do romance-folhetim, além de fornecer um rico anexo que possibilita ao leitor uma visão detalhada sobre a maneira como a técnica folhetinesca se desenvolveu no Rio Grande do Sul.

E, por último, temos a mais recente publicação brasileira em termos de pesquisa sobre textos e folhetins publicados em jornais brasileiros do século XIX. A obra *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX* (2007), de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, na qual a autora desenvolve um trabalho com o objetivo de mostrar que os jornais paraibanos não tiveram tão somente o papel de “arquivos de textos”, mas foram também o principal meio de divulgação da cultura letrada nessa Região. A autora mostra como os jornais do século XIX têm relação direta na formação da literatura brasileira, como, por exemplo, na divulgação de determinados gêneros literários - o conto, a crônica e o romance.

Com a intenção de expor os objetivos de sua obra, Socorro Barbosa afirma:

(...) um dos propósitos deste livro é o de tentar restaurar as práticas discursivas da época, através da “recuperação” dos modos como a linguagem dos jornais e periódicos foi responsável pela constituição e circulação de alguns gêneros literários apagados pela história da literatura.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Fragmento extraído da contra capa do Livro de *Rodapé das Micelâneas*, de Yasmin Jamil Nadaf.

<sup>30</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p. 17.

Neste breve levantamento bibliográfico, observamos que os pesquisadores abordam como temática principal o *folhetim* do século XIX que além de ter deixado uma imensa contribuição para a História da Leitura, serviu para o aprofundamento de estudos a respeito da Literatura Brasileira. Afinal, essas obras em conjunto fazem uma revisão dos estudos sobre a temática folhetim no Brasil e sua intrínseca relação com o contexto europeu.



## 2.1 A Consolidação da Imprensa no Pará

No Pará, o aparecimento da imprensa foi posterior à sua implantação na Corte em 1808.<sup>31</sup> Foi um momento marcado por intensas lutas políticas que envolveram nativos da Região e portugueses.

De acordo com Benedicto Monteiro, em 1820, o jornalista Felipe Alberto Patroni<sup>32</sup> retornou ao Pará após anos de estudos fora do país para implantar os ideais liberais referentes à defesa da constitucionalização em favor da Província do Pará.<sup>33</sup>

O historiador paraense nos informa que a luta de Patroni, em janeiro de 1821, pelo movimento constitucionalista a favor do Grão-Pará e pela autonomia do Brasil foi frustrada. Suas reivindicações diante da Corte foram ignoradas, conforme podemos observar no discurso em que ele relata ao Rei de Portugal a situação sócio-política que a província paraense estava submetida:

É, porém, infelicidade, não sei se minha, se da Província em que nasci, se da nação a que pertenço, se de Vossa Maestade que a rege, todas as vezes que entro nesta casa, não entro eu para outro fim que não seja acusar o desleixo, e nenhuma energia dos agentes do poder, com quem Vossa Majestade tem repartido a autoridade.<sup>34</sup>

A frustração de Felipe Patroni levou-o a encontrar um meio de denunciar o parasitismo militar, a violência e o arbítrio do governo local.<sup>35</sup> Junto com Domingos Simão da Cunha, José Batista Silva e Daniel Garção Melo, que também lutavam contra os desmandos da coroa portuguesa, comprou, em Portugal, uma tipografia completa que foi instalada em Belém com o principal objetivo de lançar um jornal que criticasse a administração política do sistema dominante na Região, almejando a separação do Brasil de Portugal. Surgiu, assim, o primeiro jornal da Amazônia, intitulado *O Paraense*. Esse periódico denunciava a realidade à qual

<sup>31</sup> No Brasil, a implantação da imprensa deu-se em 13 de maio de 1808 com a chegada D. João VI, momento que surgiu a necessidade de se fazer imprimir os atos do governo e de divulgar notícias interessantes à Coroa Portuguesa.

<sup>32</sup> Nasceu no município de Acará, no Pará, em 1794 e morreu em 1866. Foi jornalista patriota e fundador do jornal *O Paraense*.

<sup>33</sup> MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2006, p. 99.

<sup>34</sup> ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: Distribel, 2001, p. 31.

<sup>35</sup> MONTEIRO, Benedito. *Op. Cit.*, p. 100.

vivia submetida a população do Pará.

Por meio dessa folha de notícias foram propagadas críticas severas em relação à política dos portugueses na Amazônia, denunciando as reações violentas vindas dos representantes da Coroa que possuíam o domínio político e econômico da Região. Efetivamente, a imprensa criticava os atos administrativos e paralelamente fazia a divulgação dos ideais de liberdade vindos da Europa. Os primeiros idealistas que conspiravam pela liberdade conheciam muito bem a força e o poder da palavra impressa e tornaram-se os pioneiros nesse processo de informação, denúncia e expressão ideológica.

Nesse sentido, podemos afirmar que a imprensa no Pará surgiu como meio de expressão dos ideais liberais em favor dos nativos, pregando a libertação política e abrindo espaço, posteriormente, para a intensificação das lutas políticas na Amazônia, como quer Benedicto Monteiro.

O primeiro número d' *O Paraense* data de uma quarta-feira, 22 de maio de 1822 e apresentava como matéria principal a *Lei da Liberdade de Imprensa*, na seção intitulada *Notícias Nacionais*.

As informações sobre o período inicial de circulação do primeiro jornal paraense encontram-se no catálogo dos jornais paroaras<sup>36</sup>, localizado no setor de microfilmagem da Biblioteca Arthur Viana, no Centur.<sup>37</sup> Segundo Nelson Paulo Roberto Ferreira,<sup>38</sup> esse jornal deixou de circular em fevereiro de 1823, em sua 70ª edição, seis meses antes da então província do Pará aderir à independência do Brasil.

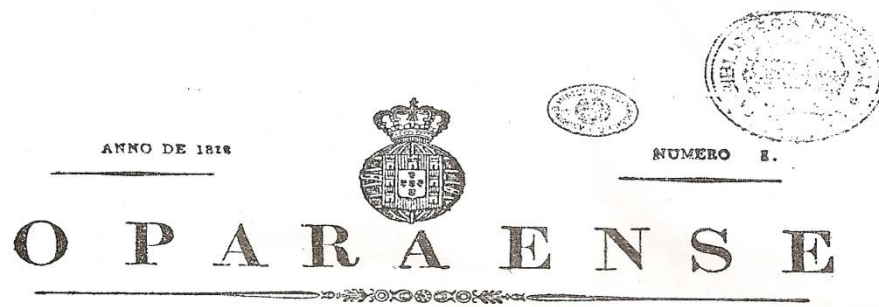
---

<sup>36</sup> Jornais Paroaras: catálogo, Belém, Secdet, Belém, 1985.

<sup>37</sup> Fundação Cultural Tancredo Neves.

<sup>38</sup> Autor do artigo *Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia*, publicado no site [www.redealcar.jornalismo.ufsc.br](http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br)





QUARTA FEIRA 22 DE MAIO.

NOTICIAS NACIONAES.

LEI DA LIBERDADE DA IMPRENSA.

Dom Joaõ por Graça de Deos, e pela Constituição da Monarquia, Rei do Reino Unido de Portugal, Brazil, e Algarves, d' aquem d' alem Mar e n Africa, etc. Faço saber a todos os meus Subditos que as Cortes Decretáraõ o seguinte:

As Cortes Gerais, Extraordinarias da Nação Portuguesa querendo desenvolver, e determinar os principios, que sobre a Liberdade da Imprensa estabelecidas são nos Artigos oitavo, nono, e decimo das Bases da Constituição, por conhecerem que aquella Liberdade he o apoio mais seguro do Sistema Constitucional, Decretaaõ o seguinte:

TITULO I.

Sobre a extensão da Liberdade da Imprensa.

Art. I. Toda a pessoa pôde da publicação desta Lei em diante

imprimir, publicar, comprar, e vender nos Estados Portuguezes quaesquer Livros ou Escriptos sem previa censura; e só com as declarações seguintes:

Art. II. A faculdade de imprimir qualque Livro, ou Escripto original, ou traduzido, constitue propriedade vitalicia de seu Author ou Tradutor, a qual ainda pertencerá a seus herdeiros, e successores por espaço de dez annos. Quando o Author, ou Tradutor for Sociedade Literaria, ou outra qualque Corporação, gozará da mesma propriedade por tempo de sesenta annos.

Art. III. Quem imprimir qualque Livro ou Escripto, que nos termos do Artigo antecedente constitua propriedade de outrem, perderá todos os exemplares d'elle para o Proprietario; e se não chegarem ao numero de mil, pagará mais o valor dos que faltarem para preencher este numero.

Figura 2: Jornal *O Paraense*

Fonte: Microfilmes Centur

*O Paraense* era composto de cinco páginas, cada uma dividida em duas colunas. As matérias traziam notícias nacionais, artigos que apresentavam as bases da Constituição, ordens expressas diretamente da Corte, reflexões sobre o Estado do Pará, relatando inclusive a submissão vivida pelo povo nativo da região, divulgação dos preços de gêneros vendidos no país, como por exemplo, o cacau, o algodão ensacado, a farinha d'agoa<sup>39</sup>, o pirarucu, o cravo, entre outros, além de apresentar, na última página, um de suplemento de notícias.

Na parte superior do jornal, na primeira página, encontravam-se informações referentes

<sup>39</sup> No século XIX a expressão farinha d'água era grafada d'agoa, conforme registrou o jornal.

à data, número da edição e o título do jornal, em caixa alta.

O conteúdo apresentava uma linguagem que, de forma direta, atingia aqueles que dominavam a Província, além de externar as opressões pelas quais passava parte da população paraense, como observamos no fragmento a seguir:

Tempos luctuosos tempos de desolação. Afastai-vos d'huma vez das doces, e deliciosas Campinas, que regão as agoas do guajará, e amazonas. O dia, que tanto [...] ansioso, o Nobre povo paraense, hum povo digno certamente da maior ventura, chegou em fim despontando a brilhante aurora de onze de Março. Males de toda a natureza opprimindo-nos consideravelmente, adormentarão nosso brio; e as virtudes patrióticas, que fazem o character nativo dos habitantes do Monarca dos Rios, servirão de ludibrio ás circumstancias, filhas da falta de garantia, que se deo aos nossos direitos.<sup>40</sup>

Em 1823, menos de um ano após a fundação, o primeiro jornal impresso na região alcançara o seu objetivo: incomodar a administração portuguesa. No entanto, as conseqüências surgiram sob a forma de pressão e repressão militar, fazendo com que *O Paraense* saísse de circulação.<sup>41</sup> A pressão lusa deu origem à implantação do segundo jornal impresso no Pará: *O Luso paraense* que se contrapôs aos ideais expressos pelo seu antecessor, defendendo os interesses administrativos da colônia, sob o comando da coroa portuguesa.

Esses dois jornais, no Pará, abriram caminho para a consolidação da imprensa, iniciada no momento em que ocorria a transição da Colônia para o Império. Assim, podemos afirmar a importância da imprensa, não só como fonte histórica, mas também como auxílio na compreensão política da Província do Grão-Pará, no período imperial, como atestam as palavras de Benedicto Monteiro:

A imprensa sempre teve papel fundamental na vida política da sociedade paraense. Centenas de jornais circulam em Belém, como órgãos de partidos políticos, associações literárias e congregações religiosas.<sup>42</sup>

Esse novo veículo de comunicação moderna que surgiu no Brasil na primeira metade do

---

<sup>40</sup> Fragmento extraído do primeiro jornal impresso no Pará.

<sup>41</sup> Com base nas informações contidas no acervo geral do Setor de Microfilmagem da Biblioteca Arthur Viana, pode-se afirmar que o seu reaparecimento na capital paraense ocorreu em 1842 e foi até o ano de 1844.

<sup>42</sup> MONTEIRO, Benedicto. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2006, p. 153.



século XIX se multiplicou a partir de 1850 e inúmeros jornais noticiosos, políticos, literários e comerciais passaram a circular no período Imperial, em Belém, conforme atesta Carlos Rocque:

Mais de duzentas publicações, entre jornais e revistas, circulam por Belém na época do Império, algo surpreendente para uma cidade pequena. Se dermos o número de 250 para a média de jornais, revistas e outras publicações que circularam em Belém no período imperial, muita gente vai ficar surpresa.<sup>43</sup>

Os periódicos que circularam nessa época foram muito importantes por terem exercido influência direta na vida da população belenense. Eram polêmicos e estavam sempre divididos em dois grupos: aqueles que se contrapunham às facções políticas que representavam a estrutura dominante na época, e aqueles que defendiam a forma administrativa da coroa portuguesa os interesses de Portugal.

Assim, surgiram inúmeros jornais que circularam em Belém e na Amazônia na época do Império, conforme observamos nos catálogos de jornais existentes no Setor de Microfilmagem do Centur e nos relatos historiográficos de Benedito Monteiro e Carlos Rocque: *O Independente* (1823), *O Verdadeiro Independente* (1824), *A Voz das Amazonas* (1827), *O Sagitário* (1829), *O Correio do Amazonas* (1831), *Orpheo Paraense* (1831), *O Publicador Amazonense* (1832), *Echo Independente* (1831) *O Despertador* (1832), *Correio Official Paraense* (1834), *Sentinela Paraense na Guarita do Pará* (1834), *Paquete do Governo* (1835), *Publicador Official Paraense* (1835), *O Diário do Gram-Pará*, (1853), *O Liberal do Pará* (1869), *A Gazeta Official* (1858), *Jornal do Amazonas* (1860), *Jornal do Pará* (1862), *Órgão Official* (1866), *A Estrela do Norte* (1869), *Diário de Belém* (1868), *A Boa Nova* (1871), *Santo Ofício* (1871), *O Pelicano* (1872), *A Constituição* (1873), *A Regeneração* (1873), *A Província do Pará* (1876), *Diário de Notícias* (1880), *Jornal da Tarde* (1881), *Revista Amazônica* (1883), *O Abolicionista Paraense* (1863).

Esses jornais disputaram acirradamente o domínio pelo poder político na Província e,

---

<sup>43</sup> ROQUE, Carlos. **História Geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001, p. 63.

consequência das querelas, deixaram uma imensa contribuição no sentido de servir como leituras, uma vez que eram meio de comunicação essencial da população belenense no Pará oitocentista. Era à imprensa que os leitores recorriam não só no para buscar informações, mas também para o deleite com os textos ficcionais que nela se faziam presentes, no formato de folhetim, nas colunas literárias - crônicas, contos, prosa literária, romances e novelas.

## **2.2 A IMPRENSA PARAENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

No Brasil e no mundo, na segunda metade do século XIX, foi considerável o crescimento da indústria editorial e das tiragens de jornais que resultaram no crescimento do público-leitor, conforme relata Noelma Brocanelli.<sup>44</sup>

Nesse período, a indústria editorial no Brasil e no mundo se multiplicou, as tiragens atingiram números inéditos e, graças à queda do analfabetismo no Brasil, cresceu o público-leitor, principalmente de jornais. É o início da presença da classe média na vida intelectual brasileira.<sup>45</sup>

Essa influência se fez sentir no Pará, principalmente a partir de 1850, período em que foi crescente o aparecimento de jornais e revistas na Província, principalmente nas décadas de 1860 e 1870. Esse fato veio contribuir para inserir o “povo” paraense no universo da leitura, uma vez que a capital provinciana, ainda nessa época, era marcada pela escassez de escolaridade e não possuía qualquer tradição literária.

A imprensa paraense se ampliou e os jornais passaram a ser distribuídos em vários lugares da Região. É justamente nesse período que começaram a circular textos em gêneros variados publicados em jornais, como por exemplo: romances, contos, novelas, crônicas, mesmo que, no início, de forma tímida. É o espaço folhetim se manifestando nos jornais paraenses.

O aumento no número de jornais intensificou-se ainda mais nas décadas de sessenta e

---

<sup>44</sup> Mestranda da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>45</sup> Fragmento extraído do artigo *A Crônica no Correio Paulistano na Segunda Metade do Século XIX*, de Noelma Brocanelli, publicado no site <http://repositorio.portcom.intercom.org.br>

setenta quando ocorreu o aparecimento de periódicos impressos que circularam em Belém, juntando-se a outros já existentes, conforme comprovam os dados disponíveis nos arquivos do Setor de Microfilmes do Centur. Dentre esses vários jornais que apareceram no período, nomeamos os mais importantes, de acordo com Benedito Monteiro, que circularam entre 1860-1870: *Diário do Gram-Pará*, *A Gazeta Oficial*, *13 de Maio*, *Jornal do Pará*, *A Estrela do Norte*, *Diário de Belém*, *O Liberal do Pará*, *Colombo*, *O Futuro*, *Baixo Amazonas*, *A Regeneração*, *A Constituição*, *A Província do Pará*, *A Boa Nova*, *A Luz da Verdade*, *A Lanterna* e *A Aurora*.

A presença do jornal na segunda metade do século XIX, em Belém, se deu de forma regular. Os periódicos circulavam diária ou semanalmente e neles já se manifestava a publicação de textos com características literárias, de autores brasileiros e estrangeiros. É importante mencionar nesse período de intenso desenvolvimento da economia local, decorrente do “boom” da borracha, a acentuada influência européia na Amazônia, conforme observa Maria de Nazaré Sarges:

Belém tentou tornar-se bem mais européia do que amazônica, inclusive tornando-se um verdadeiro centro de consumo de produtos importados. Culturalmente, a cidade foi dominada pelo “francesismo” o que se explica pelo hábito que tinham as famílias ricas em mandarem seu filhos aprimorar sua educação em escolas francesas. Essa elite intelectual produzida na Europa vai determinar o novo *décor* urbano, europeizado e aburguesado.<sup>46</sup>

O ponto de vista apresentado pela historiadora mostra o quanto o estrangeirismo fez-se presente no contexto paraense, assim como o restante do Brasil. Essa influência não se deu somente em relação ao consumo de produtos importados, mas também no plano intelectual, pois é notável a presença de textos de autoria francesa, inglesa e portuguesa, classificados como crônicas, contos, novelas, romances, presentes nas páginas dos jornais paroaras, junto a textos de autores brasileiros. Esse estrangeirismo aponta para a relevância que tiveram as letras européias na formação cultural do Pará, região que nos anos oitocentos tentava evoluir

---

<sup>46</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1812)*. Paka-Tatu, 2002, p.186.

também no campo das letras.

Entre os nomes estrangeiros que circularam na imprensa paraense podemos citar Ponson du Terrail, Pietro Castellame, François Vascoller, Camilo Castelo Branco, Armand Carrel, Teixeira de Vasconcelos, Victor Hugo, Bulhão Pato, Pinheiro Chagas, Nemo, Alexandre Herculano, Condessa Dash, Pe. Teodoro de Almeida, dentre outros. Desses, um número é de autores portugueses que circularam nas colunas dos periódicos e fizeram parte das leituras da comunidade do Grão-Pará.

Apresentamos, a seguir, alguns títulos desses textos, o periódico em que foram publicados e a respectiva autoria portuguesa: “*O Beijo*” (*Diário de Belém*/1868), de Teixeira de Vasconcelos, “*Em Todas as Idades da Religião*” (*Jornal do Pará*/1868), de Pe. Theodoro de Almeida, “*Excellencia*” (*Jornal do Pará*/1869), de Manoel Roussado, “*O Salto das Sete Quedas*” (*A Província do Pará*/1876), de Nestor Borba, “*A Lenda do Jogo*” (*A Província do Pará*/1876), de Maximiliano de Azevedo, “*Os Jesuítas d’hoje*” e “*Noticias do Ceo*” (*A Província do Pará*/1876), de Pinheiro Chagas, “*Cinco minutos de prosa*” (*A Província do Pará*/1876), de Nemo “*Quem não gosta de dinheiro?*” e “*O que são as mulheres*” (*Diário de Belém*/1869), de José Victorino da Silva, “*Dia de Juízo*” (*Jornal do Pará*/1868), do Padre Antônio Vieira, “*O amor feminino*” (*Diário de Belém*/1869), de Alexandre Herculano.

Os textos eram publicados nas seções de jornais destinadas à veiculação de textos literários, e assim como na Europa e no restante do Brasil, atraíam o leitor pelas histórias narradas e pela variedade temática, que envolvia amor, ódio, paixão, traição, religiosidade, ambição.

Ressaltamos que a prática de publicação de textos com características literárias na imprensa paraense se desenvolveu e se intensificou nos anos compreendidos entre 1860 e 1870 a exemplo do que ocorreu na Europa e no restante do Brasil. Neste período, podemos

observar que vários jornais chegaram a publicar mais de um folhetim diariamente. Como exemplo, temos no jornal *Diário de Belém*, do dia 22 de maio de 1869, a publicação do XXX capítulo do folhetim *A Segunda Mocidade de Henrique IV*, de Ponson du Terrail, na primeira página do jornal e logo em seguida, na segunda página, na seção *Variedade*, encontramos o texto de José Victorino da Silva de Azevedo, *Quem não gosta de dinheiro?*, publicado sob a rubrica crônica. Isso confirma quanto os jornais paraenses investiram na publicação de textos com características literárias assim como ocorreu em outros lugares em que o folhetim percorreria.

### 2.3 CRÔNICAS PORTUGUESAS

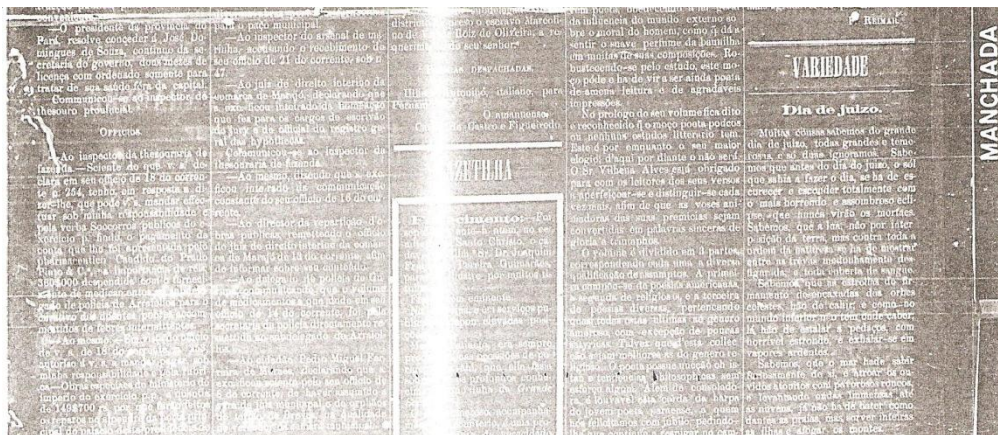
Nos jornais paraenses publicados no período compreendido entre 1860 e 1870, ocorreu a circulação de textos de autores portugueses. Há registro de textos que aparecem romances, contos, crônicas, cartas literárias. No caso deste trabalho, vamos nos deter na análise de textos escritos por portugueses e que foram publicados como crônicas, por aparecerem mais recorrentemente nos jornais *Diário de Belém*, *A Província do Pará* e *Jornal do Pará*. Vale mencionar que para fazer a identificação dos autores lusos recorreremos ao *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva e ao *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake.

A presença dos textos de autoria portuguesa justifica-se por de ter havido entre Brasil e Portugal relações muito próximas em decorrência do processo da colonização dos europeus na América. O fato do Brasil ter sido colônia portuguesa sustentou fortes relações, não só no plano econômico e político, entre os colonizadores e colonizados, mas também na cultura letrada, pois os lusos deixaram heranças significativas, como, por exemplo, a presença de textos com características literárias publicados na imprensa brasileira.

A seguir, analisaremos oito textos que foram publicados como crônicas portuguesas

seguindo a ordem cronológica de publicação nos jornais. Nessa análise transcrevemos um fragmento de cada um dos textos em estudo para que se possa perceber o nível estético de cada autor.

O texto *Dia de Juízo*, do Pe. Antônio Vieira,<sup>47</sup> foi publicado como crônica em uma terça-feira, 28 de julho de 1868, no *Jornal do Pará*, no espaço *Varietade*, localizado na primeira página e ocupou metade da quinta coluna e a primeira coluna da página seguinte.



**Figura 03: Crônica portuguesa em jornais paraenses**

**Fonte: Microfilmes Centur**

É um texto que aborda as profecias evangélicas sobre o dia do juízo final. Faz uma descrição dos temores sobre o que ocorrerá no final dos tempos, como por exemplo o desaparecimento da luz sol e o envolvimento da terra numa escuridão causada por um eclipse como nunca nenhum mortal nunca viu antes, enchentes que inundarão a superfície do planeta com ondas que alcançarão as nuvens e a destruição de todos os homens e junto com eles a sua ambição e vaidade. Além disso, reforça a idéia de repovoação da humanidade sobre o planeta.

No plano semântico, este texto de Pe. Vieira, que trata do V Império, vaticina o advento de um novo império português. Sua publicação como crônica em páginas de jornal funciona como uma alegoria para se referir ao contexto social, histórico e político da época.

Muitas cousas sabemos do brande dia do juízo, todas grandes e temerosas, e só duas ignoramos.

<sup>47</sup> Nasceu em Lisboa, em 1606. Aos seis anos veio com a família para a Bahia, iniciando os estudos no Colégio dos Jesuítas. Em 1640, Vieira voltou para a terra natal. Adquiriu grande prestígio junto à Corte e foi nomeado pregador-régio. Atacado pela inquisição por defender os judeus, voltou ao Brasil em 1652.

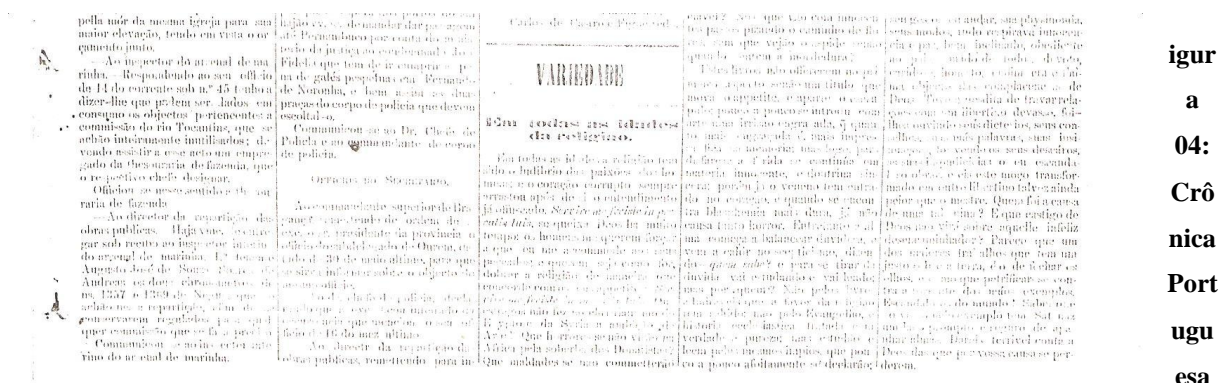
Sabemos que antes do dia do juízo, o sol que sabia a fazer o dia, se há de escurecer e esconder totalmente com o mais horrendo e assombroso eclipse, que nunca virão os mortaes. Sabemos, que a lua, não propor interposição da terra, mas contra toda a ordem da natureza, se há de mostrar entre as trevas, medonhamente desfigurada, e toda coberta de sangue. Sabemos, que as estrellas do firmamente desencaxadas dos orbescelestes, hão de cahir, e como no mundo infeior no tem onde caber; hão de estalar a pedaços , com horrível estrondo, e exhalar-se em vapores ardentes.

[...]

Sabemos, que assim hão de acabar todos os homens, e que assim hade acabar com elles tudo o que a sua ambição com vaidade fabricou em tantas vidas e seculos, e que este hade ser, enfim, o fim do nosso m mundo, lastimosos, mas não lastimável, porque já não haverá quem se lastime delle. Neste vastíssimo deserto e neste profundissimo silencio de tudo o que foi, sabemos, que se ouvira em um e outro emisferio o som de uma trombeta, a cuja voz portentoza se levantarão dequelle (...) universal todos os mortos, vivos mas não virão na mesma, senão em muito diversas figuras, porque cada um trará no semblante o retrato de sua própria fortuna.

Tornando a povoara assim o mundo com todos os que hoje são, com todos os que forão, e com todos os que hão de ser, sabemos que derepente se hade abrir no céu uma grande porta, o que a primeira coisa que todos serão sahir por elle, cercada do respiandores bastantes a escurecer o sól, se ainda houvera, será a mesma sagrada da cruz, em que o redemptor, padeceo, reservada só ella do geral incendia é reunida de todas as partes da christandade, onde esteve dividida e adorada.<sup>48</sup>

O texto *Em todas as idades da religião*, assinada por Pe. Teodoro de Almeida.<sup>49</sup> foi publicado em uma crônica em uma quarta-feira, dia 29 de julho de 1868, no *Jornal do Pará*, no espaço *Variiedade*, localizado na primeira página do periódico e ocupou as três colunas da direita do jornal.



F  
igur  
a  
04:  
Crô  
nica  
Port  
ugu  
esa  
em

Jornais Paraenses

<sup>48</sup> Fragmento extraído do texto *O dia de juízo*, de Pe. Antônio Vieira.  
<sup>49</sup> Presbítero da Congregação do Oratório de Lisboa. Sócio Fundador de Academia Real das Sciencias de Lisboa. Membro da Sociedade Real de Londres, e de Biscaia, etc. Nasceu em Lisboa, no dia 07 de janeiro de 1722. Era filho de Ivo de Francisco de Almeida (a quem os biógrafos chamaram equivocadamente José) e de Luiza Maria. Aos trezes anos de idade entrou na Congregação do Oratório, onde estudou o curso de humanidades (Geometria e Física) tendo como mestre no curso de Física Pe. João Batista, considerado o primeiro que, na corte dedicou-se a filosofia moderna ou experimental, naquela época ainda ignorada.

**Fonte: Microfilmes Centur**

É um texto curto, cuja discussão central é o desejo sexual sob a perspectiva do pecado. Há uma discussão entre os valores morais e espirituais adotados pelo Cristianismo que se opõem aos desejos carnis mais íntimos do homem. Uma de suas características principais é a espiritualidade.

Em todas as idades a religião tem sido o ludíbrio das paixões dos homeas: e o coração corrupto sempre arrastou após de si o entendimento já offuscado. *Servire me feciste in peccalis tuis*, se quixa Deos há muito tempo: os homens me querem forçar a que eu me accomede aos seus peccados; e querem, seja como for, dobrar a religião de maneira que concorde com os seus appetites; *Servire me feciste in preccatis tuis*. Que estragos não fez no christianismo do E ypto e da Syria a ambição de Aro? Que horrores se não virão na Africa pela soberba dos Donatistas? Que maldades se não commetterão na Alemanha por um pique de Martinho Luthero? Que escândalos na Inglaterra pelo amores de Henrique VIII? Que males não tem vindo aos fieis de França pela teima hypocresia dos Jancenistas? E que funestos incendios se não lamentão por toda parte pelo desejo desordenado de lêr, de discorrer, e de fallar sem freio; não como o Evangelho diz, mas como o impio falla?

Arde todo o mundo, irmãos meus, arde; e as labaredas depois de abrazarem toda a terra, tocão nos céos. Até os Hereges, os Judeos, os Moiros, se escandalisão da doutrina que essa nova impiedade espalha por toda parte, pela mãos de mulheres e meninos, pelos officiaes e ignorantes, pelos seculares e leigos; enfim por quem não sabe responder nem se atrave a impugnar; por quem gosta de ceder á nova doutrina, por q̃ é moda e porque lhe convêm. Sabei que fallo pela própria experiencia, e que o meu coração manifesta a dôr, há muitos annos reconcentrada.<sup>50</sup>

O texto *O Beijo*, de Teixeira de Vasconcelos,<sup>51</sup> foi publicado como crônica em uma segunda-feira, dia 07 de dezembro de 1868, no jornal *Diário de Belém*, no espaço *Variedade*, localizado na segunda página e ocupou a terceira e quarta colunas.

<sup>50</sup> Fragmento extraído do texto *Em todas idades da religião*, do Padre Theodoro d' Almeida.

<sup>51</sup> Nasceu na cidade do Porto (rua escura), em 1º de novembro de 1816. Filho de Antonio Vicente Teixeira de Sampaio e Dona Maria Emília de Sousa Moreira de Barbosa. Depois de entrar na magistratura, matriculou-se em 1839 na Faculdade Jurídica da Universidade de Coimbra, onde formou-se Bacharel em Direito em 1844. Escreveu variedades políticas, históricas e críticas literárias; estudos, perfis e apontamentos biográficos, romances e jornais políticos e literários.



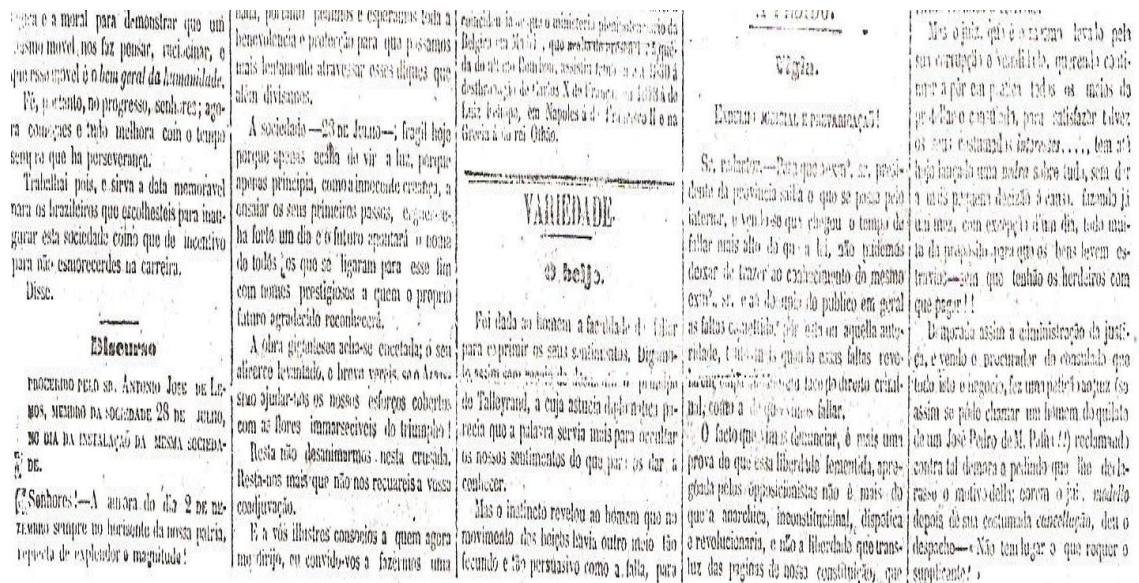


Figura 05: Crônica Portuguesa em jornal paraense

Fonte: Microfilmes Centur

Nesse texto o autor tece inúmeras reflexões sobre o ato de beijar, apresentando os seus possíveis significados: respeito, ato de religiosidade, expressão de um sentimento amoroso e até traição, não se propondo a discutir o caráter de negatividade atribuído ao beijo e sim enfatizar a nobreza desse sentimento, entendido como sinônimo de juramento e fidelidade.

Em quasi todos os casos a que alludimos, o beijo, entre pessoas de costumes para e respeitadoras da lealdade das promessas, tem quase a força e inviolabilidade do juramento, o considera-se profanação, culposa trahir a confiança inspirada por um beijo, faltar ás estipulações que por elle se confirmarão, ou emprega-lo como interprete de paixões indignas. De geração em geração tem passado para exemplo de funesia memória o beijo dado pelo apóstolo infiel na face de Jesus Christo.

O sentifo attribuido universalmente á expressão: *beijo de Judas*, revela até que ponto aquella suave entracção dos beijos, advinhada pelo instinto affectuoso dos homens, foi sempre tida na conta de manifestação sincera, dos sentimentos do coração, e quanto a moral condemna a traição que o emprega para os seus perfidos designios. O beijo foi sempre symbolo precioso dos mais santos e puros affectos. O beijo de Judas é symbolo e typo das traições vis e infames.

Dos tempos mais remotos nos conta a historia que o beijo servia então quase universalmente para testemunha de fervor: religioso. Entre os pagãos a homenagem mais pabliez que se tributava aos deuses era um beijo que cada qual dava respeitadamente na sua própria mão, e ainda hoje entre christãos, depois de benzer-se, muita gente pondo em cruz o dedo polegar e o indicador os beija em prova de respeito ao symbol, da

Redempção.

Não é menos antigo o costume de beijar a mão das pessoas que nos merecem respeito e, veneração. Plínio, que lhes quiz indagar a origem, assevera que é de tradição immemorial. E de feito encontra-se nos versos de Homero, nas lamentações de Job, e nos costumes da antiga Roma, onde tribunos, consules e dictadores davam a mão a beijar aos seus inferiores. Depois os Imperadores reservavão esta honra aos grandes dignatarios, e o povo contentava-se de lhes tocar no manto ou de os saudar de longe levando a mão á bocca.<sup>52</sup>

O texto *O amor feminil*, também de Alexandre Herculano,<sup>53</sup> foi publicado como crônica em uma quarta feira, dia 19 de maio de 1869, no jornal *Diário de Belém*, no espaço *Varietade*, localizado na segunda página e ocupou metade da quinta coluna.

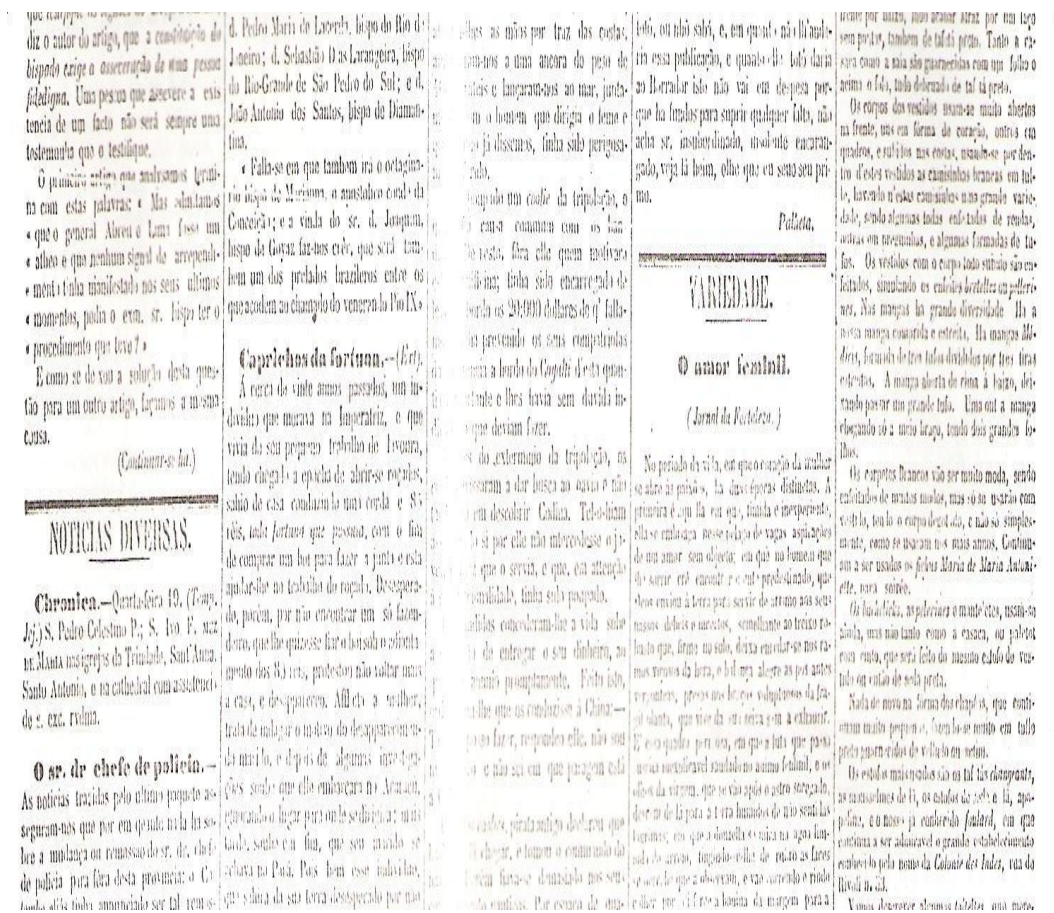


Figura 06: Crônica portuguesa em jornal paraense  
Fonte: Microfilmes Centur

O texto afirma que a mulher tem duas diferentes épocas na vida. A primeira fase é

<sup>52</sup> Fragmento extraído do texto *O beijo*, de Teixeira de Vasconcelos.

<sup>53</sup> Nasceu em 1810 e morreu em 1877. Foi Escritor do Romantismo em Portugal e exerceu também a função de jornalista.

caracterizada pela timidez e inexperiência. É o momento de embriaguez do ser feminino, na crença do amor de um homem predestinado por Deus. A segunda, posterior aos anos da inocência virginal, corresponde ao momento de deixar o mundo idealizado e enfrentar a grosseira realidade do mundo.

No período da vida, em que o coração da mulher se abre ás paixões, há duas épocas distintas. A primeira é aquella em que, tímida e inexperiente, ella se embriaga nesse pélagos de vagas aspirações de um amor sem objectos em que no homem que lhe sorrir crê encontrar o ente predestinado, que Deos enviou á terra para servir de arrimo aos seus passos débeis e incertos, semelhante ao treixo robusto que, firme no solo, deixa enredar-se nos ramos viçosos da hera, (...)

[...]

Nesses annos é tão facil como bárbaro o triumphar do pudor quasi infantil, única defenza que a natureza deixou a um espírito ignorante e candido, se não é que para alliadas do pudor poz na alma do homem a generosidade e a poesia.

Depois dos annos da innocencia virginal há no existir da mulher uma phase, em que a sua alma desce das regiões ideaes da pureza para a grosseira realidade do mundo.

Já então se não mira no crystal do arrio, e a lua vem e desaparece sem que ella uma só vez levante os olhos ao céu. Quando o seio lhe arfa ao encontrar o que ama, não precisa de correr a apanhar a bonina para esconder o rubor: o sangue precepita-se todo no coração que se dilata, e ás faces só vem a pallidez. N'essa quadra é a intelligencia que resiste á seducção: o pudor não é poesia, não é uma inspiração espontanea, inexplicavel; é calculo, é raciocinio. N'essa idade o amor que cede é ardente, impetuoso, tiranico, porque a mulher medio toda a extenção do sacrificio; porque não cedeu sem uma luta terrivel, e essa lucta lhe fez conhecer a immensidade da paixão que a venceu, e a consciencia lhe diz que só um amor sem limites póde corresponder ao seu.<sup>54</sup>

O texto *Quem não gosta de dinheiro?*, também de José Victorino da Silva,<sup>55</sup> foi publicado como crônica em um sábado, dia 22 de maio de 1869, no jornal *Diário de Belém*, no espaço *Variedade*, localizado na segunda página e ocupou o fim da terceira coluna e o início da quarta.

<sup>54</sup> Fragmento extraído do texto *O amor feminil*, de Alexandre Herculano.

<sup>55</sup> Artista dramático, natural da cidade do Porto, nascido em 16 de março de 1831. Residiu vários anos no Brasil.



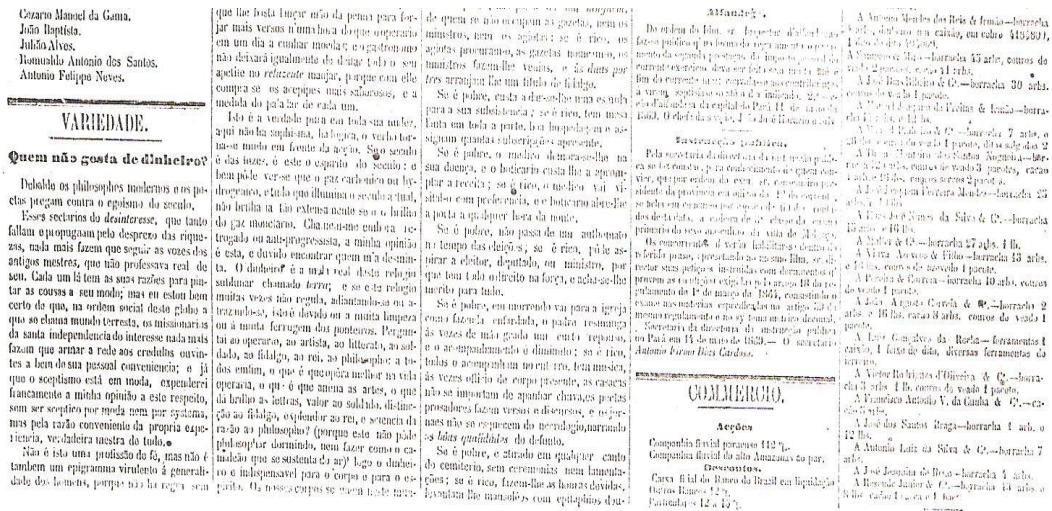


Figura 07: Crônicas portuguesas em jornais paraenses

Fonte: Microfilmes Centur

É um texto de linguagem simples e possui como temática uma crítica ao posicionamento de certos filósofos da escola moderna, que discursavam com o que o narrador caracteriza como o egoísmo do século: o dinheiro. Em outras palavras, o texto aponta a hipocrisia de determinados segmentos da sociedade que contestam os benefícios trazidos pelo dinheiro, mas se contradizem em suas próprias ações, ou seja, enfatizam a importância do dinheiro para a sobrevivência do homem em sociedade, mesmo para aqueles que tentam apresentar um contra-discurso em relação a importância do dinheiro como meio de sobrevivência social. No aspecto estilístico, nota-se a presença de figuras de linguagem, como por exemplo, a ironia e a comparação.

Os philosophos (sem philosophia) e os poetas, não podem contradizer-me, uns escrevem contra o dinheiro por simples desenfado; e outros porque, batendo nas algibeiras físicas, seguem o rifão antigo: - Quem canta seus males espanta.

Mas não creiam que a sua aboegação chegou a tal ponto, são utopistas de uma côr duvidosa, o que é o mesmo que pregar em moral sem gastar moral.

Quereis uma prova de tudo isto?... Ora pondo três individuos diante de uma meza, em que haja o mais delicado acepipe, o mais bonito livro de poesias, e uma peça de ouro: esses individuos devem, porém, ter relação ou inclinação identica com os ditos objectos: por exemplo, um agiota, um gastronomo e um poeta. Dêem-lhe a

escolher os tres objectos: o agiota pegará na peça de ouro, porque é esse seu elemento e melhor *alimento*; o poeta pegará também na peça de ouro, porque lhe basta lançar mão da penna para forjar mais versos n'uma hora do que o operário em um dia a cunhar moeda e o gastrônomo não deixará igualmente de deitar todo o seu apetite no *reluzente* manjar, porque com elle compra-se os arepipes mais saborosos, e a medida do paladar de cada um. [...]

Perguntai ao operário, ao artista, ao litterato, ao soldado, ao fidalgo, ao rei, ao philosopho: a todos enfim, o que é que opera melhor na vida operaria, o que é que anima as artes, o que dá brilho as letras, valor ao soldado, distincção ao fidalgo, esplendor ao rei, e sciencia da razão ao philosopho? (porque este não póde philosophar dormindo, nem fazer como o camaleão que se sustenta do ar)! logo o dinheiro e indispensavel para o corpo e para o espirito. Os nossos corpos se unem neste mundo pelos poderosos laços da influencia monearia, assim como as nossas almas se vão unir lá no céu pela santa influencia das missas, dos suffragios, das boas obras, e das esmolos – que se não fazem sem chelpa.

O homem é o rei da criação e da intelligencia; o dinheiro é rei de todos os homens e de todas as cousas!

Mas para apresentar uma prova mais concludente e precisa, um documento assaz incontestavel, vou fazer uma rapida exposição do poder do dinheiro que servira de abono a esta minha asserção.

Eis aqui, não o problema da vida, mas a decifração do seculo; dos seculos, dirai; de todos os seculos.

Sigamos a ordem nas differentes phrazes do viver humano.

Nasce o homem: se é de gente pobre, vive embrulhado nos trapos; se é rico é mettido em finas cambraias<sup>56</sup>

O texto *Excellencia*, de Manoel Roussado<sup>57</sup> foi publicado como crônica em um sábado, 22 de maio de 1869, no *Jornal do Pará*, no espaço *Variedade* e ocupou a quarta e quinta colunas da primeira página e a primeira coluna da página seguinte. Vale também mencionar que essa narrativa, antes de circular nas páginas de jornais brasileiros, circulou em Lisboa, no Folhetim do *Diário Popular*.

<sup>56</sup> Fragmento extraído do texto *Quem não gosta de dinheiro?* de José Victorino da Silva.

<sup>57</sup> Natural de Lisboa, era filho de Lourenço Roussado. Nasceu em 24 de maio de 1833. Sua iniciação como jornalista data do ano de 1856, período em que escreveu alguns folhetins no periódico político *Eco das Províncias*, publicado em Lisboa e de curta duração. Ainda no mesmo período ou com pequeno intervalo, redigiu *Almadense*, juntamente com Eduardo Tavares e Júlio Cesar Machado. Após esses primeiros ensaios publicou *O Folhetim*, jornal de crítica literária. Foi proprietário e redator dessa folha, associado a Pedro Freire de Almeida. Em 1880 foi colaborador efetivo do *Nacional* do Porto e a partir de maio desse ano tornou-se também colaborador da *Revolução de Setembro*, incumbido especialmente da parte noticiosa e critica. Na carreira dramática estreou com felicidades aos vinte e dois anos, compondo e publicando *Forrilissimo e Progresso*: revista em cinco atos e seis quadros.

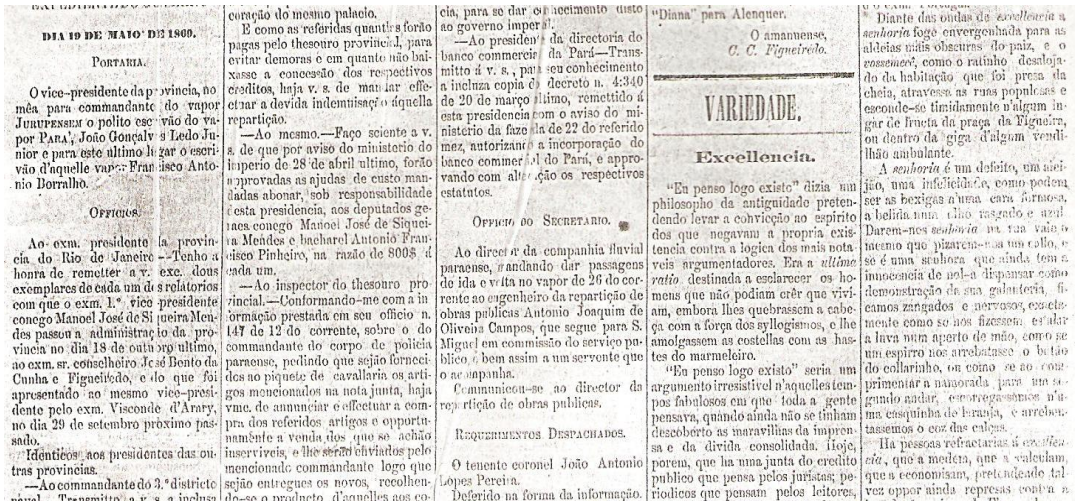


Figura: 08 Crônica portuguesa em jornal paraense

Fonte: Microfilmes Centur

É um texto no qual o autor discute a primazia da *Excellencia* – qualidade do que é excelente, sobrecomum tratamento que se dá às pessoas de alta hierarquia social – sobre o ato de pensar, que do ponto de vista filosófico regia a sociedade: “Penso logo existo.” Portanto, a *Excellencia* é uma força misteriosa que envolve diferentes camadas sociais.

Onde reside pois a *excellencia*, á qual nos dirigimos, mesmo quando fallamos com pessoas que ainda não a descobriram em si?

Ao passo que muitos dos filhos d’este paiz se vão emancipando das faculdades pensantes, a *excellencia* vae se derramando de dia para dia ameaçando invadir todas as classes e todas as creaturas com a impetuosidade das marés equinoxiaes.

Daqui a algum tempo será mais poderoso o argumento seguinte:

“Tenho *excellencia*, logo existo.”

Que força mysteriosa é essa que impelle a *excellencia* desde as altas regiões em ~q surgio até os cidadãos mais obscuros da republica?

Vimol-a com toda a sua gravidade primitiva, adejando entre os dignatarios mais elevados da côrte, e poisando sobre as cabelleiras empoadas dos desembargadores do paço. Admiramol-a *coquette*, cheia de graças e perfumes a volitar em roda das senhoras como a borboleta inquieta por entre as rosas; a correr livremente pelos salões, e a suspirar na boca dos que fallavam ás damas. Depois vimol-a crescer, alastrar-se, e como as aguas do rio que, sahindo fóra do leito, vão desvastar as plantações mais proximas, a *excellencia* já afugentou a *senhoria*,



e não tarda muito que destrua o vossemecê.

[...]

A *excellencia* está em nós como a electricidade está na materia.

Enfregae um vidro com um pedaço de lã, e terais a electricidade. Roçae umas com as outras quatro palavras d'um dialogo ceremonioso, e tereis a *excellencia*.

Esta é a *excellencia* de todos os dias; a que parte das regiões do poder é differente na sua propagação, mas manifesta-se tambem por phenomenos semelhantes aos da electricidade.

A Exm.<sup>a</sup> câmara de Lisboa é uma grande pilha. Assim como nem o cobre, nem o zinco, nem a agua salgada produzem separadamente os phenomenos electricos, nenhum dos camaristas, de per si recebe um *excellencia* do ministerio do reino. Juntae os elementos constitutivos da pilha e tereis a electricidade. Juntae os camaristas em corporação e tereis a *excellencia* municipal.<sup>58</sup>

O texto *Notícias do céu*, de Pinheiro Chagas,<sup>59</sup> foi publicado como crônica em uma terça-feira, 9 de maio de 1876, no jornal *A Província do Pará*, no espaço *Variedade* e ocupou o fim da quinta coluna da primeira página e metade da primeira coluna da página seguinte.

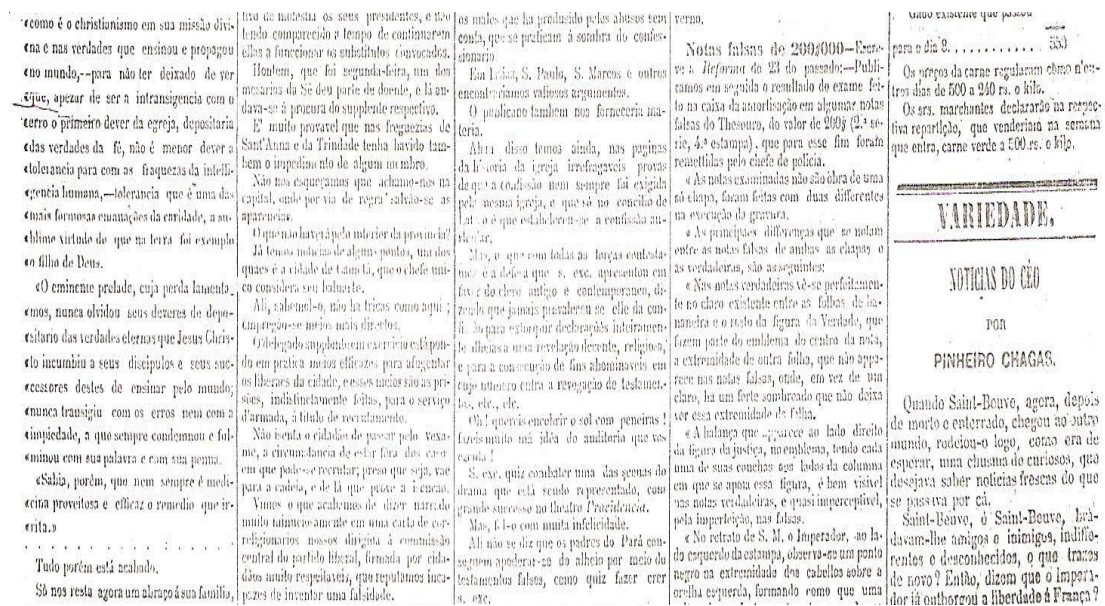


Figura 09: Crônica portuguesa em jornal paraense  
Fonte: Microfilme Centur

É um texto acentuado por um diálogo constante entre os personagens. O enredo conta a

<sup>58</sup> Fragmento extraído do texto *Excellencia*, de Manoel Roussado.

<sup>59</sup> Nasceu em Lisboa em 13 de novembro de 1842. Começou a escrever por volta de 1863 e sua estréia na imprensa jornalística, como folhetinista e crítico, foi na *Gazeta de Portugal*.

chegada de Saint-Beuve após a sua morte, em outro mundo e as intensas indagações entre os mortos antigos que querem notícias políticas de países como França e Espanha.

A ironia é um traço estilístico usado pelo autor do texto presente na fala das personagens, principalmente Saint-Beuve quando se refere às questões políticas da Europa.

Quando Saint-Beuve, agora depois de morto e enterrado, chegou ao outro mundo, rodeiou-o logo, como era de esperar, uma chusma de curiosos, que desejava saber notícias frescas do que se passava por cá.

Saint-Beuve, ó Saint-Beuve, bradavam-lhe amigos e inimigos, indiferentes e desconhecidos, o que trazes de novo? Então, dizem que o imperador já outhorgou a liberdade á França?

O que? Perguntava Saint-Beuve, a quem a morte ensurdecera um pouco.

Se a França já tem liberdade? Berravam os curiosos.

Saint-Beuve reflectiu um pedaço:

Olhem! Eu não quero mentir. Quando parti do mundo, pareceu-me que havia effectivamente um cheirosito de liberdade na atmospha.

O que! Só pelo olfato é que ella se conhece?

Por ora só esse sentido a poderá perceber. Que, enquanto ao sentido do apalpar, houve ali para as bandas de Belle-ville uns cidadãos que tiveram as costellas apalpadas, mas não lhes pareceu que fosse pela liberdade. Emfim, é possível. Elles ficaram com as costellas arrombadas... só se a liberdade tem maneiras mais brutas do que d'antes!

Como passa sua magestade o imperador? Perguntou de um lado um prefeito fallecido.

Sua magestade passa alguma cousa incommpdado de um callo, e por isso desceram os fundos na Europa.<sup>60</sup>

O texto *Os Jesuítas d'hoje*, também de autoria de Pinheiro Chagas, foi publicado como crônica em uma quinta-feira, 22 de junho de 1876, no jornal *A Província do Pará*, no espaço *Variedade* e ocupou a segunda e terceira colunas da segunda página desse periódico.

---

<sup>60</sup> Fragmento extraído do texto *Notícias do cèo*, de Pinheiro Chagas.





**Figura 10: Crônica portuguesa em jornal paraense**  
**Fonte: Microfilmes Centur**

É um texto que critica a ação dos Jesuítas que se introduzem nas instituições públicas usando como discurso o Evangelho. Apresenta as eclesiásticas como seres hipócritas por recorrerem à fé, à pregação da palavra de Cristo apenas como artifício para alcançarem objetivos materialistas. São os “petroleiros da eternidade.”

O seu materialismo é grosseiro como o fetichismo dos Hettontotes, e não requintado como o das escolas modernas. Bochner não reconhece senão dois elementos creadores, a Força e a Materia; os materialistas sagrados não apresnetam á adoração e ao terror das turbas, senão duas cousas: os *Bentinhos* do ceu e o alcatrão do inferno. E ousam elles dizer-se discipulos de Jesus! A religião de Christo é a mais espiritualista de todas as philosophias: elles são os mais estupidamente materialistas do todos os pregadores do materialismo. Os materialistas scientificos, explorando com o escalpello o cadaver, dectaram desdenhosamente que não encontraram a alma; os materialistas sacerdotaes, esses encontram-n’a a arder no inferno como um braçado de lenha verde. Uma alma, que se queima cota pez, enxofre e betume, pôde ser aceita perfeitamente pelo credo materialista. Um poeta americano, que se revelou ha tempos, original, mas grosseiro, compediando nos seus versos as idéias mais avançada, como é uso dizer-se eu antes as idéias mais brutaes, do materialismo contemporâneo, encontra-se com os missionários nas opiniões acerca da alma.

Deseja alguém ver a alma? Vede a vossa propria forma e a vossa physionomia. Como é que o verdadeiro corpo morreria e seria sepultado?

O vosso verdadeiro corpo há de escapar ás mãos dos coveiros, e há de passar para as espheras que lhe são próprias.

O corpo encerra o espirito; encerra a alma, e é a alma; quem quer que tu sejas, quão soberbo e divino é o teu corpo na sua mínima parte!

Não é esta a alma corporal, que os materialistas ecclesiasticos tisnam e requeimam nos caldeirões do inferno?

Ah! é justo que, apesar de trocarem entre si algumas palavras mas ásperas, venham afinal hypocritas e atheus e lançar-se nos braços uns dos outros. Que diferença há entre elles? Uns queimam os seus inimigos na terra, queimam-n'os os outros nas regiões de além-mundo. Uns adoram o petróleo na terra, outros fornecem de enxofre e alcatrão as fagueiras infernaes. Se essa diferença de combustível abre um abysmo entre as duas seitas, transijam os missionarios com o progresso, e mandem petróleo a Satanaz. Poderemos então chamar-lhe os petroleiros da eternidade.<sup>61</sup>

A análise geral dos textos portugueses mostra que eles foram redigidos em estilo livre, se se considerar o seu valor informativo, não havendo ainda preocupação do autor em seguir regras ou convenções de estilo, visto que nesse período não havia discussões teóricas acerca do que posteriormente se denominaria crônica. No entanto, essa liberdade estilística tem um certo limite, uma vez que, de forma conjunta, essas crônicas pretendiam informar, comentar e formar a opinião do leitor, a respeito de fatos relacionados a sociedade que envolvem desde as questões políticas e religiosas, até os assuntos mais banais, como, por exemplo, o ato de beijar ou o descrever das fases de um amor feminino. São textos publicados em colunas de jornais diários, construídos numa linguagem clara e concisa, que resultaram num conteúdo objetivo.

---

<sup>61</sup> Fragmento extraído do texto *Os jesuítas d'hoje*, de Pinheiro Chagas.



ASSIGNATURAS.

CAPITAL. Por 3 mezes . . . 33000 Por 6 mezes . . . 68000 Por anno . . . 128000

# GAZETA OFFICIAL

ASSIGNATURAS.

INTERIOR. Por 3 mezes . . . 53000 Por 6 mezes . . . 108000 Por anno . . . 178000

A Gazeta Official é propriedade de A. José Rabello Guimarães

## PARTE OFFICIAL.

### GOVERNO DA PROVINCIA.

#### Extracto do expediente do dia 27 de Janeiro.

##### OFFICIOS.

—Ao Exm. Presidente da Provincia de Pernambuco. — Tive a honra de receber os dous officios de V. Exe. datados de 9 e 30 de Dezembro ultimo.

No primeiro servia-se V. Exe. communicar-me Haver S. M. O Imperador Regressado da sua visita aos Municipios de Igarassú e Goiana, para onde partira d'essa Capital no dia 4 d'aquelle mez.

No segundo communicou-me V. Exe. Haver o Mesmo Augusto Senhor Embarcado no dia 23 do referido mez á tarde com sua Magestade a Imperatriz, e seguiu na madrugada de 24 para a Provincia da Parahyba, depois de Ter visitado successivamente os Municipios de Olinda, Igarassú, Cabo, Rio Formoso, Serinhaem, Santo Antão e Escada, sendo acompanhado de S. M. a Imperatriz nas visitas feitas nos Municipios de Olinda, Cabo e Santo Antão.

Ficando de tudo interado e aproveitado a occasião para renovar a V. Exe. os protestos de minha particular estima e distinta consideração.

—Ao Exm. Presidente da Parahyba. Tenho a honra de accusar o recebimento do officio que V. Exe. dirigiu-me em data de 29 de Dezembro ultimo, communicando Haverem S. M. H. Chegando a Capital d'essa Provincia em tarde do dia 24 d'aquelle mez. Tenho S. M. O Imperador Partido para o interior da mesma Provincia e visitado a Villa do Pilar e a Cidade de Mamanguape, d'onde voltou a 28, deixando Haver a Capital S. M. a Imperatriz.

Ficando de tudo interado e aproveitado a occasião para renovar a V. Exe. os protestos de minha particular estima e distinta consideração.

—Ao Commandante das Armas o fim de que haja de dar suas ordens para que o Commandante da Fortaleza da Barra desta Cidade envie á Presidencia, com a possível urgencia, uma copia do relatório sobre o estado da referida Fortaleza, que o mesmo Commandante remettete em 31 de Dezembro do anno passado.

—Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda remettendo o officio dirigido a Pre. sencia pelo Almoço tendo intermido do Correo desta Cidade, para que haja de informar sobre a primeira parte do dito officio.

—Ao mesmo, para mandar fornecer os objectos constantes da relação que lhe é remetida, e que são precisos para a Capella da Colonia Militar de Obidos.

Communicou-se ao Director interior d'aquella Colonia em resposta ao seu officio de 11 do corrente.

—Ao mesmo, remettendo as contas da despesa feita pelo Arsenal de Marinha com os concertos da canoa do serviço da Fortaleza da Barra, para que haja de mandar acreditar a sua importancia ao Ministerio da Marinha.

Communicou-se ao Inspector do Arsenal de Marinha em resposta ao seu officio de 25 do corrente.

—Ao mesmo, remettendo a V. S., para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca um exemplar do Aviso Circular do Ministerio da Justiça de 21 de Dezembro ultimo, mandando cessar o abuso de serem lançados nos Repartimentos do correo com a designação de serviço publico papeis e processos administrativos que não se applicam á referida legislação, e estabelecendo o Regulamento n. 339 de 21 de Dezembro de 1857.

Identicos se expediram a todos os Chefes de Repartimentos Publicos, Juizes de Direito e Municipios da Provincia.

—Ao Inspector do Thesouro Provincial para que pela verba «Eventual» haja de mandar satisfazer a Antonio José Rabello Guimarães a importância dos mandados religiosos que a Presidencia mandou dar como premio á alumnas das escolas de instrução primaria do sexo feminino da Capital que melhor exames fizeram.

—Ao Commandante do Corpo de Polícia para que remetta uma relação das presas do Corpo de seu commando, que legitimam o Corpo de praça, com declaração das datas dos acontecimentos de praça e notas de desajustes ou outros qualquer crimes.

—Ao Director da instrução publica remettendo os nomes que ainda precisam ser dados ás alumnas das escolas da Capital que mais se distinguiram e mostraram aproveitamento, em seus exames.

—Ao Engenheiro Eudico Gengenbro tranzmittendo, para sua intelligencia, copia do Aviso Circular do Ministerio do Imperio de 21 de Dezembro ultimo, para que o mesmo, na conformidade do dito Aviso, envie mensalmente á Presidencia lly relatório das obras a seu cargo, com as declarações exatissimas, a fim de ser remettido ao mesmo Ministerio.

Identico ao Director das obras militares da Capital, ao das de Obidos e ao Commandante da Praça de Macapá.

##### BESPACHOS.

Repartimento do Mestre da Escola de Obidoburguça, denominada «Da parte de seguir viagem para o Maranhão». Deferido.

—Do Mestre do Brigue Hamburguez «Heskey» pedindo a mesma graça para poder seguir para S. Thomaz.

Idem.

—Do Capitão do 11.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Igarapé-miry, Fiel Sigmaringa Honorio Pereira Lima, pedindo um anno de licença para tratar de seus interesses dentro e fora d'aquelle Municipio.

Concedo ao Supplicante para o fim respectivo licença até fins do mez de Abril do corrente anno.

—De Antonio Calisto Pereira, Cabo d'Esquadra do 11.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Igarapé-miry, pedindo a Presidencia para mandar que se lhe passe por certo do resultado da inspecção que soffreu no dia 19 do corrente.

Passe, não havendo inconveniente.

—De Manoel da Rocha Varge, proprietario da Fazenda rural denominada «Sacramento» no Itapicuru, pedindo que seu unico filho Antonio Queiroz da Rocha, seja dispensado d'aquelle serviço até a proxima reunião do Conselho de Qualificação, visto como o Supplicante, por sua avançada idade, ter incurrido no dito seu filho da administração da referida fazenda.

Satisfaca o Supplicante a informação e exigencia do Commando Superior.

—De Gregorio Antonio Pires do Municipio de Bragança, pedindo permissoa para transportar, do lugar denominado «Campinho» para o rio Bacabal, alguns cabaças de gado que possui.

Indeferido.

## COMANDO DAS ARMAS

Quartel General do Commando das Armas do Pará 31 de Janeiro de 1860.

### ORDEM DO DIA N. 2.

Determino o Marechal de Campo Commandante das Armas que o 3.º Batalhão d'Artilheria e o Batalhão d'Infantaria n. 11 estejam amanhã formados em seus respectivos quartéis para revista geral de mostra que terá lugar, no 1.º dos mencionados Batalhões ás 6 e no 2.º ás 6 1/2 horas do indicado dia.

(Assignado) Francisco Sergio de Oliveira. — Conforme — Antonio Clemente dos Santos, Capitão Adjunto d'Ordens.

### Repartição de Polícia.

EXTRACTO DIARIO DO DIA 21 DE JANEIRO.

A ordem do dr. delegado de policia encarregado do expediente desta

repartição foi recolhido á cadeia Jerônimo Roy Secco por indiciado em crime de homicidio, e ao quartel de policia o pardo escravo Manoel, por andar fugido.

A ordem do subdelegado do 1.º districto desta cidade forão presos o portuguez José Ferreira Dias, Ignacio Fernandes, e Aniceto Francisco, para averiguações policiaes.

A ordem do subdelegado do 2.º districto forão presos o preto escravo Domingos, por furto, e a preta Olimpia para averiguações policiaes.

### Relação das pessoas despedidas no dia 31

- Victoriano Antonio Bastos, portuguez, para Manaus.
- José Antonio Guedes, idem para Villa Bella.
- Leandro Barbosa Torres, idem para Santarem.
- José Ferreira de Brito Upton, idem para Maranhão.
- Jason W. Stone, americano, para Santarem.
- Juan Luiz Fagundes, hespanhol, para Tabatinga.
- Vicente Nazar, peruano, idem.
- Manoel Fausta, idem, idem.
- Manoel Davila, idem, idem.
- Abraham Colima, marroquino para Santarem.
- José Guzenne Paget, francez, para Manaus.

O amanuense

Rovardinho Rodrigues Valente do Couto.

## Correspondencia

Acara 25 de Janeiro de 1860.

Se. Redactor. Não obstante me aspirar para a illustração e engrandecimento de seo ja muito conceituado jornal, por combater soberbamente a limitada esphera a que se circunscrevem meus conhecimentos, atrevo-me todavia a tomar sobre mim a pesada tarefa de seo correspondente, que tanto mais difficil se torna quanto mais raras são as noticias que me rotem ser relatadas, e quanto menor é o lugar que se pode produzir. Pretendo pois fallar-lhe deste districto, dizendo-lhe o que elle e, qual o seo estado de civilisagio, quas as riquezas que contém, os meios de que dispoua, e qual o futuro á que ainda pode attingar, procurando demonstrar que tambem nesta pequena terra abundo recursos, que, applicados convenientemente, podem ainda contribuir para a prosperidade da rica e vastissima provincia que pertence. Adicionalmente á isto as occasioes que me presentam dignas de menção.

O Acara, e habido por gente boa

### 3.1 TEXTOS LITERÁRIOS NO *DIÁRIO DE BELÉM* (ANÁLISE DA TABELA I)

O *Diário de Belém* foi um jornal que começou a circular em 03 de agosto de 1868, ainda no período Imperial, como *folha política, noticiosa e comercial*. Posteriormente, transformou-se em Órgão Especial do Comércio. Tinha como proprietário e fundador Antônio Francisco Pinheiro e como impressor Mathias Leite da Silva. Era um jornal de diário e a impressão era feita em uma tipografia localizada na rua Nova Sant'Anna, atual Manoel Barata. Seu desaparecimento aconteceu nos primeiros anos do período republicano, em 1892.

Essa folha noticiosa era dividida em quatro páginas, com cinco colunas cada uma. Na parte superior da primeira página, aparecia centralizado o título do jornal e o subtítulo que o classificava em folha política, noticiosa e commercial. Em alguns números não há nenhuma informação em relação ao editor, como consta em outros exemplares. À esquerda, apareciam dados referentes à data, preço de assinatura para o público leitor da capital, local onde eram realizadas essas inscrições e formas de pagamento. À direita, apareciam dados referentes ao ano de circulação, edição, estado, informações sobre o preço de assinaturas, inscrições e formas de pagamento destinadas aos assinantes do interior. Os dados referentes à circulação do jornal no interior demonstram que ele era lido não somente na capital, mas circulava em outros locais do Estado.

Os planos de assinaturas eram diferenciados para os leitores da capital e do interior. Para os assinantes de Belém, os planos eram divididos em três opções: anual (16\$000), semestral (8\$000) e trimestral (4\$000). Para o interior, as propostas de assinaturas tinham preços diferenciados se comparados à capital e poderiam ser por seis meses (9\$000), por nove meses (13\$000) ou por um ano (18\$000).





<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>JORNAL</b>	<b>ANO</b>	<b>COLUNA</b>	<b>GÊNERO</b>
<i>Conveniências</i>	Pietro Castellamare	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Prosa literária
<i>Enterrada viva</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Texto informativo
<i>Baralho de Cartas</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Conto
<i>Thesouro de Sultão</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Texto informativo
<i>Seus olhos</i>	Pietro Castelgandolfo	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>A laranjeira</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Advogado de bigode</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Miscellanea	Crônica
<i>Contos bohemios</i>	C. Labouloye	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Maria ou o Lenço azul</i>	E. Bequet	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Prosa literária
<i>Um amor de mulher</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Henriqueta Maurel</i>	Luis de Bivar	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Conto
<i>O beijo</i>	Teixeira de Vasconcelos	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Crônica
<i>Carlos I, rei da Inglaterra</i>	François Vascoller	<i>Diário de Belém</i>	1868	Variedade	Novela
<i>A Mulher Imortal</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Romance
<i>O pagem anão</i>	Francisco Xavier Moraes	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>O amor materno</i>	Quartely	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>O nome de Maria</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica religiosa
<i>O dever</i>	Trad. Pelletan	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>A infância</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>A morte de Sansão</i>	Francisco Bernardino de Sousa	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa religiosa
<i>O pão duro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica humorística
<i>A segunda mocidade de</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Romance

<i>Henrique IV</i>					
<i>Folhetim do Diário de Belém (sem título)</i>	Zebedeu	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>O cobre novo</i>	A. de C.	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Dependência mútua dos entes</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>O novo defunto</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Lenda
<i>Folhetim do Diário de Belém</i>	Zebedeu	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Probidade de um sacristão</i>	Victoria Collona	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto moral
<i>Folhetim do Diário de Belém</i>	Zebedeu	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Modas</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Roma</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Texto informativo
<i>Cogrulação Fraterna</i>	Mendes Leal	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Poesia
<i>O infortúnio e a oração</i>	Trad. Clocher	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Conto
<i>O amor feminino</i>	Alexandre Herculano	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Revista de modas</i>	Marie Duval	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa
<i>Mephistaphetina</i>	Guim Júnior	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>O que são as mulheres</i>	José Victorino da Silva	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Quem não gosta de dinheiro?</i>	José Victorino da Silva	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Phases da Vida</i>	João Ferreira Pacheco	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto moral
<i>Vingança por Vingança</i>	Mello Moraes Filho	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>A mulher</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>O nariz d'ella</i>	Mephistopheles	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>Os irmãos siamezes</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Texto informativo
<i>Folhetim do Diário de Belém</i>	Timbyrre	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Cartas a Leonor</i>	Extraído Do Diário do Rio	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Novela

<i>O aguadeiro e o leiteiro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Hymno ao Papelão</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa
<i>Magros gordos</i>	Mephistopheles	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Mãe</i>	V.C.	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica
<i>Meditação</i>	Polydoro Moraes	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>O amor</i>	Malta de Araújo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Os primos</i>	Mephistopheles	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa
<i>Folhetim</i>	Maria Quer'd Maricota	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Três papagaios</i>	J.C.N.	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Prosa literária
<i>Jullêta e Romeu</i>	Carvalho César	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Novela
<i>A mais bella roza do mundo</i>	Traduzida do dinarmaquez por H	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>Varietas dialectal</i>	Burtto	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>O somno como molestia</i>	Ernesto Duplesis	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto moral
<i>O luxo é uma questão de moralidade</i>	Joel Silvestre Ribeiro	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Folhetim</i>	Vicentelykoff	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>O suicida</i>	Extraído Do Diário do Rio de Janeiro	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>Fim das mulheres feias</i>	L. Guimarães Júnior	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Murmúrios d' alma</i>	Por D.	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Poesia
<i>Folhetim</i>	Anselmo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>A moral do interesse</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Cartas de Maurício à Rachel</i>	J. Guimarães	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Prosa Literária
<i>Passeio por alguns lugares</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica de viagem
<i>Folhetim</i>	Anselmo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Uma noite de Gettschalk</i>	Sem identificação de	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto



	autoria				
<i>Folhetim</i>	Aramista	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>Cametá</i>	Saus Sauri	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica de viagem
<i>A vida e a morte</i>	Firmino de Figueiredo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Prosa literária
<i>A mulher no sentido burlesco</i>	Firmino Figueiredo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Folhetim</i>	Valfriddisa	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>De que serve uma viagem de recreio a um mancebo passador</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Conto
<i>Folhetim</i>	Aramista	<i>Diário de Belém</i>	1869	Folhetim	Crônica
<i>A história de uma improdência</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>A mulher e a instrução pública</i>	Por C.L.	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica
<i>O homem que ri</i>	Victor Hugo	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>Gilbert</i>	C.H. de S. Helena Magno	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>Therapeutica Philharmonica</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Conto
<i>A medicina</i>	Justino de Mattos	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica
<i>O borburiño da vida</i>	Justiniano de Mattos	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Crônica
<i>Sylvia</i>	Ferreira Leal	<i>Diário de Belém</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>Sim</i>	Extraído	<i>Diário de Belém</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Minha alma e eu</i>	Vaffridysa	<i>Diário de Belém</i>	1870	Folhetim	Conto
<i>O algodão</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Prosa literária
<i>Orlando</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto
<i>O duello</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto
<i>Lazaro e o jogador</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Crônica religiosa
<i>Esquecimento dos deveres parochiaes</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Litteratura	Crônica religiosa
<i>A excm. Sra. Adelina de São Paulo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Folhetim	Carta literária
<i>Os irmãos</i>	Rafferire	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto

<i>Gondoff</i>		<i>Belém</i>			
<i>Ao illm. Sr. Fernando de S.</i>	Julio Cezar	<i>Diário de Belém</i>	1870	Folhetim	Carta literária
<i>A mulher</i>	Julio Cezar	<i>Diário de Belém</i>	1870	Litteratura	Crônica
<i>O amor</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Crônica
<i>Um brado em prol do cristianismo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Litteratura	Crônica religiosa
<i>História de um casamento</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1870	Variedade	Conto
<i>O pagem de Luiz XVI</i>	Ponson du Terrail	<i>Diário de Belém</i>	1871	Folhetim	Novela
<i>O Parasita</i>	I.Guimarães Jr.	<i>Diário de Belém</i>	1871	Variedade	Crônica
<i>Cousas do arco da velha</i>	O Camarão de Alcântara	<i>Diário de Belém</i>	1871	Variedade	Crônica
<i>Noivado de Morte</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1871	Litteratura	Prosa literária
<i>Crônica de Teatro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1871	Folhetim	Prosa literária curta
<i>Salmos IX - Imitação</i>	V. Alves	<i>Diário de Belém</i>	1871	Litteratura	Prosa religiosa
<i>Os brilhantes de um brasileiro</i>	Camilo Castelo Branco	<i>Diário de Belém</i>	1871	Folhetim	Romance
<i>A linguagem dos namorados</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1871	Variedade	Crônica humorística
<i>Paizagens</i>	Bulhão Pato	<i>Diário de Belém</i>	1872	Folhetim	Conto
<i>A parasita azul</i>	Para Goyaz	<i>Diário de Belém</i>	1872	Variedade	Novela
<i>Delyrios</i>	Silvia Rego Jr.	<i>Diário de Belém</i>	1872	Litteratura	Poema
<i>Gastão</i>	Augusto O.	<i>Diário de Belém</i>	1872	Folhetim	Novela
<i>O romance do escravo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1872	Litteratura	Crônica
<i>Sciencia da Linguagem</i>	L. M. Kleein	<i>Diário de Belém</i>	1872	Litteratura	Crônica
<i>O amor livre</i>	L. A. Palmeirim	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica
<i>Que melhoria</i>	Extraído Do Diário de Pernambuco	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica
<i>Um drama de sangue no mar</i>	Extraído Do Jornal das Alagoas	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Conto

<i>Nelumbia</i>	Narciza Amalia	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica noticiosa
<i>O sentimento do belo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1873	Folhetim	Crônica
<i>Semelhanças da Mulher com a natureza</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica
<i>O plano do general Mariones</i>	Extraído do Diário de Pernambuco	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Conto
<i>O Dedo de Deus</i>	P. da Luz	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica religiosa
<i>Antigos festejos reaes</i>	D. Marinho de Castelo Branco	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Prosa religiosa
<i>O monge</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Romance
<i>O provérbio chinês</i>	Brandão Pinheiro	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Crônica
<i>Evangelina</i>	F. A da Silva	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Novela
<i>A revolta dos Anjos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Prosa religiosa
<i>Meditações</i>	Conselheiro Bastos	<i>Diário de Belém</i>	1873	Variedade	Prosa religiosa
<i>O testamento do historiador</i>	J. Michelet	<i>Diário de Belém</i>	1874	Variedade	Crônica
<i>Saudosa recordação</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1874	Variedade	Carta
<i>Costumes dos Laponios</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1874	Variedade	Crônica
<i>O travesseiro da menina</i>	Theophilo Gautier	<i>Diário de Belém</i>	1874	Variedade	Conto
<i>O berço do Messias</i>	Padre Enrique Perez Escrish	<i>Diário de Belém</i>	1874	Folhetim	Crônica religiosa
<i>A torre dos Crancos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Diário de Belém</i>	1874	Folhetim	Novela
<i>Vaz, teles &amp; C. Remissão de pécados</i>	Paulo de Alencastro	<i>Diário de Belém</i>	1874	Folhetim	Crônica
<i>24 de Maio</i>	Lopo de Castro	<i>Diário de Belém</i>	1874	Folhetim	Crônica
<i>Mourakkich</i>	Le Clerec	<i>Diário de Belém</i>	1874	Variedade	Conto Árabe
<i>O noivado do ar</i>	Extraído do Jornal do Comércio	<i>Diário de Belém</i>	1876	Folhetim	Novela
<i>O canhão Macombar</i>	Sem identificação de	<i>Diário de Belém</i>	1877	Variedade	Prosa noticiosa

	autoria				
<i>Um duello de Morte</i>	Charles Monselet	<i>Diário de Belém</i>	1877	Variedade	Conto

Os contos aparecem distribuídos nas colunas dos jornais da seguinte maneira: trinta (30) registrados apenas sob o título de conto, sendo um (01) em *Miscelânea: Baralho de cartas*, sem identificação de autoria; quatro (04) em *Folhetim: O infortúnio e a oração*, traduzido por Clocher, *De que serve uma viagem de recreio a um mancebo passador*, sem identificação de autoria, *Minha alma e eu*, de Valfridysa, *Paizagens*, de Bulhão Pato; cinco (05) em *Litteratura: Mephistaphetina*, de Guim Júnior, *A história de uma improdência*, sem identificação de autoria, *O homem que ri*, de Victor Hugo, *Gilbert*, de C.H. de S. Helena Magno, e *Sylvia*, de Ferreira Leal e vinte (20) na coluna *Variedade: Seus olhos*, de Pietro Castalgandolfo, *A laranjeira*, sem identificação de autoria, *Contos bohemios*, de C. Labouloye, *Um amor de mulher*, sem identificação de autoria, *Henriqueta Maurel*, de Luis de Bivar, *O paem anão*, de Francisco Xavier Moraes, *O amor materno*, de Quartely, *O nariz d'ella*, de Mephistopheles, *A mais bela rosa do mundo*, traduzida do dinarmaquez por H. Burtto, *O suicida*, do *Diário do Rio de Janeiro*, *Uma noite de Gettschalk*, sem identificação de autoria, *Terapêutica Philarmonica*, sem identificação de autoria, há somente a informação “Extraído”, *Orlando*, *O duello* e *Os irmãos Gondof*, de Rafferire, *História de um casamento*, sem identificação de autoria, *Um drama de sangue no mar*, do *Jornal das Alagoas*, *O plano do general Mariones*, do *Diário de Pernambuco*, *O travesseiro da menina*, de Theophilo Gautier e *Um duelo de morte*, de Charles Monselet. Há também o registro de três (03) textos classificados como conto moral publicados no espaço *Variedade: Probidade de um sacristão*, de Victoria Collona, *Fases da vida*, de João Ferreira Pacheco, *O somno como moléstia*, de Ernesto Duplesis e um (01) conto árabe também publicado em *Variedade: Mourakkich*, de Le Clerec. Note-se que dos trinta e quatro (34) contos que aparecem no *Diário de Belém*, vinte e quatro (24) circularam na coluna *Variedade*.

Os textos classificados em *prosa* também possuem subclassificação. Três (03) foram registrados apenas sob o título de *prosa* na coluna *Variedade: Revistas de modas*, de Marie Duval, *Hymno ao papelão*, sem autoria e *Os primos*, de Mephistopheles; sete (07) como *prosa literária*, sendo quatro em *Variedade: Conveniências*, de Pietro Castellamare, *Maria ou o lenço azul*, de E. Bequet, *Três papagaios*, de J.C.N e *Algodão*, sem identificação de autoria, e três (03) em *Littertura: Cartas de Maurício à Rachel*, de J. Guimarães, *A vida e a morte* de Firmino Figueiredo e *Noivado de morte*, sem identificação de autoria. Há também o registro de um (01) texto publicado como *prosa literária curta* na coluna *Folhetim*, intitulado *Crônica de teatro*, sem identificação de autoria; um (01) como *prosa noticiosa*, em *Variedade*, intitulado *O canhão Macombar*, sem identificação de autoria e cinco (05) como *prosa religiosa*, sendo quatro (04) em *Variedade: A morte de Sansão*, de Francisco Bernardino de Sousa, *Antigos festejos reais*, de D. Marinho de Castelo Branco, *A revolta dos anjos*, sem identificação de autoria e *Meditações*, de Conselheiro Bastos e um (01) em *Littertura: Salmos IX – Imitação*, de V. Alves.

Os romances não possuem nenhuma espécie de subclassificação. Os quatro (04) que aparecem publicados no *Diário de Belém*, no período de 1860 e 1870 foram registrados apenas sob o título de romance. Desses textos, três (03) foram publicados numa coluna do jornal intitulada *Folhetim: A mulher imortal, A segunda mocidade de Henrique IV*, ambos autoria de *Ponson du Terrail* e *Os brilhantes de um brasileiro*, de Camilo Castelo Branco e um (01) em *Variedade: O monge*, sem identificação de autoria.

Assim como os romances, as novelas que circularam no *Diário de Belém* também não possuem subclassificação. Delas, uma (01) foi publicada na coluna *Littertura: Cartas a Leonor*, do *Diário do Rio*, quatro (04) em *Folhetim: O Pagem de Luiz XVI*, de Ponson du Terrail, *Gastão*, de Augusto O., *A torre dos Crancos*, sem identificação de autoria e *O noivado do mar*, do *Jornal do Comércio* e quatro (04) em *Variedade: Carlos I, rei da*

*Inglaterra*, de François Vascoller, *Jullêta e Romeu*, de Carvalho César, *A parasita azul*, de Para Goyaz, *Evangelina*, de F. A. da Silva.

Os textos em verso, as cartas literárias e as lendas aparecem com menor frequência. Dentre as cartas, duas (02) aparecem publicadas na coluna *Folhetim*, *A exc. Sra. Adelina de São Paulo*, sem identificação de autoria, e *Ao illm. Sr. Fernando de S.*, de Julio Cezar, e uma (01) em *Variedade: Saudosa recordação*, sem identificação de autoria. Os textos em verso apresentam subclassificação. Dois (02) deles circularam no espaço do jornal denominado *Variedade* e foram classificados como poesia: *Crogulação Fraterna*, de Mendes Leal e *Murmúrios d'alma*, por H. e o outro circulou sob o título de poema na coluna *Litteratura: Delyrios*, de Sylvia Rego Jr. Quanto às lendas, há o registro de apenas um (01) texto dessa natureza publicado na coluna *Variedade: O novo defunto*, sem identificação de autoria.

Dos quatro (04) textos classificados como informativos dois (02) foram publicados em *Variedade: Roma e Os irmãos siamezes*, e dois (02) em *Miscellanea: Enterrada Viva e Tesouro de sultão*. Todos foram publicados sem identificação de autoria.

Em relação às crônicas, encontramos a seguinte classificação: cinquenta e duas (52) registradas apenas sob o título de crônica, seis (06) crônicas religiosas, duas (02) crônicas humorísticas, duas (02) crônicas de viagem e uma (01) crônica noticiosa, totalizando sessenta e três (63) textos dessa natureza.

Dos textos classificados como crônicas, um (01) aparece em *Miscelâneas: Advogado de Bigode*, sem identificação de autoria; sete (07) em *Litteratura: Mãe*, de V.C., *A mulher e a instrução pública*, por C.L., *A medicina* e *O borburinho da vida*, ambos de Justiniano de Matos, *O romance do escravo*, sem identificação de autoria, e *Sciencia da Linguagem*, de L.M. Kleein; vinte e seis (26) em *Variedade: O beijo*, de Teixeira de Vasconcelos, *O dever*, tradução de Pelletan, *A infância*, sem identificação de autoria, *O cobre novo*, de A. de C., *Dependência mútua dos entes*, sem identificação de autoria, *Modas*, sem identificação de

autoria, *O amor feminil*, de Alexandre Herculano, *O que são as mulheres*, de José Victorino da Silva, *Quem não gosta de dinheiro?*, de José Victorino da Silva, *Vingança por vingança*, de Mello Moraes Filho, *A mulher*, sem identificação de autoria, *O aguadeiro e o leiteiro*, sem identificação de autoria, *Magros gordos*, de Mephistopheles, *Meditação*, de Polydoro Moraes, *O amor*, de Malta de Araújo, *Fim das mulheres feias*, de I. Guimaraes Júnior, *A moral do interesse*, Extraído, *A mulher no sentido burlesco*, de Firmino Figueiredo, *Sim*, Extraído, *O Parasita*, de I. Guimarães Jr., *Cousas do arco da velha*, de O Camarão de Alcântara, *O amor livre*, de L. A. Palmeirim, *Que melhoria*, do *Diário de Pernambuco*, *Semelhanças da mulher com a natureza*, sem identificação de autoria, *O provérbio chinês*, de Brandão Pinheiro, *O testamento do historiador*, de J. Michelet, *Costumes dos Laponios*, sem identificação de autoria, e dezessete (17) em *Folhetim*, sendo que em onze (11) o título foi substituído pela palavra *folhetim* ou por *Folhetim do Diário de Belém*, e seus autores são Zebedeu, Timbyrre, Maria Queri'd Maricota, Burtto, Vicentlkoff, Anselmo, Aramista e Valfriddisa, alguns deles contém mais de uma crônica e seis (06) com seus respectivos títulos e autoria: *Varietas dialectal*, de Burtto, *O luxo é uma questão de moralidade*, de Joel Silvestre Ribeiro, *O sentimento do belo*, sem identificação de autoria, *Vaz, Teles & C. Remissão de pecados*, de Paulo de Alencastro e *24 de Maio*, de Lopo de Castro.

Entre as crônicas classificadas como religiosas, três (03) circularam na coluna *Variedade: O nome de Maria*, Extraído, *Lazáro e o jogador* e *O dedo de Deus*; duas (02) em *Litteratura: Esquecimento dos deveres parochiais* e *Um brado em prol do cristianismo* e uma (01) em *Folhetim: O berço do Messias*.

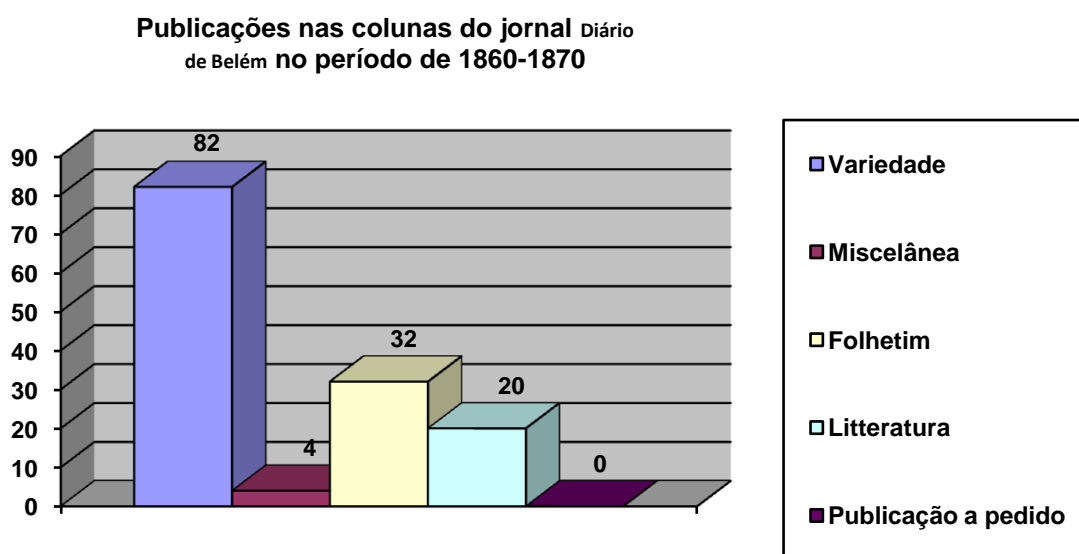
As crônicas humorísticas aparecem registradas em *Variedade: O pão duro e a linguagem dos namorados*, ambas sem identificação de autoria, enquanto que entre as crônicas de viagem somente uma foi publicada em *Variedade: Passeio por alguns lugares*, sem identificação de autoria; a outra saiu no espaço *Folhetim: Cameté*, de Saus Sauri. Além

dessas duas subclassificações dadas às crônicas, há ainda a *noticiosa*. Dessa tipologia tem-se registrada uma no *Diário de Belém*, intitulada *Nelumbia*, de Narcisa Amália.

As crônicas que não se enquadram nesta subclassificação possuem temática bastante diversificada. Dentre os principais assuntos abordados nesses textos encontramos enredos que falam de amor, relatos memoriais que remetem à saudosa infância, discussões filosóficas a respeito das mulheres, abordagens sobre a importância do dinheiro como fator de sobrevivência no meio social, o avanço da medicina, o luxo como um aspecto importante para a moralidade, a linguagem como instituição científica, dentre outros. O conteúdo das crônicas corresponde às subclassificações apresentadas: religião, política, humor, notícia.

Dentre todos os gêneros publicados no *Diário de Belém*, nos anos sessenta e setenta do século XIX, observamos que a coluna *Variedade* foi a que apresentou maior número de publicação de textos com características literárias. Nela foram registrados oitenta e dois (82) textos. Em *Miscelânea* aparecem registrados quatro (04) textos, vinte (20) em *Litteratura* e trinta e dois (32) em *Folhetim*.

No gráfico a seguir aparece a representação de publicações de textos com características literárias, divulgados no *Diário de Belém*, no período de 1860-1870.



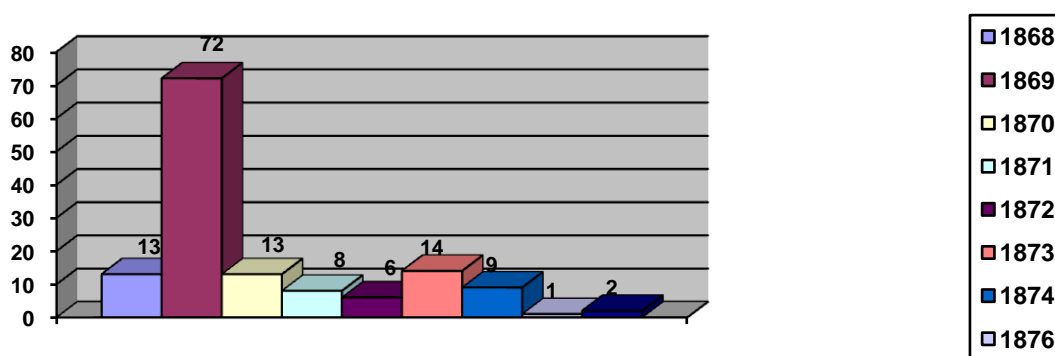
O gráfico demonstra que a coluna *Variedade* foi a mais recorrente na divulgação desse



tipo de texto, com oitenta e duas publicações seguida do *Folhetim* com cinquenta a menos. Já os espaços *Litteratura* e *Miscelânea* foram os que apresentaram menos publicações, totalizando juntos, vinte e quatro textos. Quanto ao espaço *Publicação a pedido* não há registro de folhetins. Via de regra, ele é o lugar em que o leitor faz alguma queixa, polemiza ou manda publicar texto de sua autoria. No entanto, embora raramente, ele aparece no relatório que serviu de ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho como um espaço de publicação de textos com características literárias.

O ano de 1869 foi o mais expressivo para o *Diário de Belém* em termos de publicação de textos com características literárias, resultando em setenta e duas (72) publicações. Quanto aos demais anos, o número de publicações aparece assim distribuído: treze em 1868, treze em 1870, oito em 1871, seis em 1872, quatorze em 1873, nove em 1874, um em 1876, dois em 1877. Observamos que nos anos de 1876 e 1877 há um registro mínimo desses textos, de acordo com a distribuição apresentada no gráfico abaixo:

**Número de textos publicados no jornal Diário de Belém no período de 1860-1870**



Os dados apontam que o ano de 1869 é superior em termos de publicações, pois os demais, juntos, totalizam sessenta e seis textos, número inferior se comparado a 1869 que teve maior expressividade na divulgação de *folhetim*. Entretanto, observa-se que essa prática foi comum no período que corresponde aos estudos desta folha de notícia.

Quanto a autoria dos textos publicados no *Diário de Belém* trinta e sete (37) não têm

identificação, setenta (70) aparecem sob o registro do nome do autor, onze (11) são registrados como “extraído”, três (03) como tradução.

### 3.2 TEXTOS LITERÁRIOS N’ O LIBERAL DO PARÁ (ANÁLISE DA TABELA II)

*O Liberal do Pará* foi um jornal que começou a circular em 10 de janeiro de 1869 no lugar do *Jornal do Amazonas* e foi considerado por Carlos Rocque<sup>62</sup> como um dos mais importantes órgãos da imprensa de Belém. Porta-voz dos ideais políticos do partido Liberal, tornou-se principal opositor do jornal *Diário do Gran-Pará*,<sup>63</sup> com o qual manteve acirrada polêmica até o fim do Império. Saiu de circulação em 1890.

Era um jornal que circulava diariamente, como o seu rival *Diário do Gram-Pará*. Tinha quatro páginas, divididas em cinco colunas, como a maioria dos jornais que circularam no período Imperial. Na parte superior da primeira página localizava-se o título em caixa alta “O LIBERAL DO PARÁ” e mais acima dados sobre local, dia da semana, data, e número da edição. Abaixo, a informação que o caracterizava como jornal *político, comercial e noticioso*, como grande parte dos demais.

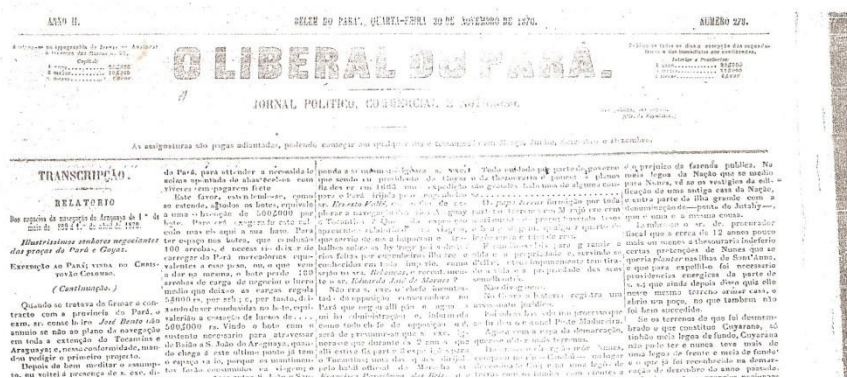


Figura 13: Jornal *O Liberal do Pará*  
Fonte: Microfilmes Centur

Os planos de assinaturas, assim como os do *Diário de Belém*, eram diferenciados tanto

<sup>62</sup> ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001, p. 68.  
<sup>63</sup> Fundado por dois portugueses: José Joaquim Mendes Cavalheiro e Antônio José Rabelo Guimarães.

para a capital como para o interior. Para os assinantes, os preços eram fixados por período. Para a capital, a anuidade desse jornal saía por 20\$000, o semestre por 10\$000 e o trimestre por 5\$000. Para o interior, a proposta de assinatura para um ano equivalia a 22\$000, 11\$000 para o semestre, 6\$000 para o trimestre.

Os dados referentes ao preço das assinaturas apareciam também publicados na parte superior do jornal, junto ao título. À esquerda, as informações eram destinadas aos assinantes da capital e à direita, aos leitores do interior. Mais abaixo ainda, havia a seguinte informação: *As assignaturas são pagas adiantadas, podendo começar em qualquer dia e terminando em Março, Junho, Setembro e Dezembro.*

As informações sobre esse jornal podem ser obtidas no catálogo dos jornais paroaras que se encontra na seção de obras raras do Pará, no Centur. Nesse acervo, encontramos disponíveis para pesquisa os anos 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888 e 1889. No entanto, somente os anos compreendidos entre 1869 e 1879 foram contemplados por esta pesquisa, em decorrência da delimitação temporal deste trabalho, centrado nas décadas de 1860 e 1870. Desta fatia do acervo, grande parte tem suas páginas mutiladas, fator que inviabiliza o aprofundamento do estudo nesse periódico.

Nos periódicos que fizeram parte desta pesquisa estão registrados três textos literários classificados da seguinte forma: um (01) monólogo, uma (01) poesia e um (01) conto, conforme podemos observar na tabela a seguir:

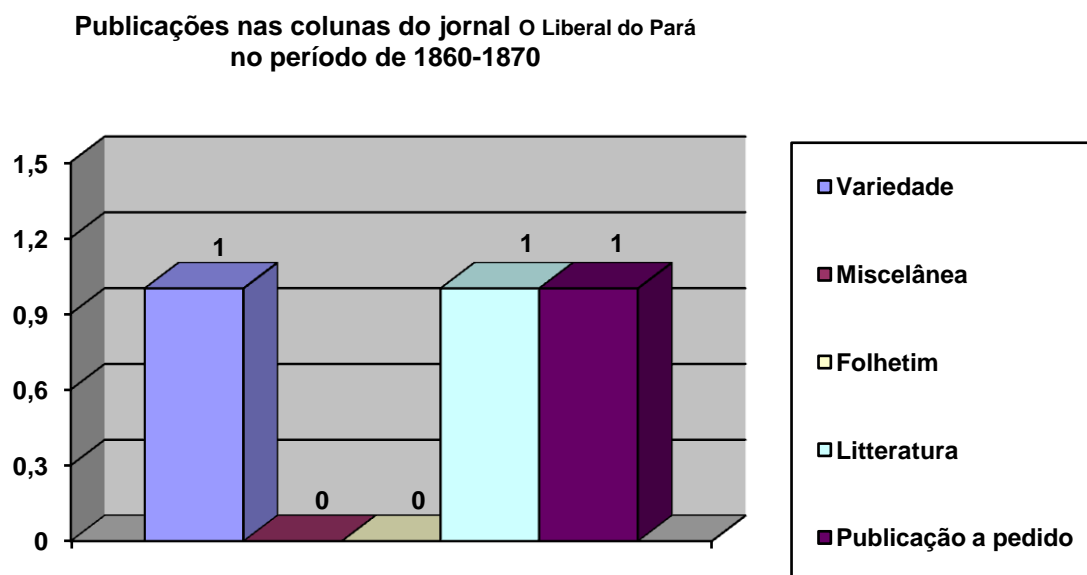
<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>JORNAL</b>	<b>ANO</b>	<b>COLUNA</b>	<b>GÊNERO</b>
<i>Remorsos</i>	A.T.B.B.	<i>Liberal do Pará</i>	1869	<i>Litteratura</i>	Monólogo
<i>Hymno a cabocla</i>	G. de Mattos	<i>Liberal do Pará</i>	1869	<i>Variedade</i>	Poesia
<i>Diálogo entre dois compradores no sítio</i>	Sem identificação de autoria	<i>Liberal do Pará</i>	1869	<i>Publicações à pedido</i>	Conto

O *monólogo* intitulado *Remorsos* é um texto curto e aparece publicado na coluna *Litteratura*, localizada na segunda página do jornal. A autoria é registrada pelas iniciais A.T.B.B. Foi publicado no ano de 1869.

A *poesia* *Hymno a cabocla* é um poema e aparece publicada na coluna *Variedade*, localizada na segunda página do jornal. A autoria é de G. Mattos. A data de publicação é de 1869.

O *conto* intitulado *Diálogo entre dois compradores no sítio* aparece registrado na coluna denominada *Publicações à pedido* e essa publicação é a única que se diferencia das demais que compõem este estudo, pois textos deste tipo geralmente apareciam nas colunas *Miscelânea*, *Litteratura*, *Variedades* e *Folhetim*. A data de publicação também é de 1869, assim como os outros dois textos.

O gráfico a seguir, sintetiza a circulação de folhetins nas colunas deste jornal.



Esse gráfico mostra que a circulação de textos literários nas colunas *Variedade*, *Litteratura* e *Miscelânea* foi menos expressiva em relação aos demais jornais que fizeram parte desta pesquisa. Note-se que não há registro de publicações nas colunas *Folhetim* e *Publicação a pedido*.

### 3.3 TEXTOS LITERÁRIOS NO *JORNAL DO PARÁ* (ANÁLISE DA TABELA III)

O *Jornal do Pará*, que substituiu o *Treze de Maio*,<sup>64</sup> era diário e começou a circular em 4 de novembro de 1862. Em 13 de agosto de 1866 transformou-se em órgão oficial do governo. Seus proprietários foram os filhos de Honório José dos Santos. Era um jornal *político, comercial e noticioso*, órgão do Partido Liberal do Pará.

Seu redator principal era José dos Santos, posteriorenente fundador da *Folha do Norte*, mais tarde seu exclusivo proprietário. O último número circulou em 10 de novembro de 1878.

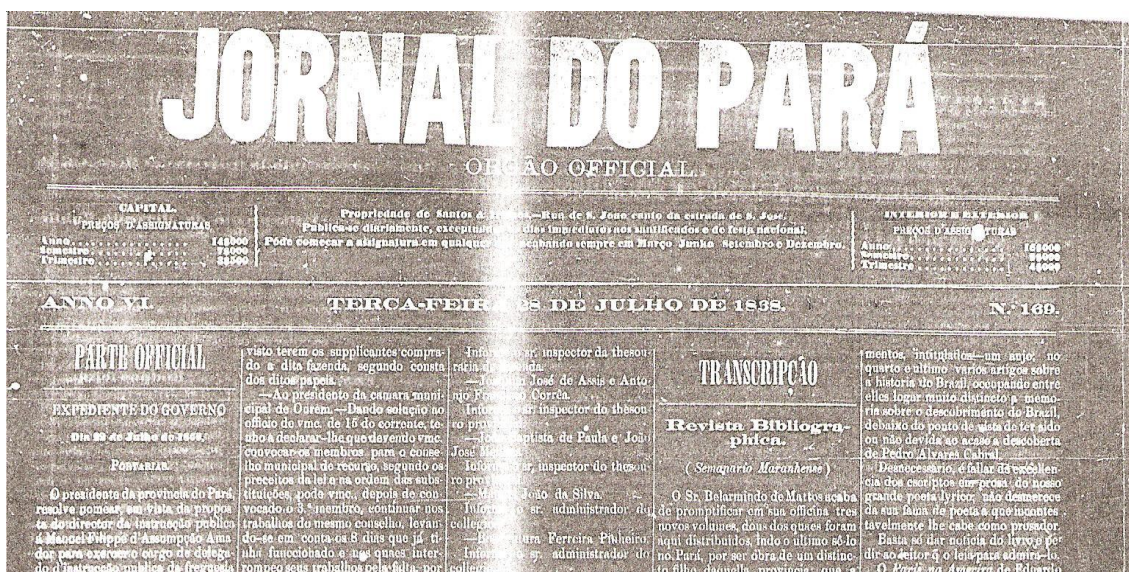
Esse periódico era estruturado em quatro páginas, divididas em cinco colunas. Na parte superior da primeira página aparecia centralizado o título do jornal e um subtítulo classificando-o como “*Órgão Oficial*”. Abaixo dessas duas informações havia registrado um texto que apresentava dados sobre os proprietários do jornal, o período de publicação e instruções sobre como fazer a assinatura.

Propriedade de Santos & Irmãos. – Rua de S. João canto da estrada de S. José./  
Publica-se diariamente, exceptuados os dias immediatos a sacrificios e de festa nacional./ Pode começar a assignatura em qualquer dia acabando sempre em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

Na lateral esquerda apareciam dados sobre o preço das assinaturas para a capital e o ano do exemplar. Já as informações sobre o valor das assinaturas para o interior eram registradas na lateral direita do jornal. O preço também era diferenciado: para a capital, a assinatura anual era de 14\$000, a semestral 7\$000 e a trimestral 3\$500; para o interior, a assinatura anual era de 16\$000, a semestral 8\$000 e a trimestral, 4\$000. Desse mesmo lado havia também o número indicando a edição do jornal.

---

<sup>64</sup> Surgiu em 13 de maio de 1840 e deixou de circular e 31 de outubro de 1862. Seu título foi dado e homenagem à data em que as forças legalistas reconquistaram Belém.



**Figura 14: Jornal do Pará**  
**Fonte: Microfilmes Centur**

As informações sobre esse jornal podem ser obtidas no catálogo dos jornais paroaras, na seção de obras raras do Pará, no Centur. Nesse acervo, encontramos disponíveis para pesquisa os anos de 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877 e 1878. Todos esses anos foram usados nesta pesquisa por corresponder à delimitação temporal do estudo.

Nos periódicos que fizeram parte desta pesquisa estão registrados setenta (70) textos classificados da seguinte forma: dezesseis (16) contos, treze (13) textos em prosa, dois (02) romances, cinco (05) novelas, dois (02) textos reflexivos, três (03) poemas/poesias, uma (01) farsa, um (01) texto informativo, uma (01) narrativa e vinte e seis (26) crônicas, conforme podemos observar na tabela a seguir:

TÍTULO	AUTOR	JORNAL	ANO	COLUNA	GÊNERO
<i>Direito de propriedade</i>	H. V. Flock Romano	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Crônica
<i>Consummatum est</i>	C.M.	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Crônica política
<i>Moral duma prostituta no leito de morte</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Texto reflexivo
<i>Aerolithe</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Crônica
<i>Cento por um</i>	Sem	<i>Jornal do</i>	1867	Variedade	Crônica

	identificação de autoria	<i>Pará</i>			
<i>A Ingratidão</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Texto reflexivo
<i>Helena</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Novela
<i>A Pérola do regimento ou a virtude da ação</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Crônica
<i>Conseqüência d' um casamento por cálculo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Prosa literária
<i>Eva</i>	Cônego Francisco Bernardino de Souza	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Crônica religiosa
<i>A noviça</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Conto
<i>A nobreza do trabalho e das artes</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Crônica
<i>A ponte dos noivos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Novela
<i>Minha terra</i>	C. Jacaranda	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Poesia
<i>Apontamentos ethnológicos</i>	Alfredo May	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Crônica Política
<i>A arteira</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Litteratura	Conto
<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	Munuel A. de Almeida	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Folhetim	Romance
<i>Evangelina</i>	Luciano Santos	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Prosa literária
<i>Os dois imperadores</i>	Pinheiro Chagas	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Crônica histórica
<i>Remédio contra exageração da moda</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Crônica
<i>Uma noite no club</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Conto
<i>Rivaes amigas</i>	Albano Coutinho Júnior	<i>Jornal do Pará</i>	1867	Variedade	Prosa Literária
<i>Carta amorosa militar</i>	Extraída do Diário do Rio de Janeiro	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Violação</i>	Sem identificação de	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Litteratura	Poesia



	autoria				
<i>Scena doméstica</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Espécie de Farsa
<i>Dia de Juízo</i>	Padre Antônio Vieira	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Crônica
<i>Em todas as idades da religião</i>	Padre Teodoro de Almeida	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Crônica
<i>Discurso de Victor Hugo sobre o túmulo de uma donzela</i>	(Tradução) C.F.N.	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Litteratura	Prosa Literária
<i>Rosetta</i>	José Ivo, o redivino	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Conto
<i>Seus olhos</i>	Pietro de Castelgandolfo	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Prosa Literária
<i>A Hospitalidade</i>	M.F.C.	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Crônica
<i>Haiva (noite oriental)</i>	Mery	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Prosa Literária
<i>A fundação da igreja cathólica e a fundação da igreja anglicana</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Crônica religiosa
<i>Entre Flores</i>	Cândido Leitão	<i>Jornal do Pará</i>	1868	Variedade	Prosa Literária
<i>Memórias de um bom rapaz</i>	Ronaldo Ortigão	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Variedade	Conto
<i>Flores Estrangeiras</i>	Pietro Castellare	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Litteratura	Poesia
<i>Criminoso endurecido</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>Será Sério?</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Excellencia</i>	Manoel Roussado	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Variedade	Crônica
<i>Julia</i>	F.M. de Supico	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Variedade	Romance
<i>Um amor de mulher</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Litteratura	Conto
<i>Os irmãos siameses</i>	Henri de Parville	<i>Jornal do Pará</i>	1869	Variedade	Texto informativo
<i>Notícia biographica do finado bispo de Pernambuco</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1870	Litteratura	Prosa literária
<i>O caroço de algodão</i>	Do Diário Oficial	<i>Jornal do Pará</i>	1870	Variedade	Crônica noticiosa
<i>Economia de custeio dos</i>	Sem identificação de	<i>Jornal do Pará</i>	1870	Variedade	Crônica noticiosa



<i>caminhos de ferro</i>	autoria				
<i>Boon Upas</i>	A.M. Leone	<i>Jornal do Pará</i>	1870	Variedade	Crônica
<i>Uma visão</i>	Dr. Aureliano José Lessa	<i>Jornal do Pará</i>	1873	Variedade	Narrativa
<i>A filha de Jephthé</i>	Cônego Francisco B. de Souza	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Litteratura	Prosa religiosa
<i>A morte de Sansão</i>	Cônego Francisco B. de Souza	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Litteratura	Prosa religiosa
<i>Contos Macahenses</i>	L.I. Fernandez Pinheiro	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto
<i>Ser Visto</i>	Extraído	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Novela
<i>Muitos annos depois</i>	Lara	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Novela
<i>A vara de açucenas</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Litteratura	Conto
<i>Uma história americana</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto
<i>A condessinha</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto
<i>As três flores</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto
<i>Nos Alpes</i>	Ponson du Terrail	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Prosa literária
<i>Um casamento original</i>	Do Correio da Bahia	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Prosa literária
<i>A última noite de Catalani</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto
<i>As reuniões em família</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Crônica
<i>Anjos chaídos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Prosa literária
<i>Um noivado em Varsovia</i>	Emilio Castelar	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Crônica
<i>A beneficiência delicada</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Crônica
<i>Um aristocrata</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Crônica
<i>Horrores da cheia</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Crônica noticiosa

<i>Mai</i>	Anderson	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto
<i>A virtude laureada</i>	Victoria Colona	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Litteratura	Crônica
<i>Leopoldina</i>	Sem identificação de autoria	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Litteratura	Novela
<i>Victor Hugo e a paz universal</i>	Victor Hugo	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Crônica
<i>A pegureira</i>	F. Guimarães Fonseca	<i>Jornal do Pará</i>	1875	Variedade	Conto

Os contos publicados no *Jornal do Pará* circularam em duas colunas. Cinco (05) não têm identificação de autoria e aparecem em *Litteratura: A noviça, A arteira, Criminoso endurecido, Um amor de mulher e A vara de açucenas*; onze (11) em *Variedade: Uma noite no club*, sem identificação de autoria, *Carta amorosa militar*, Extraído do *Diário do Rio de Janeiro, Rosetta*, de José Ivo, *Memórias de um bom rapaz*, de Ronaldo Ortigão, *Contos Macahenses*, de L. I. Fernandez Pinheiro, *Uma história americana*, sem identificação de autoria, *A condessinha*, sem identificação de autoria, *As três flores*, sem identificação de autoria, *A última noite de Catalani*, sem identificação de autoria, *Mai*, de Anderson e *A pegureira*, de F. Guimarães Fonseca.

Dos textos em prosa, onze (11) são classificados em *prosa literária*, sendo que dois (02) circularam na coluna *Litteratura: Discurso de Victor Hugo sobre o túmulo de uma donzela*, tradução de C. F. N., e *Notícia bioraphica do finado bispo de Pernambuco*, sem identificação de autoria; os outros nove (09) foram publicados em *Variedade: Conseqüência d' um casamento por cálculo*, sem identificação de autoria, *Evangelina*, de Luciano Santos, *Rivaes amigas*, de Albano Coutinho Jr, *Seus olhos*, de Pietro de Castalgandolfo, *Haiva* (noite oriental), de Mery, *Entre Flores*, de Cândido Leitão, *Nos Alpes*, de Ponson du Terrail, *Um casamento original*, do Correio da Bahia, *Anjos Chaídos*, sem identificação de autoria. Há também o registro de duas (02) prosas religiosas em *Litteratura: A filha de Jephthé*, e *A morte de Sansão*, ambos do Cônego Francisco B. de Souza.

Os dois romances que aparecem neste jornal circularam em colunas diferentes. *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel A. de Almeida, foi publicado na coluna *Folhetim* e *Júlia*, de F. M. de Supico, em *Variedade*.

Das cinco (05) novelas, três (03) foram publicadas na coluna *Litteratura: Helena, A ponte dos noivos e Leopoldina*. Nenhuma das três possui identificação de autoria. As outras duas (02) foram registradas em *Variedade: Ser visto*, sem identificação de autoria e *Muitos annos depois*, de Lara.

Dos textos classificados como reflexivos, um (01) apareceu publicado em *Litteratura: Moral de uma prostituta no leito de morte* e o outro intitulado *A ingratição* circulou em *Variedade*; nenhum dos dois possuem identificação de autoria. Os registrados como versos, farsas, informativos e narrativas aparecem com menos frequência. São três (03) textos registrados em poesia, na coluna *Litteratura: Minha terra*, de C. Jacarandá, *Violação*, sem identificação de autoria e *Flores*, de Pietro Castellare. Na coluna *Variedade* aparece a única farsa registrada nos cinco jornais que fazem parte deste estudo, intitulado *Scena doméstica*, sem identificação de autoria, além do texto informativo *Os irmãos siameses*, de Henri de Parville, e o texto *Uma visão*, do Dr. Aureliano José Bessa, classificado como texto informativo.

Em relação as vinte e seis (26) crônicas, encontramos a seguinte classificação: dezoito (18) textos apenas receberam o título de crônicas, duas (02) crônicas políticas, três (03) crônicas noticiosas, duas (02) crônicas religiosas e uma (01) crônica histórica.

Dos dezoito (18) que apareceram como crônicas, quatro (04) apareceram em *Litteratura: Direito de propriedade*, de H. V. Flock Romano, *Aerolithe*, *A nobreza do trabalho e das artes*, ambos sem identificação de autoria e *A virtude laureada*, de Victoria Colona e catorze (14) circularam em *Variedade: Cento por um*, sem identificação de autoria, *A pérola do regimento ou a virtude da ação*, sem identificação de autoria, *Remédio contra exageração da*

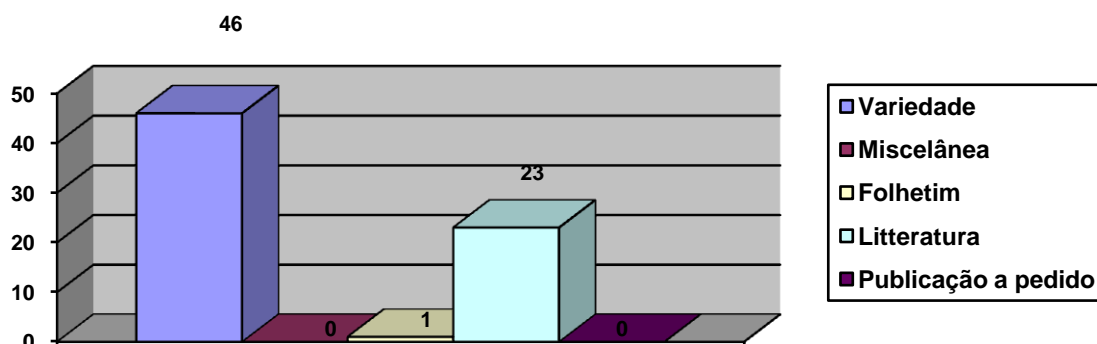
*moda*, sem identificação de autoria, *Dia do Juízo*, do Padre Antônio Vieira, *Em todas as idades da religião*, do Padre Teodoro de Almeida, *A Hospitalidade*, de M. F. C., *Será serio?*, sem identificação de autoria, *Boon Upas*, de A. M. Leones, *As reuniões em família*, sem identificação de autoria, *Um noivado em Varsóvia*, de Emilio Castelar, *A benefecência delicada*, sem identificação de autoria, *Um aristocrata*, sem identificação de autoria e *Victor Hugo e a paz universal*, de Victor Hugo.

As crônicas classificadas como políticas aparecem registradas em *Litteratura: Consummatum est*, de C. M. e *Apontamentos ethnológicos*, de Alfredo May. As noticiosas, em *Variedade: O caroço de algodão*, do Diário Oficial, *Economia de custeio dos caminhos de ferro* e *Horrores da cheia*, sem identificação de autoria. As classificadas como religiosas aparecem em *Litteratura: Eva*, do Cônego Bernardino de Sousa e em *Variedade: A fundação da igreja cathólica e a fundação da igreja anglicana*, sem identificação de autoria. A histórica circulou em *Variedade: Os dois imperadores*, de Pinheiro Chagas.

As crônicas que não possuem subclassificação têm temática diversificada e abordam questões filosóficas, espirituais, amorosas, entre outros assuntos. Em relação às subclassificações dadas às crônicas publicadas no *Jornal do Pará*, o conteúdo corresponde às suas respectivas classificações: religião, política, notícia.

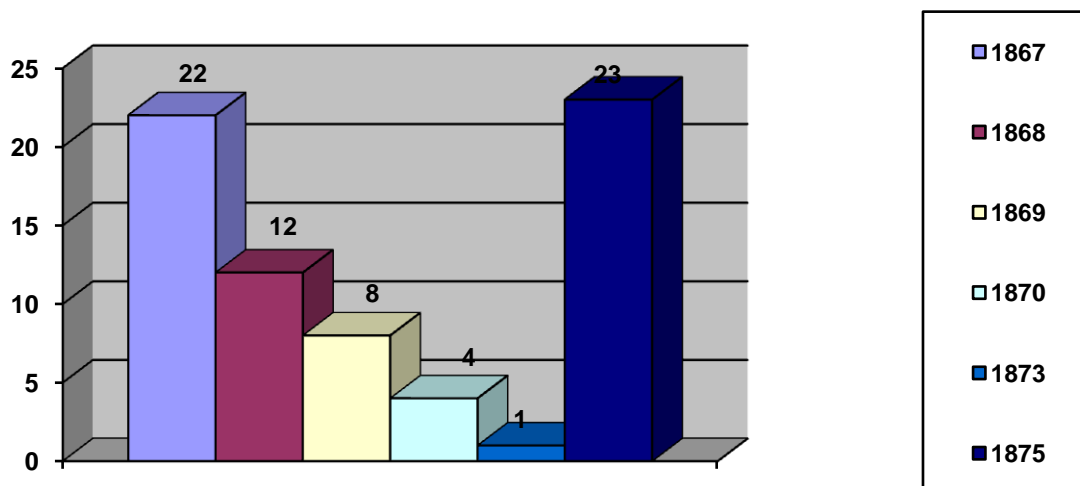
Desses textos publicados no *Jornal do Pará*, quarenta e seis (46) foram registrados na coluna intitulada *Variedade*, vinte e três (23) em *Litteratura* e um (01) em *Folhetim*. Observa-se que nas edições pesquisadas não aparece a coluna *Miscelânea*, conforme mostram os dados no gráfico abaixo:

**Publicações nas colunas do *Jornal do Pará*  
no período de 1860-1870**



O ano de 1875 é o mais expressivo para o *Jornal do Pará* em termos de publicação de textos literários, resultando em vinte e três publicações, seguido do ano de 1867 com vinte e duas. Os demais anos aparecem assim distribuídos: 1868, doze textos; 1869, oito textos; 1870, quatro textos e em 1873 há o registro de apenas um texto.

**Número de textos publicados no *Jornal do Pará*  
no período de 1860-1870**



Neste gráfico observamos que os anos de 1867 e 1875 foram os mais expressivos em publicações de textos literários se comparado aos demais anos. Note-se também que dentre os jornais que fizeram parte deste estudo, o *Jornal do Pará* foi o segundo que mais publicou textos com características literárias, ficando atrás somente do *Diário de Belém*.

Quanto a autoria dos textos publicados no *Jornal do Pará*, vinte cinco (25) aparecem registrando o nome do autor, oito (08) somente as iniciais do nome, trinta e dois (32) sem identificação de autoria, quatro (04) com a expressão “extraído”, um (01) como tradução seguido das iniciais C.F.N.

### 3.4 TEXTOS LITERÁRIOS NO JORNAL GAZETA OFFICIAL (ANÁLISE TABELA IV)

O *Jornal Gazeta Official* teve como fundador o português Antonio José Rabelo Guimarães que foi proprietário de um outro importante periódico que circulou no Império, o *Diário do Gram-Pará*. Era diário e circulou de 1858 a 1866. Seu desaparecimento ocorreu quando o seu proprietário e também redator foi deportado do país por questões políticas.

Era um jornal estruturado em quatro páginas divididas em quatro colunas. Na parte superior da página principal aparecia o título do jornal, centralizado em caixa alta. Acima desse título havia informações referentes à data de circulação: dia da semana, mês e ano. Abaixo, havia a seguinte informação: “A Gazeta Official é propriedade de A. José Rabelo Guimarães”. À esquerda, havia os planos de assinaturas para a capital, e à direita, as mesmas informações destinadas ao público leitor residente no interior.

PARA' ANNO III. N. 26. QUARTA FEIRA 1<sup>a</sup> DE FEVEREIRO 1860.

ASSIGNATURAS.	
CAPITAL.	
Por 3 meses	1\$5000
Por 6 meses	2\$8000
Por anno	4\$5000

ASSIGNATURAS.	
INTERIORES.	
Por 3 meses	1\$3000
Por 6 meses	2\$3000
Por anno	3\$7000

# GAZETA OFFICIAL

A Gazeta Official é propriedade de A. José Rabelo Guimarães

## PARTE OFFICIAL.

### GOVERNO DA PROVINCIA.

#### Extracto do expediente do dia 27 de Janeiro.

**OFFICIOS.**

— Ao Exm. Presidente da Província de Pernambuco. — Foi a honra de receber os dois officios de V. Exc. datados de 9 e 30 de Dezembro ultimo.

— No primeiro serviu V. Exc. communicar ao Excmo S. M. O. Imperador o regresso da sua visita aos Municipios de Iguaçu e Itaipava, para onde partiu a essa Capital no dia 4.º de Dezembro.

— Na segunda communicou V. Exc. Haver o Mesmo Augusto Souto embarcado no dia 23 do referido mez e tanto com sua Magestade a Imperatriz, e seguido na madrugada de 25 para a Província da Paraíba, depois de ter visitado successivamente os Municipios de Olinda, Pernambuco, Cabo de Santo Agostinho, Santo Antonio e Escalvado acompanhado de S. M. a Imperatriz nas visitas feitas nos Municipios de

— Ao mesmo, para mandar fornecer os objectos constantes da relação que lhe é remetida, e que são precisos para a Capella da Colônia Militar de Olinda.

— Communique-se ao Director interino d'aquella Colônia em resposta ao seu officio de 11 do corrente.

— Ao mesmo, remettendo as contas da despesa feita pelo Arsenal de Marinha com os concertos da caima do serviço da Fortaleza da Barra, para que haja de mandar accellerar a sua importância ao Ministerio da Marinha.

— Communique-se ao Inspector do Arsenal de Marinha em resposta ao seu officio de 25 do corrente.

— Ao mesmo, remetta a V. S. para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca um exemplar do Aviso Circular de Minas de 10 de 24 de Dezembro ultimo, mandando cessar o abuso de serem fundidos nos Republicos os dos concertos com a despesa de estagio publico pelas e processos administrativos, que, sempre obteve sempre, em de partes, nos seus termos de parte que estabelece o Regulamento n.º 399 de 21 de Dezembro de 1857.

— Haverem os exemplares habidos dos Officios de Republicos Publicos, Induzidos e Municipios da Província.

— Ao Inspector da Thesouraria Provincial para que pela via dos Republicos Induzidos mande offerecer a Antonio José Rabelo Guimarães a importância dos montantes referidos, que a Província

— Da Mestre da Brigue Hamburguez e Heskey e pedindo a mesma graça para poder seguir para S. Thomaz.

— Do Capitão da 11.ª Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Pernambuco, Nicol Simatunga Bonora Pereira Lima, pedindo um anno de licença para tratar de seus interesses de fora d'aquelle Municipio.

— Conceda ao Supplicante para o seu requerido licença de fins do mez de Abril do corrente anno.

— Do Antonio Galvão Passa, Cabo d'Esquadra do 11.ª Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Pernambuco, pedindo a Presidência para nomear que se lhe passe por certidão a respectiva da mercancia que soffre no dia 10 do corrente.

— Passa não havendo inconveniente.

— Do Manoel da Rocha Vaz, proprietario da Fazenda rural denominada o Sazamento e no Bapicão, pedindo que se lhe seja concedida a licença da Briga, e a Sazamento da Guarda Nacional, para d'aquele serviço até a proxima Páscoa do Conselho de Quebrado, visto como o Supplicante, por sua natureza idêntica, ter facultado no dia 20 ultimo a administração da referida Fazenda.

— Não facia o Supplicante a indenização e restituição da Comarca de Santarém, e do Gregorio Antonio Paes da Silva, que de Bragança, pedindo para que

repartição foi recolhida á caixa Jerônimo Ray Secco por indiciado em crime de homicídio, e na quarter de policia o preso escravo Manoel, por andar fugido.

— A ordem do subdelegado do 1.º districto desta cidade foram presos o portuguez José Francisco Dias, Agosteo Fernandes, e Aniceto Francisco, para averiguações policiaes.

— A ordem do subdelegado do 2.º districto foram presos o preto escravo Domingos, por furto, e a preto Olympia para averiguações policiaes.

*Relação dos passaportes pedidos no dia 31*

Victoriano Antonio Bastos, portuguez, para Maranhão.

João Antonio Guedes, idem para Villa Bella.

Leandro Barbosa Torres, idem para Santarém.

João Pereira de Melo Upton, idem para Maranhão.

João W. Stone, americano, para Santarém.

João Luiz Fagundes, espanhol, para Tabatinga.

Antonio Nazari, português, idem.

Marcos Pereira, idem, idem.

Marcos David, idem, idem.

Abraham Galvão, brasileiro para Santarém.

João Gonçaves Paget, francez, para Maranhão.

O amanuense

**Figura 15: Jornal *Gazeta Oficial***  
**Fonte: Microfilmes Centur**

De acordo com as informações obtidas no Catalago dos Jornais Paroaras existem dezoito meses da *Gazeta Oficial* disponíveis na microfilagem, que compreende os anos de 1858 a 1860. Isso justifica o fato de nosso estudo ser bastante reduzido em relação a este periódico, pois somente os meses entre janeiro e junho de 1860 enquadram-se no recorte desta pesquisa.

Nesse periódico estão registrados onze (11) textos com características literárias classificados da seguinte forma: quatro (04) crônicas, uma (01) narrativa, uma (01) espécie de prefácio, quatro (04) em prosa e um (01) conto, conforme podemos observar na tabela a seguir:

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>JORNAL</b>	<b>ANO</b>	<b>ESPAÇO</b>	<b>GÊNERO</b>
<i>Um ótimo gênero</i>	Carlos Nordier	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Crônica
<i>Notícia do recente cativo</i>	Jeane Adelina Wilson	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Miscellanea	Narrativa
<i>Socorros mútuos</i>	Sem identificação de autoria	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Espécie de prefácio
<i>Por causa de um gato</i>	Extraído	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Prosa literária curta
<i>Phenomeno</i>	Sem identificação de autoria	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Prosa literária curta
<i>Uma mãe</i>	T. Pavez	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Prosa literária
<i>Gotas de Chuva</i>	Courper	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Prosa literária curta
<i>O avarento bemfazejo</i>	Sem identificação de autoria	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Crônica humorística
<i>Tipos estrangeiros- O zampognaro</i>	Sem identificação de autoria	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Conto
<i>Das paixões políticas</i>	Sem identificação de autoria	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Crônica
<i>Da justiça</i>	Sem identificação de autoria	<i>Gazeta Oficial</i>	1860	Variedade	Crônica

Os textos classificados como prosa possuem subclassificações. Um (01) aparece como *prosa literária* publicado em *Variedade: Uma mãe*; três (03) aparecem como *prosa literária*



*curta* publicados em *Variedade: Por causa de um gato*, sem identificação de autoria, *Phenomeno*, sem identificação de autoria, e *Gotas de chuva*, de Courper.

Há também o registro de um (01) conto em *Variedade: Tipos estrangeiros – o zampognaro*, sem identificação de autoria, um (01) *prefácio* em *Variedade*: e uma (01) *narrativa* em *Miscelâneas: Notícia do recente cativo*, de Jeane Adelina Wilson.

Dos quatro (04) textos publicados como crônicas, um (01), *O avaro bemfazejo*, possui a subclassificação crônica humorística e foi registrado na coluna *Variedade*. Os outros três (03) receberam apenas ao nome *crônica* e circularam em *Variedade: (Um ótimo gênero, Das paixões políticas e Da Justiça)*.

Dos onze (11) textos que aparecem registrados na *Gazeta Oficial*, dez (10) foram publicados na coluna *Variedade* e um (01) na coluna *Miscelânea*. Os enredos eram os mais variados, e envolviam desde relações de caráter, paixão pelo mundo da política, discussões acerca do conceito de justiça e até relações maternas. Todos circularam no ano de 1860.

Quanto a autoria dos textos publicados no *Gazeta Oficial* em três (03) apareceram registrado o nome do autor, um (01) as iniciais do nome, um (01) com a expressão extraído e seis (06) sem identificação de autoria.

### 3.5 Textos Literários no Jornal *A Província do Pará* (Tabela V)

*A Província do Pará* teve como fundador José Joaquim de Assis, auxiliado por Francisco Cerqueira e Antônio José de Lemos. Surgiu em 25 de março de 1876, e sua circulação era diária. Inicialmente era um jornal pequeno e, de forma discreta, apoiava o Partido Liberal. Posteriormente, tornou-se independente e imparcial politicamente, transformando-se em uma empresa comercial, conforme atesta Carlos Rocque.<sup>65</sup> *A Província* transformou-se no melhor jornal de Belém e sua duração se estendeu até 1912, ano que

<sup>65</sup> ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001, p. 69.



As informações sobre esse jornal podem ser obtidas no Catálogo dos Jornais Paroaras como os demais periódicos analisados neste estudo. Nesse acervo, estão disponíveis para pesquisa os anos de 1876 a 1911, com exceção dos anos 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1884, 1893, 1894, 1903, 1904, e 1910. No entanto, somente os anos de 1876 e 1877 foram contemplados por esta pesquisa, pelas razões já explicadas anteriormente.

Nesses periódicos estão registrados trinta e oito (38) textos classificados da seguinte forma: oitos (08) contos, sete (07) textos em prosa, um (01) romance, uma (01) novela, dois (02) poemas, uma (01) carta de viagem, um (01) relato de viagem e dezessete (17) crônicas, conforme podemos observar na tabela a seguir:

<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>JORNAL</b>	<b>ANO</b>	<b>COLUNA</b>	<b>GÊNERO</b>
<i>Eu e o imperador da China</i>	Extraído da Reforma Barão de Roussado	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Relato de Viagem
<i>A margarida de Val Flôr</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Conto
<i>Monumento do campo de aclamação</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Crônica
<i>Deus</i>	Alexandre Herculano	<i>A Província do Pará</i>	1876	Litteratura	Poema
<i>A marquesa ensanguentada</i>	Condessa Dash	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Romance
<i>As trocas de Martinho</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Conto
<i>Os jesuítas hoje</i>	Pinheiro Chagas	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Crônica
<i>A carreira do doutor</i>	Hypolito Byron	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Conto
<i>Dois dedos de prosa</i>	Corrulei Dei	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Prosa literária curta
<i>Uma noite no arraial</i>	Marco	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Conto
<i>O salto das sete quedas</i>	Nestor Borba	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Crônica
<i>Jesuralem</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Prosa noticiosa
<i>Não é bom brincar com a dor</i>	Madame Èmile de Girardin	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Novela
<i>Viagem Imperial</i>	Sem identificação de	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Cartas de Viagem

	autoria				
<i>Fevereiro</i>	José Castro y Serrano	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Prosa
<i>Progresso</i>	Cardeal Antonelli	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Crônica
<i>Quem dá aos pobres, empresta a Deus</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Poema
<i>Março</i>	Izidoro Fernandez	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Crônica
<i>História de todos os dias</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Crônica
<i>As tartarugas</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Crônica
<i>Crepúsculos de Inverno</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Conto
<i>A lenda das rosas</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Conto
<i>Abril</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Crônica
<i>Viagens</i>	C.H. Edmond	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Prosa noticiosa
<i>O concerto a sociedade</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica
<i>Folhetim do eco Michaelense</i>	Gaspar da Silva	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Prosa literária
<i>Em família</i>	M. A. Lima	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica
<i>Não há mais purgatório</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica
<i>Frederico</i>	Prosper Merimée	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Conto
<i>Um duello de Morte</i>	Charles Monselet	<i>Diário de Belém</i>	1877	Variedade	Conto
<i>A mãe de Waskington</i>	Armand Carrel	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica
<i>Uma execução na China</i>	W.	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Prosa noticiosa
<i>Cinco minutos de Prosa</i>	Nemo	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica
<i>As mulheres da Turquia</i>	Sem identificação de autoria	<i>A Província do Pará</i>	1876	Variedade	Prosa noticiosa
<i>Leon Gambetta</i>	Simão Pedro da Costa	<i>A Província do Pará</i>	1876	Miscellanea	Conto
<i>A lenda do jogo</i>	Maximiliano de Azevedo	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica

<i>Honroso acto de abnegação e patriotismo</i>	I. de Vilhena	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica
<i>Respostas nobilíssimas dignas de respostas</i>	I. de Vilhena	<i>A Província do Pará</i>	1876	Folhetim	Crônica

Os contos estão distribuídos em três colunas. Cinco em *Folhetim: A margarida de Val Flor*, sem identificação de autoria, *As trocas de Martinho*, sem identificação de autoria, *Uma noite no arraial*, de Marco, *Frederico* de Prosper Merimée; dois em *Variiedade: A carreira do doutor*, de Hypólito Byron, e *Crepúsculos de inverno*, sem identificação de autoria; dois em *Miscelânea: A lenda das rosas*, sem identificação de autoria e *Leon Gambetta*, de Simão Pedro da Costa.

Os textos classificados como prosa possuem subclassificações: uma (01) prosa em *Variiedade: Fevereiro*, de José Castro y Serrano, uma (01) prosa literária curta em *Folhetim: Dois dedos de prosa*, de Corrulei Dei, uma (01) prosa literária em *Variiedade: Folhetim do eco Michaelense*, de Gaspar da Silva e quatro (04) prosas noticiosas, sendo três (03) publicadas em *Variiedade: Jerusalém*, sem identificação de autoria, *Viagens*, de C.H. Edmond e *As mulheres da Turquia*, sem identificação de autoria e uma (01) em *Folhetim: Uma execução na China*, de W.

Na *Província do Pará* há o registro de um (01) romance e uma (01) novela. O romance tem o título de *A Marquesa Ensangüentada* e é de autoria de Condessa Dash e foi publicado na coluna *Folhetim*, espaço do jornal referenciado por Meyer como *rez-de-chaussée* – que significa ao rés do chão – rodapé.<sup>66</sup> Isso confirma que o espaço já possuía lugar de honra no jornal. A novela *Não é bom brincar com a dor*, de Madame Èmile Girardin, também foi publicada no espaço *Folhetim*.

Os dois (02) poemas aparecem registrados em colunas diferentes: *Deus*, de autoria de

<sup>66</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim, uma história**. São Paulo. Companhia das Letras, 1996, p. 57.

Alexandre Herculano, registrado em *Litteratura* e *Quem dá aos pobres empresta a Deus*, sem identificação de autoria, em *Miscelânea*.

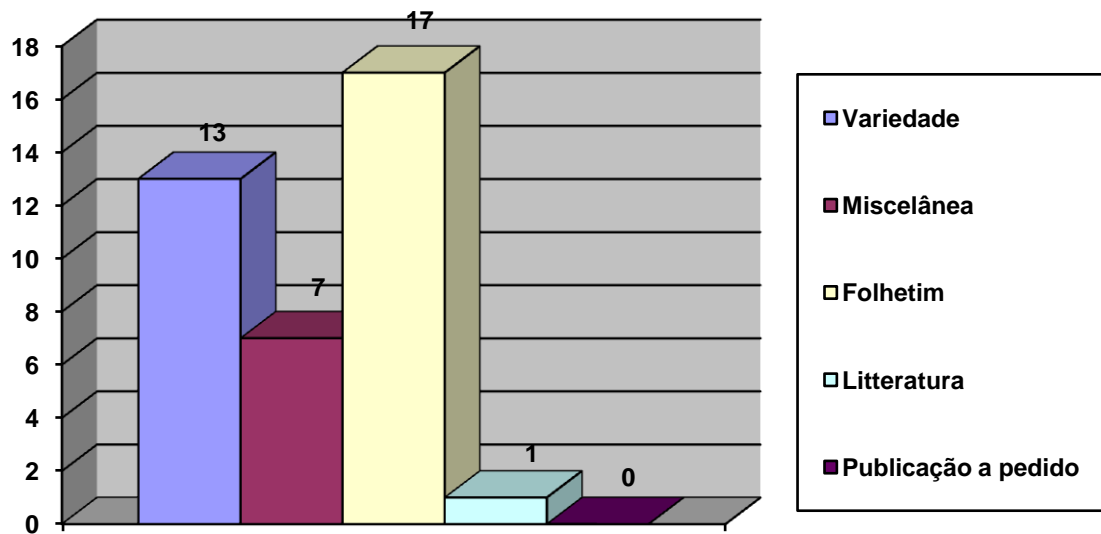
Há o registro de um (01) texto publicado como relato de viagem e outro como carta de viagem. O primeiro, *Eu e o imperador da China*, extraído da Reforma Barão de Roussado foi publicado em *Variedade* e o segundo, *Viagem imperial*, sem identificação de autoria, aparece em *Miscelânea*.

Nesse jornal aparecem com maior frequência os textos classificados como crônicas. No entanto, esse gênero narrativo não apresenta subclassificação como nos demais jornais. São três (03) crônicas em *Miscelânea*: *Monumento do campo de aclamação*, sem identificação de autoria, *Progresso*, do Cardeal Antonelli e *História de todos os dias*, sem identificação de autoria, nove (09) em *Folhetim*: *O concerto a sociedade*, sem identificação de autoria, *Em família*, de M. A. Lima, *A Ceia de Leonardo da Vinci*, sem identificação de autoria, *A mãe de Waskington*, Armand Carrel, *Cinco minutos de prosa*, de Nemo, *A lenda do jogo*, de Maximiliano de Azevedo, *Honroso ato de abnegação e patriotismo* e *Respostas nobilíssimas dignas de respostas*, ambas de I. de Vilhena e cinco (05) em *Variedade*: *Os jesuítas hoje*, de Pinheiro Chagas, *Jerusalém*, sem identificação de autoria, *Março*, de Izidoro Fernandez, *História de todos os dias* e *Abril*, sem identificação de autoria. Não há nenhuma crônica na coluna *Litteratura*.

Em relação à temática dos textos publicados nesse periódico, encontramos críticas sociais, enredos que falam de amor, abordagens políticas, religiosas e filosóficas.

Dentre os gêneros publicados n' *A Província do Pará*, observamos que na coluna *Folhetim* foram abundantes as publicações literárias - ao contrário dos outros jornais que, de forma geral, esses textos circulavam na coluna *Variedade* - contabilizando dezessete textos (17), seguidos de treze (13) textos em *Variedade*, sete (07) em *Miscelânea* e um (01) em *Litteratura*, conforme se apresentam os dados distribuídos no gráfico a seguir:

**Publicações nas colunas do jornal A Província do Pará  
no período de 1860-1870**



O gráfico demonstra também que a coluna *Miscelânea* nesse periódico foi mais recorrente para publicação de textos com características literárias se comparado aos outros jornais que fizeram parte deste estudo.

Quanto a autoria dos textos publicados n' *A Província do Pará* dezoito (18) apareceram registrando o nome do autor, catorze (14) não tinham identificação de autoria, cinco (05) informavam somente as iniciais do nome e um (01) foi registrado pela expressão “extraído”.



## CONCLUSÃO

Este trabalho procurou apreender a relação jornal e literatura que se deu de forma efervescente na Província do Pará na segunda metade do século XIX, especificamente nas décadas de sessenta e setenta, reforçando que o espaço *Folhetim, Miscelâneas, Variedades e Literatura* tornaram-se uma rotina do jornalismo brasileiro, assim como da capital provinciana paraense.

A cidade de Belém, seguindo os mesmos caminhos de outros lugares do Brasil, começou a divulgar nos jornais impressos textos em diversos gêneros, como por exemplo o romance, a novela, o conto, as cartas literárias com o fito de atrair leitores. Foi um sucesso tamanho se considerarmos a capital da província como uma cidade pequena, isolada geograficamente dos grandes centros urbanos e com um número de escolas ainda pequeno. Essa divulgação contribuiu para que as pessoas na Província do Grão-Pará tivessem acesso à leitura de textos com características literárias.

É nesse contexto que circularam as crônicas portuguesas que contribuíram com o desenvolvimento da leitura ao serem publicadas em páginas de um veículo de comunicação acessível ao “povo”: o jornal. A presença desses textos portugueses nos periódicos paraenses reforça a influência dos lusos na Amazônia não somente nos aspectos sociais e econômicos, mas também na divulgação da cultura letrada na Região, como heranças significativas que, de certa forma, contribuíram para a formação de uma literatura de expressão amazônica.

As crônicas que apareciam nos periódicos, naquele tempo, tinham primeiramente o objetivo de comentar os principais fatos ocorridos na sociedade referentes à moda, política, cultura, economia, religião, etc. – e resultaram no desenvolvimento desse gênero narrativo chegando à sua acepção moderna como é concebida hoje, que trata de acontecimentos cotidianos, valendo-se de uma linguagem leve, envolvida pelo seu caráter poético.

Neste sentido, reafirmamos importância do jornal na criação de certos gêneros

narrativos, como o conto e a crônica, além dos textos consagrados, escritos por autores ilustres, a exemplo do romance, conforme afirma Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007).

Enfim, os textos que percorreram as páginas dos periódicos paroaras contribuíram para que o hábito de ler se tornasse cotidiano na vida de leitores que pertenciam a uma comunidade que não tinha qualquer tradição literária, além de servirem para analisar a relação jornal literatura, adentrar nos estudos sobre a memória do livro e da leitura no Pará e examinar as condições de leitura e escrita na segunda metade do século XIX. É um estudo que pode contribuir com futuras pesquisas sobre a relação Jornal/Literatura no século XIX, pois em certa medida modifica o que se afirmava sobre a Literatura brasileira da época.

## BIBLIOGRAFIA

- AMMIRATO, Giacomo, **Homens e jornais**, Rio de Janeiro: Graf. Ed. Amora, 1963.
- AMORA, Antônio Soares. **História da Literatura Brasileira**. 8ª ed. São Paulo, Saraiva, 1974.
- ARRIGUCCI JR., Davi. “Fragmentos sobre a crônica.” – Folha de São Paulo, 01/05/1987.
- BAHIA, Juarez. **Três fases da imprensa brasileira**, Santos/São Paulo: Presença, 1960.
- BERND (Zila), **Littérature brésilienne et identité nationale** (Dispositifs d'exclusion de l'Autre), Paris, L'Harmattan, 1995.
- BLAKE, Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 34ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BROCA Brito. **Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos**. São Paulo: Livraria e Editora Polis Ltda, 1979.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2006.
- COUTINHO. Afrânio. (dir.) **A Literatura no Brasil**, 3 vols., Rio de Janeiro, Sul-Americana/S. José, 1995-1959; 2ª Ed., 6 vols., Rio de Janeiro, Sul-Americana, 1968-1971.
- CRUZ, Ernesto. **A História da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará**. Belém: Conselho Estadual de Educação, 1971).
- Heineberg, Ilana. **La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien a partir des quotidiens *Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)***. Tese de Doutorado, Paris, Université de la Sorbonne Nouvelle – U.F.R. d'Études Ibériques et Latino-Américaines, 2004.
- HOHLFELDT Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900**. Tese de doutorado, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1995.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. “**Texeira e Sousa**”, **O Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1952.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 19956.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MAYER, Marlise. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MEYER, Marlise. **Voláteis e Versáteis. De Variedades e folhetins. De Variedades e Folhetins se fez a chronica**. In: CANDIDO, Antonio. *A crônica e suas transformações no Brasil*. Campinas. SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.
- MENEZES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: livros técnicos e científicos, 1978.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária – Prosa II**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1967.

- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1982.
- MONTEIRO, Benedito. **História do Pará**. Belém: Editora Amazônia, 2006.
- NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas – O Folhetim nos jornais de Mato Grosso**, Rio de Janeiro, Sete Letras, 2002.
- ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001.
- SÁ, Jorge. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. 4ª Ed., 5 vols., Rio de Janeiro, José Olympio, 1949.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle – Époque (1870 – 1912)**. Belém: Paka-Tátu, 2002.
- SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870)**. Brasília: Ed. UNB, 1997.
- SILVA, Inocêncio Francisco. **Dicionário Bibliográfico Português**. , 22 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923.
- SILVA, Fabiana Santos de Oliveira. **Imprensa brasileira no Império**. Brasília: Ed. UnB, 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**, 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- VERÍSSIMO. José. **História da Literatura Brasileira**. 3ª Ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.

**ANEXO**

### O dia de juízo

Muitas cousas sabemos do brande dia do juízo, todas grandes e temerosas, e só duas ignoramos. Sabemos que antes do dia do juízo, o sol que sabia a fazer o dia, se há de escurecer e esconder totalmente com o mais horrendo e assombroso eclipse, que nunca virão os mortaes. Sabemos, que a lua, não propor interposição da terra, mas contra toda a ordem da natureza, se há de mostrar entre as trevas, medonhamente desfigurada, e toda coberta de sangue. Sabemos, que as estrellas do firmamente desencaxadas dos orbescelstes, hão de cahir, e como no mundo infeior n o tem onde caber; há hão de estalar a pedaços , com horrível estrondo, e exhalar-se em vapores ardentes.

Sabemos, que o mar hade saber furiosamente de si, a atroar os ouvidos atônitos com povorosos roncros, e levantando ondas imensas até as nuvens, já não há de bater como dantes as parias, mas sorver inteiras as ilhas e afogar os montes.

Sabemos, que depois destes tristissimos signaes (a que o, evangelho chama principio das dores) entre trovoes, relâmpagos e raios hade chover um dilúvio de fogo, com que se hade accender o ar, seccar o mar e abração a terra: o que nesta universal confusão de hade arder o consumir-se em todos os tres elementos , tudo o que até então respirava, e vivia nelles.

Sabemos, que assim hão de acabar todos os homens, e que assim hade acabar com elles tudo o que a sua ambição com vaidade fabricou em tantas vidas e seculos, e que este hade ser, enfim, o fim do nosso m mundo, lastimosos, mas não lastimável, porque já não haverá quem se lastime delle. Neste vastíssimo deserto e neste profundissimo silencio de tudo o que foi, sabemos, que se ouvira em um e outro emisferio o som de uma trombeta, a cuja voz portentoza se levantarão dequelle (...) universal todos os mortos, vivos mas não virão na mesma, senão em muito diversas figuras, porque cada um trará no semblante o retrato de sua própria fortuna.

Tornando a povoara assim o mundo com todos os que hoje são, com todos os que forão, e com todos os que hão de ser, sabemos que derepente se hade abrir no céu uma grande porta , o que a primeira cousa que todos serão sahir por elle, cercada do respiandores bastantes a escurecer o sól, se ainda houvera , será a mesma sagrada da cruz, em que o redemptor, padeceo, reservada só ella do geral incendia é reunida de todas as partes da christandade, onde esteve dividida e adorada.

Sabemos, que a esta celestial bandeira seguirão, repartidos em nove numerosissimos exércitos. **(Pe. Antônio Vieira.)**

**Em todas as idades da religião**

Em todas as idades a religião tem sido o ludibrio das paixões dos homeas: e o coração corrupto sempre arrastou após de si o entendimento já offuscado. Servire me feciste in peccalis tuis, se quixa Deos há muito tempo: os homens me querem forçar a que eu me accomede aos seus peccados; e querem, seja como for, dobrar a religião de maneira que concorde com os seus appetites; Servire me feciste in peccatis tuis. Que estragos não fez no christianismo do E ypto e da Syria a ambição de Aro? Que horrores se não virão na Africa pela soberba dos Donatistas? Que maldades se não commetterão na Alemanha por um pique de Martinho Lutherio? Que escândalos na Inglaterra pelo amores de Henrique VIII? Que males não tem vindo aos fieis de França pela teima hypocresia dos Jancenistas? E que funestos incendios se não lamentão por toda parte pelo desejo desordenado de lêr, de discorrer, e de fallar sem freio; não como o Evangelho diz, mas como o impio falla?

Arde todo o mundo, irmãos meus, arde; e as labaredas depois de abrazarem toda a terra, tocão nos céos. Até os Hereges, os Judeos, os Moiros, se escandalisão da doutrina que essa nova impiedade espalha por toda parte, pela mãos de mulheres e meninos, pelos officiaes e ignorantes, pelos seculares e leigos; enfim por quem não sabe responder nem se atrave a impugnar; por quem gosta de ceder á nova doutrina, por q̃ é moda e porque lhe convêm. Sabei que fallo pela própria experiencia, e que o meu coração manifesta a dôr, há muitos annos reconcentrada.

Em vão se tem opposto os soberanos: em vão os pastores fulminão as censuras da Igreja: em vão os oradores clamão contra a irreligião e impiedade: em vão os theologos alegão as escripturas; os philosophos as suas demonstrações, os historiadores factos innegaveis: em vão a luz da razão, a virtude, a decencia se querem oppôr, porque uma ode elevada e sublime, uma ode harmoniosa e picante, um distico satyrico e envenenado, uma historia falsa ou corrupta mas bem escripta e engraçada, bastão para render o coração pervertido e o entendimento ignorante.

Quem não sabe que os livros de Veltaire e de Rousseau, que a Marmontel e Renard, que há outros muitos que ainda escondem seus nomes, é que se atribuem todas estas injurias do Céu? Ao principio uma curiosidade que parece innocente faz pegar nestes livros; a harmonia do estylo, a graça nos pensamentos, a phrase nova e delicada, vão insensivelmente encantando o juízo e a alma: até a muitos que os lião só para os pimugnar, a muitos que



conhecião o seu refinado e escondido veneno, a muitos a quem as suas doutrinas são desagradáveis, se lhes pegavam as mãos os livros, e não os podião largar; tão encantador era o seu estylo. E que será nos mais, que lêem por uma curiosidade insaciavel? Nos que vão com innocentes passos pizando o caminho de flores, sem que veção o aspide senão quando sentem a mordedura?

Estes livros não offercem no primeiro aspecto senão um titulo que mova o appetite, e aparte o esrupulo; pouco a pouco se introdu com arte uma irrisão engraçada, q̃ quando mais engraçada e, mais impressa fica na memória; mas logo, para disfarçar a ferida se continúa em materia innocente, e doutrina sincera; porém já o veneno tem entrado no coração, e quando se encontra blasphemia mais dura, já não causa tanto horror. Entretanto a alma começa a balancear duvidosa, e vem a cahir no septicismo, dizendo – quem sabe? e para se tirar da duvida, vai estudando e vai lendo; mas por quem? Não pelos livres admiraveis que a favor da religião tem sahido: não pelo evangelho, e história ecclesiastica tratada com verdade e pureza; mas estudão e leem pelos mesmos impios, que pouco a pouco afoitamente se declarão; e fica o entendimento perdido a alma envenenada, as paixões senhoras e o homem abrutado. Eis aqui a origem, os progressos e o fim da enfermidade a que tenho assistido, tomando o pulso a estes enfermos. **(Padre Theodoro d’Almeida.)**

(Extr.)

Tantos milhões de homens afogados no dilúvio cinco cidades infames horrivelmente queimadas, vinte quatro mil israelitas mortos em um só dia por sua impurezas, e mil outros exemplos que tem visto o mundo, não é tudo prova do quando Deos se horrorisa do vicio impuro, e que o tempo por vezes visivelmente punido com tremendos castigos?

Um santo homem dizia todas as vezes que ouvia o relógio: “Meu Deos! Uma hora de menos no meu viver! Fazei que desta, e de todas as mais que me concederdes, eu vos possa dar uma bôa conta.

(Idem.)

## DIÁRIO DE BELÉM (07-12-1868)

---

### O beijo

Foi dada ao homem a faculdade de faltar para exprimir os seus sentimentos. Digamolo assim seu receio o príncipe de Talleyrand, a cuja astucia diplomatica parecia que a palavra servia mais para occultar os nossos sentimentos do que para os dar a conhecer.

Mas o instincto revelou ao homem que no movimento dos beijos havia outro meio tão fecundo e tão persuasivo como a falta, para manifestar affectos e para os firmar quasi com o valor do juramento. O beijo foi desde os tempos mais afastados a linguagem do coração por excellencia.

Não há com effeito sentimento affectuoso, de qualquer especie, de que o beijo não seja expressão natural e eloquentissima. Por elle se patenteião e consagrão o amor e respeito filial, a affeição conjugal, a amisade, a gratidão, a paz, a beneficencia, a humildade, a alegria e alvoroço, a tristeza, o conforto na desgraça e a confraternidade dos homens em variadissimas conjuncturas.

Em quasi todos os casos a que alludimos, o beijo, entre pessoas de costumes para e respeitadoras da lealdade das promessas, tem quase a força e inviolabilidade do juramento, o considera-se profanação, culposa trahir a confiança inspirada por um beijo, faltar ás estipulações que por elle se confirmarão, ou emprega-lo como interprete de paixões indiguas. De geração em geração tem passado para exemplo de funesia memória o beijo dado pelo apostolo infiel na face de Jesus Christo.

O sentifo attribuido universalmente á expressão: beijo de Judas, revela até que ponto aquella suave entracção dos beijos, advinhada pelo instincto affectuoso dos homens, foi sempre tida na conta de manifestação sincera, dos sentimentos do coração, e quanto a moral condemna a traição que o emprega para os seus perfidos designios. O beijo foi sempre symbolo precioso dos mais santos e puros affectos. O beijo de Judas é symbolo e typo das traições vis e infames.

Dos tempos mais remotos nos conta a historia que o beijo servia então quase universalmente para testemunha de fervor: religioso. Entre os pagãos a homenagem mais pabliez que se tributava aos deuses era um beijo que cada qual dava respeitosamente na sua própria mão, e ainda hoje entre christãos, depois de benzer-se, muita gente pondo em cruz o dedo polegar e o indicador os beija em prova de respeito ao symbol, da Redempção.

Não é menos antigo o costume de beijar a mão das pessoas que nos merecem respeito

e, veneração. Plínio, que lhes quiz indagar a origem, assevera que é de tradição iminmemorial. E de feito encontra-se nos versos de Homero, nas lamentações de Job, e nos costumes da antiga Roma, onde tribunos, consules e dictadores davam a mão a beijar aos seus inferiores. Depois os Imperadores reservavão esta honra aos grandes dignatarios, e o povo contentava-se de lhes tocar no manto ou de os saudar de longe levando a mão á bocca.

Fernande Cortez encontrou no México o costume de beijar a mão que a Europa conservou por longo tempo nas cortes em homenagem aos soberanos e príncipes, e que hoje ainda é usado, como expressão de respeito e cortezia nas relações dos homens com as senhoras.

Nas ceremonias da religião catholica nota-se com frequencia o uso de beijo como signal de adoração ou de fé religiosa. Ao revestir-se dos paramentos sacerdotaes, o padre beija o amito, a estola e a casula; durante o santo sacrificio da missa beija o evangelho, a patena e a pedra d'ara posta ao meio do altar e destinada antigamente a cobri os ossos dos martyres.

Os fieis beijão a cruz, as reliquias e os santos. por humildade e penitencia beijão as lages dos templos, e em testemunho de veneração filial fazem outro tanto ao anel pastoral do bispos, e ao pé do pontifice.

Dos primeiros seculos da igreja data o beijo de paz que davão uns aos outros os fieis durante a celebração das ceremonias religiosas, e ainda se encoatrão vestigios deste uso em algumas regiões onde os fieis dão e recebem o beijo da paz antes da communhão. Na ordem de S. Bento conservou-se por longo tempo esta antiga usança, e nas ordens militares era invariavelmente seguida nas profissões dos cavaleiros.

Inventado pelo instincto, o beijo é e será sempre o fiel espelho dos affectos da alma, a primeira demonstração de bem querer que as ciranças aprendem, e o ultimo adeus ao muado quando nos paroxismos da morte, e já quasi na presença do Eterno o moribundo beija reverente a cruz que lhe apresenta o sacerdote. **(Teixeira de Vasconcellos.)**

### O amor feminil

No período da vida, em que o coração da mulher se abre ás paixões, há duas épocas distinctas. A primeira é aquella em que, tímida e inexperiente, ella se embriaga nesse pélagos de vagas aspirações de um amor sem objectos em que no homem que lhe sorrir crê encontrar o ente predestinado, que Deos enviou á terra para servir de arrimo aos seus passos débeis e incertos, semelhante ao treixo robusto que, firme no solo, deixa enredar-se nos ramos viçosos da hera, e (...)

Balança alegre as pos-antes vergôntees, presas nos braços voluptuosos da fragil planta, que vive da sua seiva sem a exaurir. E' essa quadra perigosa, em que a luta que passa suscita inexplicavel saudade no animo feminil, e os olhos da virgem, que se vão após o astro socegado, descem de lá para a terra humidos de não sentidas lagrimas; em que a donzella se mira na agoa límpida do arroio, tingindo-se-lhe de rubro as faces se percebe que a observam, e vae correndo e rindo colher por disfarce a honina da margem para a atirar á veia do regato, e seguil-a com a vista, que de espaço a espaço vem cruzar de relance com o olhar fito daquelle que em adoração a contempla; em adoração, porque, durante esta idade, no gesto, nos meneios, na voz, no volver d'olhos da virgem, no ambiente que a cerca, ha o que quer que é de anjo: ha o que é do céu.

Nesses annos é tão facil como bárbaro o triumphar do poder quasi infantil, única defenza que a natureza deixou a um espírito ignorante e candido, se não é que para alliadas do pudor poz na alma do homem a generosidade e a poesia.

Depois dos annos da innocencia virginal há no existir da mulher uma phase, em que a sua alma desce das regiões ideaes da pureza para a grosseria realidade do mundo.

Já então se não mira no crystal do arrio, e a lua vem e desaparece sem que ella uma só vez levante os olhos ao céu. Quando o seio lhe arfa ao encontrar o que ama, não precisa de correr a apanhar a bonina para esconder o rubor: o sangue precepita-se todo no coração que se dilata, e ás faces só vem a pallidez. N'esta quadra é a intelligencia que resiste á seducção: o pudor não é poesia, não é uma inspiração espontanea, inexplicavel; é calculo, é raciocinio. N'essa idade o amor que cede é ardente, impetuoso, tiranico, porque a mulher medio toda a extenção do sacrificio; porque não cedeu sem uma luta terrivel, e essa lucta lhe fez conhecer a immensidade da paixão que a venceu, e a consciencia lhe diz que só um amor sem limites póde corresponder ao seu.

A diversidade, porém, das indoles humanas determina as diversas manifestações do

amor feminil nos annos que succedem aos da primeira juventude. Muitas vezes a mulher, posto que despenhada na realidade, é ainda o anjo, anjo não radiante de gloria, não cercado de uma aureola de formosura celeste, mas passando docemente melancolico no meio do desterro da vida, semelhante ao pôr do sol de uma tarde de outono, vivendo só para o homem cuja alma uniu á sua exemplo de abnegação sobrehumana, esquecendo as dôres proprias para consolar as alheias; sofrendo a infidelidade, a ingratição, a impaciencia brutal, sem um queixume, e escondendo até a repressão eloquente das lagrimas. Feliz o que encontrou tal mulher, se Deos lhe concedeu intendimento para a comprehender, coração para aspirar e conter em si um amor quasi infinito! N'outras, quando chega esta idade, as paixões intensas, concentradas, violentas, assemelham se á cratera do Vesuvio, cujas terriveis irrupções são transitorias, mas onde constantemente arde o fogo, e tolda os ares e fumo, mas escorias se agitam sobre os turbilhões da chamma inextinguivel. N'outras, finalmente, os amores intimas são semelhantes aos fogos de (...) escondem-se debaixo de superficie de gelo. Mas a força da explosão não é por isso menos violenta. Aquelle que chega a affastar esse manto de friesa, lá vê ferver os algares, lá ouve o rugir do abysmo, lá sente o calor do incendio. (**Alexandre Herculano.**)

**Quem não gosta de dinheiro?**

Debalde os philosophos modernos a os poetas pregam contra o egoísmo do seculo.

Esses sectarios do desinteresse, que tanto faltam e propugnam pelo desprezo das riquezas, nada mais fazem que seguir as vozes dos antigos mostres, que não professava real de seu. Cada um lá tem as suas razões para pintar as cousas a seu modo; mas eu estou bem certo de que, na ordem social deste globo a que se chama mundo terrestre, os missionários da santa independencia do interesse nada mais fazem que armar a rede aos credulos ouvintes a bem de sua pessoal conveniencia; e já que o sceptismo está em moda, expenderei francamente a minha opinião a este repeito, sem ser sceptico por moda nem por systema, mas pela razão conveniente da propria experiencia, verdadeira mestra de tudo.

Não é isto uma profissão de fé, mas não é tambem um epigramma virulento a generalidade dos homens, porque não ha regra sem excepção. O que digo e affirmo, é, que me causa lastima ver sertos philosophos da chamada escola moderna (cujo verdadeiro epitheto deve ser escola egoística) fallarem contra o dinheiro, ou antes contra aquelles que o possuem, sem se lembrarem de que descem da sublime dignidade de homens para a baixa condicção de brutos, assemelhando se a raposa, que achava verde as maduras uvas por não lhes poder chegar! e quantas vezes acontece isto, não só na chamada philosophia stoica, como nas artes, nas sciencias e na literatura, que tão por baixo anda, em razão de todos querecem anda por cima della!... E a razão é muito clara e propria do seculo das luzes: aquella que não tem geito para governar o que é seu, agarre-se a politica, e quer ser ministro de estado para governar o que é dos outros; o que não descobre fios electricos, ou balões aereostaticos nem faz obras benemeritas quer ter condecorações para figurar e gozar de bons privilegios; o que não se acha habilitado para escrever uma carta particular, rabisca folhetins desenxabidos para alcançar os fóros de litterato, ou menos o titulo de meirinho na republica das lettras: quando digo meirinho, refiro-me á acção generica da palavra: porque o meirinho (synonimo de official de justiça) agarra os que são ladrões, e o meirinho litteratos agarra muitas vezes no que é dos outros, porque não póde agarrar em si mesmo!... (Agradeço aos, leitores que exceptuarem a minha humilde pessoa). Ora, muito bem; quasi que affastei-me do ponto principal com os malditos preambulos e digressões, de que sou muito susceptivel.

Dizia eu, que, os modernos philosophos desprezadores do dinheiro por especulação, em nada se assemelham com alguns dos amigos philosophos desprezadores da riqueza por

systema, se bem que sempre haja algum ponto de aproximação na base capital. Diogenes foi talvez o unco que desprezava o fausto por inutil, e porque tinha disto convicção: e assim mesmo quem sabe se elle não tinha um peccadito occulto na consciencia? – isto é, se a maneira porque vivia não era uma ostentação do falso orgulho?... Será isto um paradoxo? Deixalo ser.

E' preciso porem, (como eu já disse a um amigo meu) não desterrar, nem atacar de frete a cortezia: ha vinte e dous seculos. Os Diogenes seriam ridiculos aos olhos dos ignorantes, porem hoje seriam intolerantes aos olhos de muita gente boa, que se applaude interiormente de ter nascido no seculo das luzes! e a razão é imineute clara e até plausível; a lanterna do Diogenes antigo tinha uma so e verdadeira luz, cujos raios brilhavam sem eclypse; porém os Diogenes modernos usam de uma lanterna de dous vidros... um claro e outro opaco, para alluminar a contento: a lanterna do Diogenese grego tinha a claridade mágica do talento, que reverbora sem transigir e a dos novos e universaes. Diagenes tem a luz phosphorica da conveniencia, pela qual demonstram que o sol e o talento brilham algumas vezes, mas que o ouro brilha sempre!

Os philosophos (sem philosophia) e os poetas, não podem contradizer-me, uns escrevem contra o dinheiro por simples desenfado; e outros porque, batendo nas algibeiras físicas, seguem o rifão antigo: - Quem canta seus males espanta.

Mas não creiam que a sua aboegação chegou a tal ponto, são utopistas de uma côr duvidosa, o que é o mesmo que pregarem moral sem gastar moral.

Quereis uma prova de tudo isto?... Ora pondo três individuos diante de uma meza, em que haja o mais delicado acepipe, o mais bonito livro de poesias, e uma peça de ouro: esses indivíduos devem, porém, ter relação ou inclinação identica com os ditos objectos: por exemplo, um agiota, um gastronomo e um poeta. Dêem-lhe a escolher os tres objectos: o agiota pegará na peça de ouro, porque é esse seu elemento e melhor alimento; o poeta pegará tambem na peça de ouro, porque lhe basta lançar mão da penna para forjar mais versos n'uma hora do que o operário em um dia a cunhar moeda e o gastronomo não deixará igualmente de deitar todo o seu apetite no reluzente manjar, porque com elle compra-se os arepipes mais saborosos, e a medida do paladar de cada um.

Isto é a verdade para em toda sua nudez, aqui não há sophisma, ha logica, o verbo torna-se mudo em frente da acção. Se o seculo é das luzes, é este o espirito do seculo: e bem pode ver-se que o gaz carbonico ou hydrogenico, e tudo que illumina o seculo actual, não brilharia tão extensamente sen o brilho do gaz monetario. Chamem-me embora retrogado ou anti-progressista, a minha opinião é esta, e duvido encontrar quem m'a desminta. O dinheiro é



a mola real deste relógio sublunar chamado terra; e se este relógio muitas vezes não regula, adiantando-se ou atrasando-se, isto é devido ou a muita limpeza ou á muita ferrugem dos ponteiros. Perguntai ao operário, ao artista, ao litterato, ao soldado, ao fidalgo, ao rei, ao philosopho: a todos enfim, o que é que opera melhor na vida operaria, o que é que anima as artes, o que dá brilho as lettras, valor ao soldado, distincção ao fidalgo, esplendor ao rei, e sciencia da razão ao philosopho? (porque este não póde philosophar dormindo, nem fazer como o camaleão que se sustenta do ar)! logo o dinheiro é indispensavel para o corpo e para o espirito. Os nossos corpos se unem neste mundo pelos poderosos laços da influencia monearia, assim como as nossas almas se vão unir lá no céu pela santa influencia das missas, dos suffragios, das boas obras, e das esmolas – que se não fazem sem chelpa.

O homem é o rei da creação e da intelligencia; o dinheiro é rei de todos os homens e de todas as cousas!

Mas para apresentar uma prova mais concludente e precisa, um documento assaz incontestavel, vou fazer uma rapida exposição do poder do dinheiro que servira de abono a esta minha asserção.

Eis aqui, não o problema da vida, mas a decifração do seculo; dos seculos, dirai; de todos os seculos.

Sigamos a ordem nas differentes phrazes do viver humano.

Nasce o homem: se é de gente pobre, vive embrulhado nos trapos; se é rico é mettido em finas cambraias.

Se é pobre, vive no chão, de gatinhas; se é rico, vive acariciado no collo da melhor ama.

Se é pobre baptisa-se pobrememente; se é rico tem mazica'no boptisado, o padre paramenta-se melhor, tem convidados e curiosos, e até os padrinhos dos ricos fazem presente ao afilhado.

Se é pobre, todos mesmo pequeno o achão feio; se é rico, todos o pegam ao collo, festejam-o, acham-lhe graça nas travessuras, dão-lhe doces, e dizem: “Que creança tão bonita!”.

Se é pobre, aprende (ás vezes) as primeiras lettras e chupa na escolla boas dóses de palmatória: se é rico aprende o que deseja, e os professores o tratam com distincção.

Se é pobre vai ser caxeiro (por favor), offial de officio, ou moço de recados; se é rico, vai estudar quanto quer, e acha-se até habilitado para ser negociante, querendo, por lhe não faltar credito nem fraguezia.

Se é pobre, embora estude e tenha intelligencia, não passa de um quidam, e custa-lhe a

alcançar um diploma honroso; se é rico, tudo alcança facilmente, e todos lhe encontram prestimo e talento.

Se é pobre, ainda que seja trabalhador, honesto e economico, chamam-lhe de usurario, de fura-bolos e andam sempre desconfiados que não mude; se é rico, pode ser velhaco, que não falta quem nelle tenha confiança, emprestando-lhe quanto queira; - o tribunal do commercio aceita-o para seu grêmio, e póde quebrar como quizer, porque sempre fica com algumas quebras em rasão de ser matriculado.

Se é pobre, embora tenha bons bigodes, as moças e os pais de familia sorriem-lhe por compaixão; se é rico, não faltam vantagens para um casamento escolhido a seu gosto.

Se é pobre, está sujeito a servir a pátria de baioneta e morchilla, não lhe faltando castigos e mais cousas... Se é rico, embora seja um maricas, alcança sem custo todas as dispensas precisas, e pode usar de espada e dragonas, muito principalmente em tempo de paz.

Se é pobre, vive feito burro de carga, em que todos montam a vontade; se é rico, é elle quem monta nos outros quando lhe apraz.

Se é pobre, embora tenha razão quando brigue, raramente lhe fazem justiça, ou lhe dão razão; se é rico, não lhe faltam advogados nem solicitadores, porque a lei tem muitos recursos, e o dinheiro tem todos os recursos para a lei.

Se é pobre, tem de abrigar-se em algum corredor quando a chuva engrossa, e caminhar a pé quando lhe é preciso; se é rico, tem a toda a hora carros de sohejo.

Se é pobre, só tem as visitas dos credores, que o não deixam; se é rico não lhe faltam convidados nem amigos que o adulem.

Se é pobre, o alfaiate demora-se-lhe com o fato e o sapateiro com o calçado; se é rico, todos l'a apromptam as encammeadas, esmerando-se em servil-o o melhor possivel.

Se é pobre, não passa de um ninguem, de quem se não occupam as gazetas, nem os ministros, nem os agiotas; se é rico, os agiotas procuram-o, as gazetas nomem-o, os ministros fazem lhe venias, e as duas por tres arranjam lhe um titulo de fidalgo.

Se é pobre, custa a dar-se-lhe uma esmola para a sua subsistencia; se é rico, tem mesa farta em toda a parte, boa hospedagem e assignam quantas subscripções apresente.

Se é pobre, o medico demora-se-lhe na sua doença, e o boticario custa lhe a apromptar a receita; se é rico, o medico vai visital-o com preferencia, e o boticario abre-lhe a porta a qualquer hora da noute.

Se é pobre, não passa de uma authemato no tempo das eleições, se é rico, póde aspirar a eleitor, deputado, ou ministro, por que tem todo o direito na força, e acha-se-lhe merito para tudo.

Se é pobre, em morrendo vai para a igreja como fazenda enfardada, o padre resmuaga ás vezes de máo grado um curto repouso, e o acompanhamento é diminuto; se é rico, todos o acompanham no enterro, tem musica, ás vezes officio de corpo presente, as casacas não se importam de apanhar chuva, os poetas prosadores fazem versos e discursos, e os jornaes não se esquecem do necrelogio, narrando as boas qualidades do defunto.

Se é pobre, á atirado em qualquer canto do cemitério, sem ceremonias nem lamentações; se é rico, fazem-lhe as honras devidas, levantam-lhe mausoléos com epitaphios dourados, e os parentes recebem os pezames dos antigos e indifferentes.

Se é pobre, é calcado na pobre terra, como um pobre diabo, pelo coveiro; se é rico, quase sempre tem um carneiro e todos lhe dizem: Requiescat in pace.

Se é pobre, morre na lembrança de todos, se é rico todos vão a missa do sétimo dia, ás vezes dizem-se vinte e trinta por seu respeito, e no aniversário de sua morte ainda apparecem elogios ao finado, acompanhados de saudosas preces.

Quem haverá pois que não goste de dinheiro, para que todos gostem de um homem mesmo depois de morto?!... **(José Victorino da Silva Azevedo.)**

### Excellencia

“Eu penso logo existo” dizia um philosopho da antiguidade pretendendo levar a convicção no espirito dos que negavam a propria existencia contra a logica dos mais notaveis argumentadores. Era a ultima ratio destinada a esclarecer os homens que não podiam crêr que viviam, embora lhes quebrassem a cabeça com a força dos syllogismos, e lhe amolgassem as costellas com as hastes do marmeleiro.

“Eu penso logo existo” seria um argumento irresistivel n’aquelles tempos fabulosos em que toda a gente pensava, quando ainda não se tinham descoberto as maravilhas da imprensa e da divida consolidada. Hoje, porem, que ha uma junta do credito publico que pensa pelos juristas; periodicos que pensam pelos seus leitores, e até governos reparaes como é grande o numero dos felizes que desconhecem os incommodos da cogitação, e consequentemente como é desgraçado o argumento do philosopho antigo.

Ha creaturas ditosas que delegam as funções do proprio cerebro, e ~q resplandecem de alegria quando dizem:

- A minha opinião politica é a do jornal de que sou assignante; reduzi a inscrições todos os meus haveres para não cuidar de arrendamentos nem de cultivacão de terras; e afinal casei-me com uma senhora de juizo só para não ter em que pensar.

D’onde se vê que ha tambem senhoras que se encarregam de pensar pelos maridos.

Ao passo que muitos dos filhos d’este paiz se vão emancipando das faculdades pensantes, a excellencia vae se derramando de dia para dia ameaçando invadir todas as classes e todas as creaturas com a impetuosidade das marés equinoxiaes.

Daqui a algum tempo será mais poderoso o argumento seguinte:

“Tenho excellencia, logo existo.”

Que força mysteriosa é essa que impelle a excellencia desde as altas regiões em ~q surgiu até os cidadãos mais obscuros da republica?

Vimol-a com toda a sua gravidade primitiva, adejando entre os dignatarios mais elevados da côrte, e poisando sobre as cabelleiras empoadas dos desembargadores do paço. Admiramol-a coquette, cheia de graças e perfumes a volitar em roda das senhoras como a borboleta inquieta por entre as rosas; a correr livremente pelos salões, e a suspirar na boca dos que fallavam ás damas. Depois vimol-a crescer, alastrar-se, e como as aguas do rio que, sahindo fóra do leito, vão desvastar as plantações mais proximas, a excellencia já afugentou a

senhoria, e não tarda muito que destrua o vossemecê.

E porque é que isto assim acontece? Seremos todos excellentes, nós os filhos dos Albuquerque e dos Castros fortes? Então faça-se a menção devida na carta geographica da Europa para que a humanidade possa ler: Inglaterra, França, Hespanha e o exm. Portugal.

Diante das ondas de excellencia a senhoria foge envergenhada para as aldeias mais obscuras do pais, e o vossemecê, como o ratinho desalojado da habitação que foi presa da cheia, atravessa as ruas populosas e esconde-se timidamente n'algum lugar de fructa da praça da Figueira, ou dentro da giga d'algum vendilhão ambulante.

A senhoria é um defeito, um aleijão, uma infelicidade, como podem ser as bexigas n'uma cara formosa, a belida num olho rasgado e azul. Darem-nos senhoria na rua vale o mesmo que pizarem-nos um callo, e se é uma senhora que ainda tem a innocencia de nol-a dispensar como demonstração da sua galanteria como demonstração da sua galanteria, ficamos zangados e nervosos, exactamente como se nos fizessem estalar a luva num aperto de mão, como se um espirro nos arrebatasse o botão do collarinho, ou como se ao cumprimentar a namorada para um segundo andar, escorregassemos n'uma casquinha de laranja, e arrebatassemos o coz das calças.

Ha pessoas refractarias á excellencia, que a medem, que a calculam, que a economisam, pretendendo talvez oppor ainda represas contra a inundação universal. E' uma loucura e uma temeridade. Vão lá oppor diques ao Mondego em dias de cheia; vão lá estender as mãos para um edificio que desaba; vão lá desdobrar cobertores entre o sol e a terra para conseguir uma noite artificial.

Entramos em uma igreja em quinta-feira de Endoenças. Sentada na capella-mór está uma creatura elegantíssima, pallida e formosa como poucas, lendo attentamente no seu livro e orações. Como lhe fica bem o ven! Como são delicadas aquellas mãosinhas que sustentam o livro! Levantou os olhos! São negros! Conversa com as senhoras que a cercam, e que são nossas primas ou nossas conhecidas. Ha uma cadeira desoccupada ao pé. Aproximamo-nos; sentamo-nos, e em quanto não principiam os officios, lançamos engenhosamente a rede da conversação em que não pôde deixar de prender-se a senhora formosa que nos accelera os movimentos convulsivos do coração. E' delicioso o seu olhar, e responde aos galanteios com uns sorrisos encantadores que nos alvo roçam. E' tempo de apertar as malhas daquella rede, da qual já não consegue escapar-se o assumpto do matrimonio com todos os sentimentos correlativos.

– Minha senhora, dizemos, semelhante receio não deve existir no espirito de V. Exc.

– Porque?

– Porque ha senhoras que Deus fadou para serem eterna e religiosamente adoradas.  
– O que me parece é que não há um homem só que nascesse para adorar uma unica senhora.

- Pois não há! Não serão muitos, concordo; mas se os há...
- Conhece algum, talvez...
- Conheço, sim, minha senhora; conheço.
- Desejava ver essa raridade; póde mostrar-m’o um dia?
- Se V. Exc, m’o permite apresento-o agora mesmo a V. Exc.
- Creia que estou anciosa.
- Essa maravilha sou eu!
- Vossa senhoria?!

A senhoria percorre-nos a espinha dorsal, e arripia-nos como uma pedra de gelo, ou como se d’aquelles labios vermelhos e delicados saisse esta exclamação plebéia:

– Então não fostes!

Não tem a senhoria poder bastante para arrefecer um namoro que principia auspicioso. Prolonga-se a conversação paralelamente ao officio das trevas, e á medida que se vão apagando as luzes do Gallo, vamos sentido mais accessa a chama do amor, que nos absorve todas as atenções.

Dentro de 15 dias escreve-nos pela posta interna, respondendo ás declarações apaixonadas da nossa primeira carta, e lemos no sobrescripto:

“Idm. Sr.!!!”

O correio que assiste todos os dias ao derramamento prodigioso da excellencia, mira-nos dos pés até a cabeça e lê desdenhosamente:

– Illm. Sr. Fulano de tal.

Se está presente um amigo intimo a quem confiamos o segredo da epistola, e que nos surprehende a innocencia do subrescripto, exclama:

– Parabens! E’s realmente amado! Mas que vejo?! Illustrissimo senhor!!! Visto isso a tua namorada vive em Paio Pires ou em Castro Laboreiro!

E’ que a excellencia anda identificada comnosco como as azas do proprio nariz. Negal-a no sobrescripto de uma carta a um homem que veste camisa lavada todos os dias, é expol-o aos desdens do correio geral, como se lhe chamassem corcunda ou zarolho.

E’ fôra de duvida que esse mesmo homem de camisa lavada é muitas vezes grosseiro e estupido, ignorante e sensaborão, e que se o tratamento se regulasse pelas qualidades predominantes dos indivíduos, seria mais lógico fallar-lhe assim:

- Como está vossa bratalidade?
- Quando parte vossa estupidez?
- Tive hontem o prazer de avistar a esposa de Vossa Ignorancia.
- Fico as ordens de Vossa Sensaboria.

Onde reside pois a excellencia, á qual nos dirigimos, mesmo quando fallamos com pessoas que ainda não a descobriram em si?

A excellencia está em nós como a electricidade está na materia.

Enfregae um vidro com um pedaço de lã, e terais a electricidade. Roçae umas com as outras quatro palavras d'um dialogo ceremonioso, e tereis a excellencia.

Esta é a excellencia de todos os dias; a que parte das regiões do poder é differente na sua propagação, mas manifesta-se tambem por phenomenos semelhantes aos da electricidade.

A Exm.<sup>a</sup> câmara de Lisboa é uma grande pilha. Assim como nem o cobre, nem o zinco, nem a agua salgada produzem separadamente os phenomenos electricos, nenhum dos camaristas, de per si recebe um excellencia do ministerio do reino. Juntae os elementos constitutivos da pilha e tereis a electricidade. Juntae os camaristas em corporação e tereis a excellencia municipal. (**Manoel Roussando.**)

(Folhetim do Diário Popular de Lisboa.)



## A PROVÍNCIA DO PARÁ (09-05-1876)

---

### Noticias do cèo por PINHEIRO CHAGAS.

Quando Saint-Beuve, agora depois de morto e enterrado, chegou ao outro mundo, rodeiou-o logo, como era de esperar, uma chusma de curiosos, que desejava saber notícias frescas do que se passava por cá.

Saint-Beuve, ó Saint-Beuve, bradavam-lhe amigos e inimigos, indiferentes e desconhecidos, o que trazes de novo? Então, dizem que o imperador já outhorgou a liberdade á França?

O que? Perguntava Saint-Beuve, a quem a morte ensurdecera um pouco.

Se a França já tem liberdade? Berravam os curiosos.

Saint-Beuve reflectiu um pedaço:

Olhem! Eu não quero mentir. Quando parti do mundo, pareceu-me que havia effectivamente um cheirosito de liberdade na atmosphaera.

O que! Só pelo olfato é que ella se conhece?

Por ora só esse sentido a poderá perceber. Que, emquanto ao sentido do apalpar, houve ali para as bandas de Belle-ville uns cidadãos que tiveram as costellas apalpadadas, mas não lhes pareceu que fosse pela liberdade. Emfim, é possível. Elles ficaram com as costellas arrombadas... só se a liberdade tem maneiras mais brutas do que d'antes!

Como passa sua magestade o imperador? Perguntou de um lado um prefeito fallecido.

Sua magestade passa alguma cousa incommptado de um callo, e por isso desceram os fundos na Europa.

Coisa grave?

Botas apertadas. Sua magestade calçou uns chinellos, e esta noticia, expedida em telegramma, fez com que os fundos subissem de novo.

E a Hespanha? A Hespanha?

A Hespanha tem sido agitada, primeiro pelos carlistas, depois pelos republicanos.

Explique-nos isso bem, Saint-Beuve, que differença há entre elles?

Uma grande differença, meus senhores... emquanto aos <<vivas>>. Uns dizem: viva a republica! outros: viva D. Carlos! ora, agora quanto aos <<morras>> é que reina a mais tocante uniformidade.

Morra, tudo principalmente.

E Isabel o que diz a isso?

Allega que, visto que se trata de despovoar o paiz, tem ella mais practica do que todos os outros, como prova por attestado, e offerece de novo os seus serviços.

E a Hespanha o que faz?

Constitue-se em monarchia... platônica, sem monarcha.

Porque?

Porque ninguém que acceitar um emprego tão amovivel, se não com reforma garantida e ordenado por inteiro.

E os negócios da igreja? A questão do padre Jacinto? Perguntou um defunto mais bem informado.

Eu lhes digo, meus senhores: os magnates da igreja desfazem-se em doçuras com o padre Jacinto: Vinde, filho transviado, cada vez vos temos mais affecto, dar-vos-hemos sopnhas de mel, matarmos o bezerro gordo; tornaes aos seios dos vossos irmãos, que tanto vos estremecem.

E entretanto, os periodicos clericos resmungam em tom meior: <<Apostata, patife, renegado, há muito que nós previamos a maroteira.>>

Ora, dizem-se em consciencia: se o dono de uma quinta, todo assucarado e amavel, convida o viandante a entrar, em quanto o cão de fila menos diplomatico, rosna e arreganha a dentuça, o que faz o homem prudente?

Passa de largo.

Foi d'essa opinião o padre Jacintho.

Partiu para os Estados-Unidos, dizendo apenas: assim não me embaçam que já fui da confraria.

E concilio?

No concilio hade se discutir, segundo creio a questão do patrimonio de S. Pedro.

O porteiro do céu, de chaves em punho, não dava attenção á palestra; mas ouvindo o seu nome, levantou a cabeça.

Que é lá isso? Perguntou elle.

Saint-Beuve cumprimentou.

Eu estava fallando no patrimônio de S. Pedro.

Então eu agora tenho patrimônio?

E dinheiro também, segundo parece. Tornou Saint-Beuve sorrindo-se.

Eu tenho ouvido fallar no dinheiro de S. Pedro.

O apóstolo ergeu-se indignado.

Dinheiro de S. Pedro! Saiba o Senhor, que entrou no céu nem eu sei como, que eu nunca tive nem mealha. O meu dinheiro era o dinheiro dos pobres. Ouro, que me passasse pelas mãos, transformava-se em alívio dos miseráveis e dos enfermos.

Dinheiro de S. Pedro! Então lá na terra já se não lêem as minhas epístolas? Não disse eu aos pastores das almas, na epístola 1ª, cap. 5º, versic. 2º. <<Apascentae o rebanho de Deus que esta entre vós, tende cuidado d'’elle, não por força, mas espontaneamente segundo Deus: não por amor de lucro vergonhoso, mas de boa vontade?>> E ha quem me atire com dinheiro às faces!... E o patrimonio de S. Pedro! isso que vem a ser?

Vem a ser Roma e os Estados da Igreja, Senhor S. Pedro, que os vossos sucessores possuem.

Ah! Os meus sucessores apanharam a herança de Nero, e chamam-lhe patrimônio meu? Muito obrigado; já me confundem com a Besta do Apocalypse!

Saiba que o meu patrimonio não foi nunca senão o bordão de peregrino, e a cruz do glorioso martyrio. Nunca tive de meu no mundo se não os sete palmos de terra em que me enterraram o corpo. Não conquistei os Estados, mas conquistei as almas com a palavra da vida, e foi essa a herança que leguei aos meus sucessores.

Quando eu residi na capital do impero Romano o Capitolio, o Colyseu e o Foro eram o patrimônio dos Cesares, mas as almas redimidas pelo Evangelho, consoladas pelo clarão do Golgotha, purificadas pela fé, espelhos immaculados em que reflectia o ceo eram o patrimônio do humilde pescador. O que chamais estado da Igreja era o patrimônio de Nero, o doce império das almas era o patrimônio de S. Pedro.

Senhor S. Pedro, socegue!

Nada! Eu quero deslizar isso. Vou já d'aqui ao concilio.

Eu não desejo dar-lhe conselhos, acudiu Saint-Beuve, mas no seu caso não ia.

Porque?

Porque póde soffrer alguma desfeita.

Eu!!!

Vossa Santidade mesmo. Ora diga-me, está disposto a votar a infallibilidade do papa?

A infallibilidade do papa!

Que novo atravimento é esse?

Queira Vossa Santidade responder.

O que? Então eu, S. Pedro, que não me tenho na conta dos piores santos que por cá existem, tão pouco infallivel fui que reneguei Christo três vezes, antes de cantar o gallo, e os

meus sucesores querem julgar-se melhores do que eu! A fraqueza humana fez com que três vezes eu renegasse o meu divino mestre, e elles teem a audácia de se imaginarem tão fortes que nem uma só vez o reneguem!

Ai, Deus do céu, introduziu-se na Egreja o orgulho de Satanaz! Vou ao concilio, não há remedio.

Não vá, acudiram todos em coro de afflicção, não vá que o põem fora como herege.

A isto é que S. Pedro não resistiu, largou as chaves, largou o posto com grave risco de entrar no céu ou o padre Claret, ou Luiz Venillot, e foi a correr lançar-se aos pés de Christo.

Senhor, disse elle, como a Egreja está que eu corro perigo de ser considerado herege!

Também eu, meu pobre S. Pedro, respondeu Christo sorrindo-se. Porque eu disse: Bemaventurados os pacificos, e o papa tem soldados; porque eu disse que um rico difficultosamente entrará no reino dos céus e o Vaticano é opulento; porque eu disse: se alguém te ferir na face direita, offerece-lhe também a outra, e a historia da Egreja que tem na primeira pagina o Calvario, tem na derradeira Mentana; porque eu disse: Bemaventurados os misericordiosos, e o papa condemna a morte. Já vê, pois, que a minha doutrina é considerada falsa. Eu trouxe a liberdade ao mundo, e a Egreja divorcia-se da liberdade; eu fui à mansidão e o amor, e na Egreja a violência impera; eu repelli todos os reinos da terra e o repelli todos os reinos da terra e o meu vigário é o rei.

Ai! S. Pedro, nos tempos da primitiva Egreja estava o mundo profano sepultado nas travas da devassidão e do erro, e era do fundo das catacumbas christãs que surgia a luz serena a illuminar as almas; das catacumbas brotou a cathedral radiosa, mas corrompeu-se cá fora, e, enquanto no mundo continúa a minha luz, a luz da verdade, a esclarecer os corações e os espíritos, é no templo em que devem adorar-me, que se refugia a sombra.

E uma lagrima deslisou pela face augusta de Christo; caindo ficou suspensa na abobada asulada, e logo uma nova estrella se accendeu nos paramos celestes.

Ai! Não será essa infelzmente a alampada do concilio.

21 de outubro de 1869.

### Os jesuítas d'hoje

Assim não estamos ainda livres da sotaina negra! Já nos preocupavam outras idéias, combatíamos outros inimigos, lidavamos e lutavamos n'um campo diverso, quando de subito volta a incommodar-nos o rouco grito de guerra d'estes sobejos de Santo Ignacio. Pugnávamos contra novos adversarios, mas o campo em que se travava a peleja illuminava-o a plena luz, quando de repente arremete contra nós esta matilha de animaes das trévas, que julgou que descera de nove a noite sobre o mundo, porque o fumo dos incêndios de Paris ennublára por instantes o sol da liberdade. Onde é que isto se escondia? Por onde vageavam estes ciganos do Syllabus, que roubaram a S. Francisco Xavier o nome augusto de missionários? Onde estava essa cohorte, que hoje aos apparece, com os mosquetes de Lisboa em 1506, com os arcabuzes de Paris em 1572, e com os espadalhões das Cevennes no tempo de Luiz XIV? D'onde nos surge essa guerrilha sagrada, que se embosca nos confessionarios, e faz no pulpito uma espera ás idéias dos nossos tempos? Como apparecem entre os vivos estes espectros d'inquisidores, estas mumias de jesuítas, esses Tartufos que se conservavam apenas no espirito sarcastico da comedia de Melière, como se conserva em alcool uma serpente coral? O que animou esse exercito archeologico a vir, com as suas couraças ferrugentas, e as suas velhas colubrinhas, reclamar uma posição nos novos campos de peleja? Como ousaram elles em Roma aproveitar o systema liberal que despresam, para lançar na urna, de que zombam, um voto que é uma apostasia? Como é ... 1872 mereceu á Providencia um flagello novo – a phylloxera vastatrix, e uma doença velha – a catharrhal jesuítica? Porque se lembraram estes homens de virem tossir, em plena civilização, imprecações contra a liberdade?

Porque? E', porque julgavam a liberdade morta, e vieram, corvos de todas as matanças, crocitar de novo os Te-Deums de Saint-Barthelemy. Sabiam que os jesuítas vermelhos se tinham desencadeiado contra a sociedade, e vinham elles então, elles, a negra internacional, repastar-se nos cadáveres! Sabiam que a democracia tivera como o christianismo os seus Loyolas, e vieram allegar, para repartirem com os internacionalistas e poder, que tinham calumniado Jesus como os internacionalistas, caluniavam a liberdade! Vinham lembrar que, se nunca tinham natado com petróleo as paredes destinadas ao incêndio tinham marcado com a cruz branca as portas destinadas ao assassinio. A Vésinier e a Vermesch, os pamphletarios ignobeis da communa respondiam com um sorriso cheio de

ufania, com os nomes de José de Maistre e de Luiz Veuillot, que sabem como aquelles desenvolver a theoria do crime e escorar em textos o despotismo, mas que teem a mais... o estylo.

Como aquelles bandidos das costas da Bretanha, que vagneiam, nas noites do temporal, pelas praias agitando os fachos que devem illudir os navegantes, imitando a luz amiga dos faróes, como esses salteadores da procella que saqueiam as relíquias dos naufragos, assim esses homens, na hora tempestuosa que atravessamos vagueiam por ahi, soffregos, ferozes a quererem apossar-se da almas desnorteadas por tantos lugubres naufragios dos espiritos, e a luz, com que pretendem illudir os miseros, é a doce luz do teu Evangelho, ó Christo!

Contra esses jesuitas do Porto, contra os seus acolytos de Lisboa, contra os commisvoyageurs de bentinhos da província não peço eu o regimea de provenção, como o não peço contra os internacionalistas. Se elles porém quizerem introduzir-se na instrucção publica, se quizerem educar a nova geração na hostilidade contra as instituições do seu paiz, como não temos a liberdade de ensino, não podemos consentir que elles ministrem aos nossos filhos, ao menos sem concorrência, o veneno moral. E note-se que eu desejo ardentemente esse grande progresso da liberdade de ensino, mas, enquanto elle não se inscreve nas nossas leis, uma reclamação nesse sentido feita por qualquer dos grupos hostis á sociedade moderna, significa apenas a reclamação de um privilegio. Se esses homens negros; ao manifestarem nas predicas o seu pensamento, offenderem as coisas ou as pessoas que a lei ordena que se respeitem, arranca-se o sacerdote do púlpito, e arroja-se ao banco dos réos, para responder pelos seus abusos de palavra.

São estas as armas legaes que se podem empregar contra a internacional negra e a internacional vermelha, as duas sinistras cúmplices.

Mas realmente causa um supremo tédio e resurreição destes pueris adversarios. No campo especulativo trava-se hoje uma lueta entre o espiritualismo, e o materialismo. Este porém é, enquanto a mim, um orgulhoso desvairamento da sciencia. Levando extremos limites as conquistas do saber humano, o materialismo, ao sentir faltar-lhe debaixo dos pés o terreno esclama desdenhoso: “Nada mais existe”. O positivista pensativo responde: “Não sei. ... espiritualismo arroja ao mundo de ideal ... do pensamento. No meio deste debate ... e grave, o que vem dá fazer estes berradores do pulpito, estes commentadores do confessional, estes escolastas de contos de velhas, com o seu materialismo burlesco e a sua phylosophia ad usum das beatas? Porque a religião dessa gente possui mais seus pontos de contacto com o grupo atheu; é religião materialista.

O seu materialismo é grosseiro como o fetichismo dos Hettontotes, e não requintado como o das escolas modernas. Bochner não reconhece senão dois elementos creadores, a Força e a Materia; os materialistas sagrados não apresnetam á adoração e ao terror das turbas, senão duas cousas: os Bentinhos do ceu e o alcatrão do inferno. E ousam elles dizer-se discipulos de Jesus! A religião de Christo é a mais espiritualista de todas as philosophias: elles são os mais estupidamente materialistas do todos os pregadores do materialismo. Os materialistas scientificos, explorando com o escalpello o cadaver, dectaram desdenhosamente que não encontraram a alma; os materialistas sacerdotaes, esses encontram-n'a a arder no inferno como um braçado de lenha verde. Uma alma, que se queima cota pez, enxofre e betume, póde ser aceita perfeitamente pelo credo materialista. Um poeta americano, que se revelou ha tempos, original, mas grosseiro, compediando nos seus versos as idéias mais avançada, como é uso dizer-se eu antes as idéias mais brutaes, do materialismo contemporâneo, encontra-se com os missionários nas opiniões acerca da alma.

Deseja alguém ver a alma? Vede a vossa propria forma e a vossa physionomia. Como é que o verdadeiro corpo morreria e seria sepultado?

O vosso verdadeiro corpo há de escapar ás mãos dos coveiros, e há de passar para as esferas que lhe são próprias.

O corpo encerra o espirito; encerra a alma, e é a alma; quem quer que tu sejas, quão soberbo e divino é o teu corpo na sua mínima parte!

Não é esta a alma corporal, que os materialistas ecclesiasticos tisnam e requeimam nos caldeirões do inferno?

Ah! é justo que, apesar de trocarem entre si algumas palavras mas ásperas, venham afinal hypocritas e atheus e lançar-se nos braços uns dos outros. Que differença há entre elles? Uns queimam os seus inimigos na terra, queimam-n'os os outros nas regiões de além-mundo. Uns adoram o petróleo na terra, outros fornecem de enxofre e alcatrão as fagueiras infernaes. Se essa differença de combustível abre um abysmo entre as duas seitas, transijam os missionarios com o progresso, e mandem petróleo a Satanaz. Poderemos então chamar-lhe os petroleiros da eternidade. (Pinheiro Chagas.)